



**UFAM**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL**

HERES WANDAME ALBUQUERQUE DOS SANTOS

**POR QUE E COMO ENSINAR A CAPOEIRA  
NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR? Uma  
proposta cultural integrando corpo, lúdico e lazer no  
Ensino Fundamental II**

MANAUS - AM  
2025



Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

---

S237e Santos, Heres Wandame Albuquerque dos  
Por que e como ensinar a capoeira na educação física escolar?  
Uma proposta cultural integrando corpo, lúdico e lazer no ensino  
fundamental II / Heres Wandame Albuquerque dos Santos. - 2025.  
156 f. : il., color. ; 31 cm.

Orientador(a): João Luiz da Costa Barros.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas,  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede  
Nacional, Manaus - AM, 2025.

1. Capoeira. 2. Educação Física Escolar. 3. Cultura Corporal. 4.  
Corpo. 5. Lazer. I. Barros, João Luiz da Costa. II. Universidade  
Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Educação  
Física em Rede Nacional. III. Título

---

HERES WANDAME ALBUQUERQUE DOS SANTOS

# **POR QUE E COMO ENSINAR A CAPOEIRA NA ESCOLA?** Uma proposta cultural integrando corpo, lúdico e lazer no Ensino Fundamental II

Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM,  
como requisito para a obtenção do Título de  
Mestre em Educação Física.

Linha de pesquisa 2: Abordagens  
Metodológicas e processos de ensino e  
aprendizagem.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz da Costa  
Barros.

Data da defesa: 31/03/2025

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Luiz da Costa Barros**  
Universidade Federal do Amazonas

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Cleverton José Farias de Souza**  
Universidade Federal do Amazonas

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana**  
Universidade Federal do Amazonas

---

**Membro Suplente: Prof<sup>a</sup>. Dra. Beleni Saléte Grandó**  
Universidade Federal de Mato Grosso

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Victor José Machado de Oliveira**  
Universidade Federal de Goiás

**Local:** Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia  
**FEFF – Câmpus de Manaus**

Dedico este trabalho a Deus, meu pai celestial, à minha mãe, à minha esposa, ao meu filho, aos meus familiares, aos meus alunos e professores que contribuíram para minha caminhada. Estendo esta dedicatória aos mestres de capoeira, guardiões da cultura e da ancestralidade, que com sua sabedoria e resistência mantêm viva a roda que nos ensina a jogar, lutar e viver.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha mãe, Maria Ivanete, por sua força silenciosa, pelos ensinamentos de dignidade e pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida. À minha companheira, Gleiciane Nunes, pela parceria amorosa e pela paciência nos dias de ausência; e ao meu filho, Henry Lorenzo, cuja existência renovou em mim a esperança e o compromisso com uma educação mais humana e justa.

Ao meu orientador, Professor Dr. João Luiz da Costa Barros, minha gratidão pela escuta generosa, pelos direcionamentos seguros e pela confiança no meu percurso acadêmico. Sua orientação foi essencial para que este trabalho ganhasse corpo, ritmo e sentido.

Aos meus familiares, por cada gesto de incentivo e pela torcida constante — mesmo à distância — que me sustentou nos momentos de maior desafio.

Aos alunos do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens, meu respeito e admiração. Vocês foram muito mais que participantes, foram coautores desta trajetória. Cada fala, cada movimento, cada silêncio e cada sorriso ecoam neste trabalho como expressão viva da potência transformadora da escola pública e da capoeira como linguagem de resistência, identidade e afeto.

À CAPES/PROEB – Programa de Educação Básica, pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, pela oportunidade de formação acadêmica, produção de conhecimento e compromisso com a escola pública.

SANTOS, Heres Wandame Albuquerque dos. **Por que e como ensinar a capoeira na Educação Física escolar?** Uma proposta cultural integrando corpo, lúdico e lazer no Ensino Fundamental II. Orientador: João Luiz da Costa Barros. 2025. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional ProEF - Educação Física em Rede Nacional) – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEFF, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa desenvolvida a partir do Projeto *Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ)*, realizado com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II em uma escola pública de Manaus-AM. O estudo teve como objetivo analisar o processo de construção e implementação de uma proposta pedagógica de capoeira, fundamentada no referencial cultural da Educação Física, bem como os significados atribuídos pelos alunos às experiências formativas vividas ao longo do projeto. A pesquisa foi orientada por referenciais teóricos críticos e pós-críticos da Educação Física, especialmente os estudos de Daolio (1995), Neira (2018), Falcão (1994), Mello (2002) e Freire (2011). Ao longo de 13 encontros, os estudantes participaram de vivências integradas envolvendo corpo, identidade, cultura afro-brasileira, lazer, musicalidade, dança e resistência. A produção dos dados ocorreu por meio de observações registradas em diário de campo e de rodas de conversa dialógicas com os participantes. Os resultados indicaram que a capoeira, quando inserida na escola a partir de uma abordagem crítica, dialógica e culturalmente situada, contribuiu para o fortalecimento do pertencimento étnico-racial, o desenvolvimento da consciência corporal, a valorização da diversidade e o resgate do prazer e do sentido das práticas corporais no ambiente escolar. As falas dos estudantes revelaram experiências de reconhecimento, expressão e transformação, que ressignificaram a presença da Educação Física no currículo. Como recurso educacional, foi elaborado um caderno pedagógico contendo planos de aula, fundamentação teórica, planejamento didático, sugestões de atividades e estratégias de avaliação, com o intuito de apoiar professores na implementação da capoeira na escola pública como expressão da cultura corporal afro-brasileira, histórica e viva — que ensina, resiste e emancipa.

**Palavras-chave:** Capoeira; Educação Física Escolar; Cultura Corporal; Corpo; Lazer.

SANTOS, Heres Wandame Albuquerque dos. **Why and How to Teach Capoeira in School Physical Education? A Cultural Perspective Integrating Body, Playfulness, and Leisure in Elementary Education II.** Orientador: João Luiz da Costa Barros. 2025. 161 f. Dissertation (Mestrado Profissional ProEF - Educação Física em Rede Nacional) – Federal University of Amazonas, Faculty of Physical Education and Physiotherapy, Manaus, 2025.

## **ABSTRACT**

This dissertation presents the results of a qualitative study developed through the project Capoeira at School for Youth (PCEJ), carried out with 9th-grade students in a public school in Manaus, Brazil. The study aimed to analyze the process of designing and implementing a pedagogical proposal for capoeira, grounded in the cultural framework of Physical Education, as well as the meanings attributed by middle school students to the formative experiences lived throughout the project. The research was guided by critical and post-critical theoretical references in Physical Education, especially the works of Daolio (1995), Neira (2018), Falcão (1994), Mello (2002), and Freire (2011). Over the course of 13 sessions, students engaged in integrated experiences involving the body, identity, Afro-Brazilian culture, leisure, musicality, dance, and resistance. Data production occurred through systematic observations recorded in a field diary and dialogical group conversations with the participants. The results indicated that when capoeira is integrated into school through a critical, dialogical, and culturally situated approach, it contributes to strengthening ethnic-racial belonging, developing body awareness, valuing diversity, and restoring pleasure and meaning to the experiences of body culture in the school environment. Students' testimonies revealed experiences of recognition, expression, and transformation, which reframed the presence of Physical Education within the curriculum. As an educational resource, a Pedagogical Workbook was developed, containing lesson plans, theoretical foundation, didactic planning, activity suggestions, and assessment strategies. The material is intended to support teachers in implementing capoeira in public schools as an Afro-Brazilian expression of body culture—historical and alive—that teaches, resists, and emancipates.

Keywords: Capoeira. School Physical Education. Body Culture. Body. Leisure.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Figura 1** - Parte da frente da EETI - Cínthia Régia Gomes do Livramento

**Figura 2** - Infográfico demonstrativo dos encontros

**Figura 3** - Retrato da turma

**Figura 4** - Capa do caderno pedagógico (recurso educacional)

**Figura 5** - Ilustração visual das vozes dos alunos

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1** - Perguntas aplicadas aos participantes do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ)

**Quadro 2** – Elementos do planejamento do episódio 1

**Quadro 3** – Elementos do planejamento do episódio 2

**Quadro 4** - Elementos do planejamento do episódio 3

**Quadro 5** - Elementos do planejamento do episódio 4

**Quadro 6** - Elementos do planejamento do episódio 5

**Quadro 7** - Elementos do planejamento do episódio 6

**Quadro 8** - Elementos do planejamento do episódio 7

**Quadro 9** - Elementos do planejamento do episódio 8

**Quadro 10** - Elementos do planejamento do episódio 9

**Quadro 11** - Elementos do planejamento do episódio 10

**Quadro 12** - Elementos do planejamento do episódio 11

**Quadro 13** - Classificação básica dos movimentos da capoeira trabalhados no PCEJ

**Quadro 14** - Relação de categorias/referenciais

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**BNCC** – Base Nacional Comum Curricular

**CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CEP**- Comitê de Ética em pesquisa

**CETI** – Centro Educacional de Tempo Integral

**DCNS** - Diretrizes Curriculares Nacionais

**EETI** – Escola Estadual de Tempo Integral

**EF** – Educação Física

**LDBEN** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**PCNs** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**PCP** – Proposta Curricular Pedagógica

**PNE** – Plano Nacional de Educação

**PPP** – Proposta Político Pedagógica

**PROEF** – Programa de Mestrado Profissional em Educação Física

**PCEJ** – Projeto Capoeira na Escola para Jovens

**RCA** – Referencial Curricular Amazonense

**PROEF** – Programa de Mestrado em Educação Física

**FEFF** – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia

**SEDUC/AM** - Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas

**TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UFAM** – Universidade Federal do Amazonas

**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## Sumário

APRESENTAÇÃO. ....	16
INTRODUÇÃO. ....	21
1. CORPO, CAPOEIRA E LAZER: REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PLURAL E CULTURAL. .....	24
1.1 O corpo na roda da capoeira: histórias e memórias significativas na cultura afro-brasileira. ....	24
1.2 Reflexões sobre o corpo na roda da capoeira: aproximações com as abordagens pedagógicas da Educação Física Plural e Cultural. ....	26
1.3 Corpo, capoeira e lazer: do jogo legal ao jogo legítimo na escola. ....	29
1.4 Jogando com o corpo na escola e comunidade: diálogo com os autores. ....	38
2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA: NA RODA DA CAPOEIRA COM OS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II. ....	40
2.1 O lugar da pesquisa. ....	43
2.2 Participantes da pesquisa. ....	45
2.3 Procedimentos para a coleta de dados. ....	46
2.4 Procedimentos para a análise de dados. ....	50
2.5 Aspectos éticos. ....	52
2.6 Metodologia de construção do recurso educacional (Caderno Pedagógico). ....	54
3. PLANEJAMENTO. ....	56
3.1 Planejamento dos episódios de ensino na capoeira. ....	56
3.1.1 Plano de Aula 1: Apresentação do Projeto e Diagnóstico Inicial. ....	56
3.1.2 Plano de Aula 2: Capoeira e o Corpo como Expressão Cultural. ....	58
3.1.3 Plano de Aula 3: Capoeira e Lazer. ....	59
3.1.4 Plano de Aula 4: História da Capoeira. ....	60
3.1.5 Plano de aula 5: Capoeira e Educação Física Plural e Cultural. ....	61
3.1.6 Plano de aula 6: Capoeira e as Lutas/Artes Marciais. ....	63
3.1.7 Plano de Aula 7: Capoeira como Jogo e Brincadeira. ....	64
3.1.8 Plano de aula 8: Capoeira e Dança. ....	65
3.1.9 Plano de Aula 9: Capoeira e a Ginástica. ....	67

3.1.10 Plano de Aula 10: Capoeira e Esportivização. ....	68
3.1.11 Plano de Aula 11: Encerramento e Avaliação do Projeto. ....	69
3.2. Possibilidades de avaliação. ....	71
3.2.1 Avaliação Diagnóstica (Freire; Daolio). ....	71
3.2.2 Avaliação Formativa e Processual (Neira; Marcellino; Falcão). ....	72
3.2.3 Autoavaliação (Freire; Mello). ....	72
3.2.4 Avaliação Coletiva e Simbólica (Daolio; Camargo). ....	72
3.3.1 Exemplos de atividades pedagógicas da capoeira. ....	73
3.3.2 Atividades desenvolvidas no PCEJ. ....	73
3.3.3 Sugestões complementares. ....	74
4. PROJETO CAPOEIRA NA ESCOLA: UM IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DE SEUS PRATICANTES. .	74
4.1 Episódios de ensino-aprendizagem da capoeira na escola. ....	76
4.1.1 1º Encontro – 04/11/2024 Apresentação do projeto e seus objetivos. ....	76
4.1.2 2º Encontro – 06/11/2024 Conceituação de corpo. ....	80
4.1.3 3º Encontro – 07/11/2024 Projeção do Filme “Besouro” (Parte I). ....	82
4.1.4 4º Encontro – 08/11/2024 Projeção do Filme "Besouro" (Parte II e discussão coletiva). ....	85
4.1.5 5º Encontro – 11/11/2024 Conceituação do lazer. ....	88
4.1.6 6º Encontro – 12/11/2024 Conceituação histórica da Capoeira (Parte I). ....	92
4.1.7 7º Encontro – 13/11/2024 Contextualização Histórica da Capoeira (Parte II). ....	95
4.1.8 8º Encontro – 13/11/2024 Relação dos Jogos e Brincadeiras com a Capoeira. ....	97
4.1.9 9º Encontro – 22/11/2024 A Capoeira e Suas Relações com a Dança. ....	102
4.1.10 10º Encontro – 22/11/2024 Conhecendo os Instrumentos da Capoeira e Seus Toques Característicos (Parte 2 da relação com os elementos da dança). ....	106
4.1.11 11º Encontro – 22/11/2024 Capoeira e suas relações com a Ginástica. ....	109
4.1.12 12º Encontro: A Capoeira e suas relações com as Lutas e Artes Marciais. ....	113
4.1.13 13º Encontro: Capoeira e suas Relações com o Esporte. ....	117
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS. ....	122
5.1 O salto qualitativo dos alunos. ....	123
5.2 O corpo e seus significados. ....	125
5.3 O lazer e seus significados. ....	126
5.4 A capoeira como resistência cultural. ....	128

5.5 Valorização das práticas lúdicas. ....	130
5.6 Aprendizagem por multimeios. ....	131
5.7 Categorias emergentes: protagonismo estudantil e crítica à escolarização tradicional. ....	133
5.8 Síntese interpretativa dos resultados.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS.....	139
APÊNDICES E ANEXOS. ....	146

## **APRESENTAÇÃO.**

Sou Heres Wandame Albuquerque dos Santos, filho mais novo de uma mãe solteira que sempre batalhou para me proporcionar o mínimo de dignidade possível nesta vida. Nunca tive pai presente, exceto dois padrastos que passaram pela minha vida durante a infância, mas que tiveram pouca influência na minha trajetória.

Sou natural de Capitão Poço, Município de aproximadamente 60 mil habitantes, situado no Pará. Desde pequeno sempre gostei de estar inserido em ambientes educacionais. Eu, não só gostava de aprender, como também de mostrar para meus colegas e familiares o que tinha aprendido. Minha afinidade com as matérias escolares era tão boa que me recordo de ter sido adiantado uma série, ficando na mesma série que minha irmã mais velha. Durante minha trajetória na Educação Básica, lembro-me que recebia muitos elogios por sempre auxiliar meus colegas em suas dificuldades de leitura, matemática e biologia.

Aos 8 anos de idade, tive o meu primeiro contato com o universo da capoeira, quando participei de um grupo chamado "Raízes do Brasil" e nosso mestre se chamava Gafanhoto (apelido de capoeira). Os aprendizados adquiridos com essa experiência, transcenderam os limites da roda de capoeira, moldando competências sociais, culturais, motoras e éticas que se mostraram fundamentais ao longo da minha jornada. Esta vivência despertou em mim uma paixão genuína pela capoeira, uma chama que persiste ardendo ao longo dos anos e que se tornou uma parte indissociável da minha identidade.

Ao iniciar o Ensino Médio, iniciei também um trabalho ajudando meu tio em sua oficina de refrigeração, recebendo uma pequena quantia por semana (R\$20,00) para ajudar nas despesas de casa. Meu objetivo era simples, aprender uma profissão até o fim do Ensino Médio. Contudo, considero que isso foi um "atraso" em minha trajetória de aprendizagem. Isso porque eu não conseguia mais tempo após a escola, pois sempre precisava trabalhar, até os sábados, e isso me fez quebrar o ritmo na evolução escolar.

Quando finalizei o Ensino Médio, no ano de 2011, consegui um emprego de recepcionista de hotel na minha cidade e comecei ganhar pouco mais de um salário-mínimo e acabei me acomodando ainda mais nos interesses referentes à formação acadêmica. Tanto é que, quando me dei conta, já era 2014 e eu nem pensava em prestar vestibular. Apesar disso, eu “caí na real” e resolvi me dedicar para entrar na faculdade. Pedi afastamento da empresa para estudar e, em 2015, consegui passar no curso mais concorrido da Universidade Estadual do Pará (UEPA) na época, o de Licenciatura Plena em Educação Física.

Foram 4 anos de graduação longe 1.500 km da minha terra natal. Nesses 4 anos, eu me dediquei integralmente a essa formação. Desde o primeiro ano de curso, eu já fui inserido nas salas de aula por meio de estágios voluntários, cursos, projetos, feiras acadêmicas, encontros, monitoria no “novo mais educação”, entre outros. Nesses 4 anos, eu participei de projetos de iniciação científica como o bolsa permanência, passei em monitorias, fui bolsista por 2 anos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), participei de organização de eventos como congressos acadêmicos, feiras vocacionais e jogos universitários.

Durante minha graduação tive a oportunidade de viajar e apresentar trabalhos em congressos importantes da área como: II Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer (CBEL em Belém-PA), IX Congresso Euro Americano de Motricidade Humana (Belém-PA), VII Encontro Inter-Regional Norte, Nordeste e Centro-Oeste sobre Formação Docente Para Educação Básica e Superior (ENFORSUP em Palmas - TO), II Encontro Internacional Sobre Formação Docente Para a Educação Básica e Superior (INTERFOR em Palmas - TO), XIV Seminário de Educação Física Escolar (São Paulo - SP), II Congresso Interdisciplinar em Saúde e Educação (Conceição do Araguaia - PA), VII Seminário de Estudos do Lazer (Maringá -PR), entre outros que foram importantíssimos para minha formação acadêmica.

Sinto-me privilegiado por ter participado de programas como PIBID, Novo mais Educação e os Estágios Supervisionados da graduação, pois foram de relevância ímpar para minha iniciação na docência. Esses programas me deram a oportunidade

precoce, não só de estudar o ensino da capoeira, mas também de aplicar essa arte afro-brasileira de forma concreta na educação básica.

Finalizei o curso de Educação física no ano de 2019 com a defesa do meu trabalho de conclusão de curso - TCC contendo o título: “A COMPREENSÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO FUNDAMENTAL I, EM RELAÇÃO AO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE – TDAH”.

Ao retornar para minha cidade natal, tive a felicidade de já estar contratado em uma das suas melhores escolas, denominada “MISSIONÁRIAS DE SANTA TEREZINHA - ESCOLA MENINO JESUS”. Nessa escola, de iniciativa privada, tive a primeira experiência profissional lecionando Educação Física para alunos de 03 a 09 anos. Eu também tive a oportunidade de lecionar aulas de informática para esses alunos, uma experiência que me acrescentou muito na formação. Permaneci nessa escola por um ano e pude aprimorar bastante minhas habilidades como educador. Ainda nesse período, eu me especializei em Educação Física Escolar pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci, UNIASSELVI, tendo como título de monografia: “A INSERÇÃO DA CAPOEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL”.

Em 2020 precisei pedir demissão para assumir o concurso para a Secretaria de Educação e Desporto do Estado do Amazonas – SEDUC/AM, o qual estou com vínculo até hoje. Em seguida, eu recebi um presente de Deus que foi o meu filho, Henry Lorenzo. Nesse mesmo ano, fiz minha 2ª Especialização em DOCÊNCIA NO NÍVEL SUPERIOR. Sempre busquei estar me aprimorando na área a qual escolhi para ser profissional. Através da Educação Física eu considero que alcancei minha dignidade profissional.

No atual Vínculo com a Seduc-AM eu já ministrei aulas para turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e para o Ensino Médio do 1º ao 3º ano. Desenvolvi projetos no Programa Ciência na Escola – PCE, aproveitando a parceria entre a Seduc e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Em 2020

desenvolvi um com o título: “A capoeira como possibilidade interdisciplinar no ensino da cultura afro-brasileira na comunidade escolar: EETI - Cinthia Regia Gomes do Livramento”. E em 2021 com o título: “ATLETISMO E CONSCIÊNCIA AMBIENTAL: propostas inovadoras a partir de materiais recicláveis e espaços alternativos para o ensino do conteúdo na escola”.

Em 2023, tive o privilégio de ser aprovado em 2º lugar no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF. Ao longo da jornada, vivenciei um processo de aprofundamento e transformação. Desde o início, o programa se propôs a aprimorar nossas habilidades como professores da área, contribuindo significativamente para a qualidade da educação no país. Considerando isso, permitam-me compartilhar como essa experiência moldou minha trajetória até o meu atual projeto de pesquisa.

O primeiro passo foi a familiarização com o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Essa plataforma se tornou um espaço crucial para a interação com colegas e professores, além de ser o meio pelo qual tive acesso aos materiais didáticos e atividades. A adaptação ao modelo híbrido de ensino, combinando presencial e virtual, foi desafiadora, mas também enriquecedora.

As disciplinas obrigatórias abordaram temas fundamentais para a Educação Física Escolar. Aprofundei-me em questões como o planejamento pedagógico, metodologias de ensino e a relação entre corpo, cultura e lazer. A reflexão crítica sobre esses temas permitiu-me construir uma base sólida para minha atuação como educador e pesquisador. Além disso, tive a oportunidade de debater e trocar experiências com colegas e professores, ampliando assim, minha visão sobre o universo da Educação Física.

A disciplina de Seminários de Pesquisa em Educação Física foi um marco importante. Ela não apenas forneceu embasamento teórico, mas também me auxiliou na identificação de temas relevantes para meu projeto de pesquisa. A orientação focada em metodologias de pesquisa contribuiu para aprofundar minha compreensão

do objeto de estudo. A partir desse ponto, comecei a delinear meu projeto de dissertação baseado na interrelação entre Capoeira, Corpo, Cultura e Lazer.

O contato com pesquisadores renomados foi inspirador. Suas contribuições metodológicas e visões sobre a Educação Física ampliaram minha perspectiva. Aprimorei minhas habilidades em articular teoria e prática, considerando aspectos culturais, sociais e humanistas. Conhecer de perto essas abordagens, me levou a explorar a capoeira como uma manifestação corporal rica em significados e o Lazer como espaço de construção de identidades.

Hoje, com meu projeto de pesquisa investiguei a relação entre a prática da capoeira e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais em adolescentes. Aprofundei-me na literatura científica, aplicando metodologias qualitativas e buscando compreender como essa manifestação cultural pode contribuir para o desenvolvimento integral dos jovens.

O Mestrado Profissional em Educação Física – ProEF, não apenas contribuiu para ampliação dos meus conhecimentos acadêmicos, mas também transformou minha prática docente. A interação com os colegas, em especial com meu orientador e amigo João Luiz, a reflexão crítica e a busca constante por novos saberes são pilares que sustentaram minha jornada de crescimento pessoal e profissional. Minha jornada no mestrado foi essencial para chegar neste ponto, e continuo aprendendo e evoluindo a cada dia. Portanto, sinto-me orgulhoso dessa linha histórica a qual estou percorrendo e sigo com sede de mais evolução através dos ensinamentos que a Educação Física poderá me proporcionar.

## **INTRODUÇÃO.**

A capoeira, expressão singular da cultura afro-brasileira, constituiu-se como um fenômeno de riqueza histórica, social e simbólica, reconhecido globalmente como patrimônio cultural imaterial da humanidade pela UNESCO (RUFINO; DARIDO, 2015). A partir dessa relevância, propusemos a realização de uma análise aprofundada das práticas pedagógicas da capoeira, ancorada em um referencial cultural, buscando interpretar tanto os significados atribuídos às aulas de capoeira por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, quanto o processo de construção da proposta pedagógica que fundamentou essas experiências. A proposta se estruturou a partir de movimentos próprios da capoeira, experiências lúdicas e rodas de conversa, tendo como eixos principais o corpo, o lúdico e o lazer.

A presente investigação justificou-se pela necessidade de evidenciar o potencial educativo da capoeira para além de sua compreensão enquanto prática física repetitiva, propondo sua valorização como um espaço de resistência, inclusão e reconhecimento cultural. Trata-se de uma manifestação corporal que, historicamente marginalizada, pode ser ressignificada na escola como instrumento de formação humana, crítica e emancipatória (MOURE, 2015; MELO, 2021). Compreendida enquanto processo e produto sociocultural, a capoeira revelou-se uma prática integradora, capaz de articular elementos do corpo, da ludicidade e do lazer, promovendo aprendizagens significativas e transformadoras no campo da educação (GALLARDO, 2021). Sua inserção no contexto escolar permitiu refletir sobre sua potência pedagógica na construção de uma identidade cultural plural, solidária e cidadã, alicerçada em valores de valorização da diversidade e respeito às culturas afro-brasileiras, dialogando diretamente com os escritos de Daolio (1995) e Neira (2018).

Dessa forma, estabelecemos a seguinte questão central de pesquisa: Quais experiências formativas com a capoeira na escola, considerando uma proposta pedagógica fundamentada no referencial cultural, influenciam a aprendizagem e os significados atribuídos pelos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental?

Em consonância com essa problemática, o objetivo geral da pesquisa foi analisar o processo de construção e implementação de uma proposta pedagógica de capoeira, fundamentada no referencial cultural da Educação Física, bem como os significados atribuídos pelos alunos do ensino fundamental II às experiências formativas vivenciadas nas aulas do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ).

Os objetivos específicos foram:

Analisar as relações entre as aulas de capoeira e os significados atribuídos ao corpo, à ludicidade e ao lazer, no contexto de suas dimensões culturais e plurais, bem como da interação dialógica entre os alunos;

Compreender como as práticas corporais lúdicas na capoeira e as mediações pedagógicas realizadas contribuíram para a formação humana e cidadã dos alunos, promovendo valores como consciência crítica, responsabilidade, solidariedade e respeito à diversidade cultural;

Elaborar uma proposta pedagógica fundamentada na capoeira como fenômeno sociocultural, estruturada a partir das vivências dos alunos e do ensino dialógico, para aplicação no contexto escolar.

Para fundamentar as discussões, utilizamos as contribuições de Santin (1990) sobre a concepção histórica do corpo; Daolio (1995) sobre a Educação Física Cultural; Neira (2018) sobre a Educação Física Plural; e de Marcellino (1987) e Camargo (1998) para fundamentar o lazer e sua relação com a educação. Além disso, exploramos os estudos de Melo (2021) e Moure (2015) para compreender a capoeira enquanto prática educativa, histórica e de resistência.

Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa qualitativa em forma de experimento de ensino, conduzida em uma escola pública estadual da cidade de Manaus, com turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II. Utilizamos como instrumentos de coleta de dados a observação participante, entrevistas semiestruturadas e o diário de campo, envolvendo 32 estudantes participantes. A análise dos dados foi realizada com base no método hermenêutico-dialético

(MINAYO, 1992), buscando interpretar não apenas os discursos e experiências dos alunos, mas também o processo de planejamento, implementação e avaliação da proposta pedagógica construída no âmbito do PCEJ.

A proposta buscou enriquecer o currículo escolar ao integrar elementos da cultura afro-brasileira por meio da capoeira, fomentando práticas interdisciplinares e transdisciplinares alinhadas às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A análise, portanto, concentrou-se na inserção da capoeira como conteúdo curricular da Educação Física, entendida como abordagem pedagógica plural e cultural, da qual os discursos dos alunos se constituem como indicadores importantes, mas não exclusivos.

O recurso educacional elaborado a partir da pesquisa não foi concebido apenas como uma exigência formal da CAPES, mas como a materialização da resposta ao problema de pesquisa, expressando-se como um caderno pedagógico que sistematiza o planejamento, a implementação e a avaliação das aulas de capoeira. Esse recurso representa a síntese da proposta pedagógica desenvolvida, oferecendo subsídios teórico-metodológicos para que outros professores possam incorporar a capoeira ao currículo escolar de maneira crítica, cultural e humanizadora.

O trabalho está estruturado em quatro seções: na primeira, discutimos o corpo e suas relações com a história, cultura, Educação Física e com a cultura afro-brasileira, além das aproximações com a Educação Física Plural e Cultural. Na segunda, abordamos a corporeidade em suas inter-relações com o lazer e a capoeira. Na terceira, detalhamos a metodologia e o percurso realizado com os estudantes, e, por fim, na quarta seção, apresentamos os resultados, análises e discussões com base nas atividades do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens.

Ao explorar a relação entre capoeira, corpo e lazer, buscamos demonstrar a importância de abordagens humanistas e culturais na formação dos estudantes, destacando o papel da capoeira como instrumento de desenvolvimento integral, resistência histórica e valorização da diversidade. Por fim, reforçamos que a capoeira, expressão cultural brasileira que combina artes marciais, danças, ginásticas, esportes

e jogos, estendeu-se para além do campo físico, consolidando-se como prática educativa significativa (TUBINO; LUSSAC, 2009). Desde suas origens no contexto da escravidão até sua valorização atual, a capoeira se apresentou como instrumento de empoderamento, resistência e inclusão social (MOURE, 2015), despertando nos estudantes experiências corporais, culturais e históricas com potencial formativo para a vida.

## **1. CORPO, CAPOEIRA E LAZER: REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PLURAL E CULTURAL.**

### **1.1 O corpo na roda da capoeira: histórias e memórias significativas na cultura afro-brasileira.**

Silvino Santin, em sua obra *Educação Física: Educar e Profissionalizar*, propõe o seguinte questionamento: “A educação física deve ensinar a usar o corpo ou a viver o corpo?” (SANTIN, 1999, p. 18), usando-a como ponto de partida para refletir sobre a inter-relação entre a Educação Física e o processo educacional, enfatizando a necessidade de compreender seus fundamentos pedagógicos, princípios filosóficos e objetivos formativos.

Se a educação física é uma ação educativa, será fundamental saber quais são seus fundamentos pedagógicos, tanto princípios filosóficos quanto objetivos propostos. Tal tarefa começa por enfrentar uma série de interrogações, nada fácil de responder. (SANTIN, 1999, p. 21).

Essa perspectiva provoca uma reflexão sobre a responsabilidade da Educação Física na melhoria da condição humana, destacando seu compromisso com a formação para o "saber viver", alicerçada no respeito à vida e na busca por dignidade, equilíbrio e prazer. Como destaca o autor:

A educação física é originalmente educação e deverá continuar assim, porque ela busca convencer que o importante é saber viver. E o saber viver coloca em primeiro lugar o respeito à vida que cada um é, não isoladamente, mas como integrante da teia da vida, na expressão de Fritjof Capra. (SANTIN, 1999, p. 11).

Ao considerar as tendências e perspectivas da Educação Física, Santin nos convida a refletir sobre o papel do componente curricular no desenvolvimento

humano, indo além da dimensão física e integrando-se à formação integral dos sujeitos em suas diversas dimensões. Essa concepção amplia a compreensão do corpo como um fenômeno educativo e cultural, abrindo espaço para refletirmos também sobre os contextos históricos que moldaram sua significação, especialmente no caso dos corpos negros escravizados, que transformaram a dor da exploração em resistência cultural por meio de práticas como a capoeira.

A história revela que os negros africanos tiveram seus corpos explorados e escravizados em múltiplos sentidos. Contudo, para além dessa condição de submissão, utilizaram seus corpos como instrumento de resistência e de resgate cultural, criando manifestações como a capoeira, que se consolidaram como expressões de identidade e memória.

O corpo africano reterritorializou por meio da música, da dança e dos ritos litúrgicos os fragmentos das suas memórias. E assim, na dinâmica cultural das diferenças – na busca do restabelecimento do presente vivido e na reposição das tradições –, constituiu-se o diversificado patrimônio cultural negro-brasileiro, que chamamos de cultura afro-brasileira. (PUKE, 2018, p. 27).

Nesse sentido, o corpo humano não pode ser compreendido apenas como estrutura biológica, mas como construto histórico e cultural, refletindo as interações sociais que o moldam (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011). A capoeira, enquanto vivência cultural corporal, resgata essas tradições, sendo expressão viva da cultura afro-brasileira. Concordamos com Slenes (1992), ao destacar que não se deve subestimar a capacidade dos africanos de manterem vivas suas identidades originais, pois essas heranças culturais foram transportadas nos corpos e ressignificadas em novos contextos, preservando sua essência e seus significados.

“A brincadeira de roda é também a circunscrição de um tempo/espaço em que o saber é praticado como rito: terreiro. Por ali cruzam saberes, poderes mágicos, imantados nos limites dos corpos e memórias” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 45). A roda de capoeira, assim, não é apenas um espaço de jogo, mas um território simbólico de saberes, onde corpos e memórias se encontram, perpetuando a ancestralidade afro-brasileira. Como professores da Educação Física, lidamos com corpos que não são

apenas biológicos, mas social e culturalmente construídos. Le Breton (2007) reforça essa ideia ao afirmar que a existência é corporal e que os significados atribuídos ao corpo variam conforme os contextos culturais. Ludorf e Ortega (2013) acrescentam que o professor de Educação Física atua diretamente sobre as práticas corporais, mediando-as com o uso do próprio corpo.

Essas múltiplas linguagens, a desenvoltura corporal, a interação com os demais participantes do entorno, em suma, as diversas habilidades envolvidas no jogo, fazem da capoeira uma arte complexa, uma arte para uma vida toda de aprendizado, mas que pode também, em pouco tempo de contato, mobilizar muitas potências. Apesar de sua expansão por todos os continentes, paradoxalmente no Brasil a capoeira não tem ainda a devida inserção na educação. (GALLEP, 2022, p. 07).

Nesse cenário, Daolio (1995) defende uma Educação Física que considere a dimensão cultural do corpo e dos conteúdos, reconhecendo o direito de todos à prática, independentemente de suas singularidades. A capoeira se estrutura no ritual da roda, espaço de interação e constituição de sentido, onde o jogo é expressão das relações entre os corpos.

A capoeira, como cultura corporal de movimento, simboliza a identidade cultural brasileira, sendo simultaneamente jogo, dança, esporte, brincadeira e, acima de tudo, uma forma de luta (SILVA; GONZALEZ, 2010). Rufino e Darido (2015) explicam que, ao ser reconhecida como patrimônio cultural, a capoeira se reinventou e passou a ter múltiplos significados, inclusive no campo educacional. A UNESCO, ao reconhecê-la como patrimônio imaterial da humanidade, reforça essa pluralidade de sentidos. No campo da Educação Física Escolar, é essencial discutirmos criticamente a capoeira como conteúdo pedagógico, pois ela possibilita a valorização da cultura afro-brasileira e o desenvolvimento integral dos alunos.

## **1.2 Reflexões sobre o corpo na roda da capoeira: aproximações com as abordagens pedagógicas da Educação Física Plural e Cultural.**

Atualmente, a Educação Física passa por reconfigurações significativas, especialmente quanto à compreensão do corpo e suas manifestações. Essa subseção

propõe uma reflexão sobre o corpo, considerando as abordagens pedagógicas Plural e Cultural, e as influências filosóficas que moldaram sua compreensão.

Santin (1990) aponta que a Educação Física tradicionalmente concebe o corpo como máquina, portador de energia motora, desconsiderando sua dimensão simbólica e existencial. Essa concepção reduz o corpo a instrumento, esvaziando-o de sentido. O autor ressalta a importância de reconhecê-lo como presença do ser no mundo, com potencialidades a serem exploradas de forma equilibrada. Nascimento (2018) complementa ao afirmar que as práticas da cultura corporal – dança, luta, jogo e ginástica – possuem significados específicos para os sujeitos que as ensinam e vivenciam, sendo expressão de sua singularidade formativa.

A visão tradicional, sustentada pelo dualismo mente-corpo, perpetua a separação entre corpo e alma. Platão valorizava a alma, rebaixando o corpo, ideia que se perpetuou. Descartes (1937), com sua máxima “penso, logo existo”, reafirma essa cisão, considerando a mente superior ao corpo. Realle e Antiseri (2004) explicam que, para Descartes, o corpo é físico e divisível; a mente, indivisível e consciente.

A Modernidade tentou libertar o corpo da teologia, mas o reduziu a objeto científico. Santin (1990) critica essa submissão do corpo à técnica, silenciado por modelos teóricos e privado de expressividade, como ocorre em aulas que ensinam capoeira apenas como técnica, sem considerar seu valor simbólico e cultural.

Le Breton (2011) analisa os significados do corpo na Modernidade e destaca o desafio de equilibrar submissão científica e expressividade simbólica. Daolio (1995) observa que o corpo é meio de contato com o mundo, influenciado por padrões culturais. Cavalcanti (2005) denuncia a busca pelo “corpo perfeito” como ideologia alienante.

Merleau-Ponty (1945) reforça que o corpo é o veículo do ser no mundo. Santin (1990) defende um “olhar clínico” para compreender o corpo em suas nuances. Foucault, citado por Santin, denuncia o uso social do corpo e convoca a Educação Física a romper com interesses econômicos e políticos.

As reflexões apontam a necessidade de uma Educação Física que transcenda o reducionismo e valorize a pluralidade do corpo. Daolio (1995) propõe uma Educação Física Plural, que considera as diferenças como condição de igualdade, permitindo que todos tenham acesso à prática.

A Educação Física Plural entende que a educação física escolar é uma prática cultural, com uma tradição respaldada em certos valores. (...) Essa abordagem parte do pressuposto de que os alunos são diferentes, recusando o binômio igualdade/desigualdade para tecer comparações. Sendo eles diferentes e tendo a aula que alcançar todos os alunos, alguns padrões de ensino terão que, necessariamente, ser reavaliados. (DAOLIO, 1996, p. 40-41).

Ao tratar os elementos da cultura corporal como conhecimentos a serem reconstruídos pelos discentes, Daolio (1996) valoriza a experiência dos alunos e rejeita padrões técnicos rígidos. Mauss (1974) apud Daolio (1995), considera todo movimento humano uma técnica corporal, pois carrega tradição e eficácia simbólica.

Neira (2019), por sua vez, propõe a Educação Física Cultural, que valoriza a diversidade e combate preconceitos e exclusões curriculares. A partir do multiculturalismo crítico, o autor defende a distribuição equilibrada das práticas corporais, fortalecendo identidades culturais marginalizadas.

A preocupação com o privilégio concedido a determinadas identidades, conhecimentos e discursos em prejuízo de outros, leva os professores e professoras que colocam em ação o currículo cultural a modificar as condições de minimização e desqualificação dos saberes pertencentes aos grupos não hegemônicos. (NEIRA, 2019, p. 49).

Ao fomentar a reflexão crítica e a participação ativa dos estudantes, a Educação Física Cultural amplia os horizontes da prática pedagógica, fortalecendo a valorização da cultura corporal em suas múltiplas manifestações.

Considerando as reflexões apresentadas, fica evidente que as abordagens da Educação Física Plural e Cultural exigem práticas pedagógicas que rompam com métodos tradicionais tecnicistas e mecanicistas. Para sistematizar aulas fundamentadas nessas perspectivas, o professor deve iniciar pela identificação das

vivências culturais e das experiências corporais prévias dos alunos, incorporando-as aos planejamentos didáticos. Atividades como rodas de conversa, debates e jogos cooperativos podem ser estratégias eficazes para mobilizar a participação ativa dos estudantes. Além disso, o professor precisa privilegiar metodologias que permitam ao aluno reconhecer, valorizar, reconstruir criticamente e transformar os conteúdos da cultura corporal. Dessa forma, a aula de Educação Física deixa de ser uma mera reprodução técnica, passando a se constituir como espaço de diálogo, expressão cultural e construção coletiva de saberes (DAOLIO, 1995; NEIRA, 2019).

### **1.3 Corpo, capoeira e lazer: do jogo legal ao jogo legítimo na escola.**

Cavalcanti (2005) destaca que o conceito moderno de corpo está intrinsecamente ligado ao individualismo, muitas vezes desconsiderando as práticas coletivas e culturais nas quais o corpo está inserido. A capoeira, enquanto manifestação cultural afro-brasileira, permite ressignificar essa concepção ao estabelecer uma conexão profunda entre corpo, cultura e lazer, rompendo com as perspectivas individualizantes e fragmentadoras do corpo no contexto educacional.

A capoeira, nesse sentido, constitui-se não apenas como prática corporal, mas sobretudo como expressão cultural que possibilita a vivência de aspectos lúdicos e culturais inerentes ao lazer. De acordo com Silva e Gonzalez (2010), a capoeira representa uma síntese singular de dança, jogo, esporte e luta, expressando em sua essência o encontro criativo entre corpos, marcado pela espontaneidade e pela liberdade de movimentos que desafiam modelos técnicos padronizados.

Além disso, a inserção da capoeira na escola oportuniza uma reflexão crítica sobre a dimensão educativa das práticas corporais. Para Foucault (2014), o corpo no ambiente escolar é frequentemente submetido a processos disciplinares rígidos, que podem limitar suas potencialidades expressivas. A capoeira, ao contrário, promove a liberdade de expressão, a improvisação e a resistência frente às normativas disciplinares, permitindo que os estudantes vivenciem experiências corporais mais significativas e libertadoras.

Essa dimensão lúdica, proporcionada pela roda de capoeira, não se restringe apenas ao jogo em si, mas compreende também o universo simbólico que envolve música, ritmo, socialização e brincadeira. Simas e Rufino (2018, p. 45) descrevem a roda como um "terreiro de saberes", onde corpos, histórias e memórias se entrelaçam, fortalecendo os laços comunitários e o respeito mútuo entre os praticantes.

Adicionalmente, destaca-se o valor educativo do lazer na capoeira, uma vez que a prática possibilita o relaxamento, a diversão e a promoção de valores sociais e afetivos como respeito, solidariedade e pertencimento (Mello, 2021). A prática da capoeira, assim entendida, transcende a mera exercitação física, assumindo-se como uma vivência significativa de lazer, que promove o desenvolvimento integral dos sujeitos em suas dimensões cognitivas, afetivas e sociais.

No contexto escolar, portanto, a capoeira pode ser compreendida como um jogo legítimo, diferente de um jogo apenas legalizado por normas ou regulamentos oficiais. Um jogo legítimo envolve um sentido de pertencimento, significação cultural e participação ativa dos envolvidos, conforme observado nas experiências pedagógicas vividas no Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ). Ao jogar capoeira, os alunos são desafiados a improvisar, criar e interagir, desenvolvendo, simultaneamente, habilidades motoras, sociais e emocionais.

A compreensão da capoeira no ambiente escolar implica reconhecer que essa prática ultrapassa o simples movimento corporal ou a execução técnica de gestos. Nesse sentido, é fundamental considerar que as práticas corporais são produtos históricos e sociais que trazem consigo significados que transcendem a atividade física, envolvendo elementos simbólicos, culturais e sociais. Assim, abordagens meramente prescritivas e baseadas exclusivamente no desempenho físico se revelam inadequadas, pois limitam a compreensão crítica e cultural da capoeira, afastando-a das experiências concretas e significativas dos estudantes (FALCÃO, 2004).

José Luiz Cerqueira Falcão (2004; 2006; 2009) sustenta que o ensino da capoeira na escola precisa romper com a lógica das metodologias prescritivas e mecânicas, propondo uma abordagem que valorize a capoeira como um complexo

temático capaz de articular conteúdos culturais, históricos e sociais na Educação Física. Para o autor, ao adotar a capoeira como um complexo temático curricular, os educadores têm a oportunidade de integrar diferentes saberes e estabelecer conexões com a realidade social dos estudantes, favorecendo uma aprendizagem autônoma, crítica e dialógica.

Mello (2005) reforça esse argumento ao defender que, para efetivar a capoeira como parte da Cultura Corporal no contexto escolar, é imprescindível abordar seus conteúdos como construções históricas e sociais, refletindo sobre suas origens como prática de resistência dos escravizados no Brasil colonial. Para o autor, a abordagem histórica proporciona uma conscientização cultural e crítica entre os alunos, valorizando a cultura afro-brasileira e promovendo uma emancipação social efetiva. Ao mesmo tempo, essa perspectiva contribui para superar práticas alienantes e fragmentadas ainda muito presentes nas aulas tradicionais de Educação Física.

Essa compreensão crítica e histórico-cultural da capoeira também é enfatizada por Neves (2021), ao refletir sobre o papel do corpo na capoeira e sua influência na práxis educacional. Fundamentado nas reflexões de Frederico José de Abreu, o estudo destaca como a capoeira promove uma educação emancipatória, integradora e sociocultural. Os corpos praticantes da capoeira são vistos como agentes ativos de resistência e transformação social, proporcionando uma experiência sensorial, emocional e educativa que ultrapassa a dimensão motora ou técnica. Portanto, a prática capoeirística, quando inserida no ambiente escolar, oferece possibilidades únicas para a formação integral dos estudantes, construindo cidadania, identidade cultural e consciência crítica.

Nesse contexto, Silva (2011) defende que as experiências corporais da capoeira devem ser abordadas como uma linguagem corporal que integra gestualidade, musicalidade, historicidade e interação social. Seu estudo aponta que um currículo escolar que valoriza a dimensão gestual e comunicativa da capoeira permite aos estudantes explorar uma vivência corporal que não é apenas física, mas também cultural e pedagógica. Silva observa ainda que o desafio fundamental reside

em superar as barreiras existentes entre teoria e prática, entre o "legal" (institucionalizado) e o "legítimo" (vivenciado). Essa tensão, aliás, é um ponto-chave que precisa ser equacionado para garantir a efetividade e autenticidade da capoeira na Educação Física escolar.

A relevância da distinção entre o "legal" e o "legítimo" também é abordada por Falcão (1994; 2009), que alerta para os riscos de uma escolarização da capoeira desvinculada de sua autenticidade cultural e histórica. O autor argumenta que a institucionalização da capoeira, embora necessária para sua inserção curricular, deve preservar sua essência cultural, evitando que práticas pedagógicas simplistas ou esportivizadas levem à perda dos significados culturais originais. Nesse sentido, o educador precisa adotar uma postura crítica, consciente e culturalmente sensível, assegurando que os estudantes tenham acesso não apenas aos aspectos técnicos e físicos da capoeira, mas, sobretudo, às suas dimensões lúdicas, históricas afetivas e sociais.

Campos (2009), ao refletir sobre o legado de Mestre Bimba e sua pedagogia para a Capoeira Regional, também contribui significativamente para essa discussão. Segundo o autor, Mestre Bimba desenvolveu uma metodologia lúdica e crítica que possibilitava aos estudantes uma aprendizagem prazerosa e autêntica, integrando elementos culturais, corporais e sociais. A proposta pedagógica de Bimba é vista como um exemplo claro de como a capoeira pode ser incorporada ao currículo escolar sem perder sua legitimidade cultural. Nesse contexto, o corpo é compreendido não apenas como instrumento de luta ou defesa pessoal, mas como espaço privilegiado de socialização, expressão criativa e desenvolvimento integral dos estudantes.

Freire (2003) complementa essas reflexões ao ressaltar a necessidade de uma Educação Física que integre corpo e mente, defendendo uma pedagogia baseada no interacionismo e construtivismo. Freire argumenta que o corpo não pode ser tratado de maneira fragmentada ou descontextualizada, enfatizando que a aprendizagem corporal é construída socialmente por meio da interação, do diálogo e da experiência prática. Nesse sentido, a capoeira se alinha às abordagens propostas por Freire,

oferecendo aos estudantes um ambiente colaborativo e significativo para explorar o corpo como expressão da cultura e do lazer, favorecendo o desenvolvimento integral do indivíduo.

Abordar a capoeira na escola a partir da perspectiva corpo, cultura e lazer exige uma postura pedagógica crítica e integradora, que supere dicotomias tradicionais entre teoria e prática, legal e legítimo. Essa abordagem ajuda a ampliar as possibilidades educacionais da capoeira, mas também assegura que sua inserção no currículo seja autêntica, significativa e culturalmente relevante para todos os envolvidos no processo educativo.

Ao discutir o papel do corpo na Educação Física e especificamente na prática da capoeira escolar, é fundamental refletir sobre o conceito de lazer e sua importância para a formação integral dos estudantes. Nesta perspectiva, entende-se o lazer não apenas como um espaço-tempo destinado ao descanso ou diversão, mas sobretudo como uma dimensão essencial da vida humana, ligada diretamente à humanização e à qualidade das relações sociais (MARCELLINO, 1983; CAMARGO, 1999).

Marcellino (1983, p. 17) ressalta que o lazer não pode ser tratado como uma simples "atividade de sobremesa" ou "moda passageira", mas como uma "questão mesmo de sobrevivência humana, ou melhor, de sobrevivência do humano no homem". Essa concepção amplia o entendimento da capoeira no ambiente escolar, pois a prática deixa de ser uma mera atividade física complementar, assumindo uma função educativa capaz de contribuir para o desenvolvimento integral dos jovens. É importante destacar que Marcellino (1983, p. 28) defende explicitamente que "não é possível tratar separadamente o lazer e o trabalho escolar", indicando que as experiências de lazer na escola não podem estar dissociadas dos demais momentos pedagógicos.

No contexto da Educação Física escolar, a capoeira emerge como uma prática pedagógica significativa que promove experiências lúdicas, corporais e culturais simultaneamente. Esse potencial de integração revela-se quando compreendemos a capoeira não apenas como um esporte ou luta, mas como uma expressão legítima de

lazer educativo, capaz de desenvolver competências físicas, sociais, históricas e afetivas nos estudantes. Neste sentido, Camargo (1999) afirma que o ser humano é simultaneamente "homo faber" e "homo ludens", ressaltando a importância de valorizar o equilíbrio entre as dimensões produtivas e recreativas da vida humana. De acordo com ele, negar a dimensão lúdica do ser humano compromete sua qualidade de vida, saúde emocional e capacidade de interação social, alertando para a relevância de uma educação para o lazer que reconheça e promova a criatividade, o prazer e a espontaneidade (Camargo, 1999).

Contudo, ainda prevalecem nas escolas resistências culturais à valorização do lazer. Marcellino (1983, p. 22) aponta que o lazer frequentemente é associado ao "não fazer" ou considerado superficial, "coisa para passar o tempo". Esses preconceitos são reforçados pela ideia disseminada de que atividades recreativas são menos relevantes frente às obrigações escolares formais. Camargo (1999) complementa essa crítica ao enfatizar que a "diversão" é frequentemente vista como antagonista das obrigações escolares, gerando preconceitos como o de que "trabalhar é difícil, divertir-se é fácil". Diante desse cenário, a inserção da capoeira no currículo escolar surge como uma oportunidade de romper com essas visões reducionistas, oferecendo uma atividade corporal em que lazer, aprendizado e cultura caminham juntos, integrando-se ao ambiente educacional de forma legítima.

Portanto, é preciso ter clareza quanto às condições que garantem a autenticidade e legitimidade da prática da capoeira no ambiente escolar. Quando se estabelece como uma atividade genuína de lazer, a capoeira deve proporcionar liberdade e autonomia aos praticantes, respeitando sua história e suas formas de expressão cultural próprias. Nesse sentido, Marcellino (1983, p. 70) alerta que, para evitar atitudes conformistas ou destrutivas, é essencial assegurar "uma ação cultural democratizada, atenta a seu duplo aspecto educativo: educação pelo lazer e a educação para o lazer". Assim, a capoeira pode ser uma poderosa aliada na superação de desigualdades sociais, promovendo inclusão, criatividade e pensamento crítico por meio da vivência de atividades culturalmente relevantes.

Para que isso ocorra efetivamente, é preciso combater os desafios apontados por Camargo (1999), que identificam na escola um espaço de "desconfiança da espontaneidade", onde a rigidez curricular frequentemente sufoca a criatividade e o prazer. Romper com essa lógica exige que os professores assumam uma postura pedagógica aberta e crítica, oferecendo oportunidades para que os estudantes se engajem nas atividades de maneira lúdica, explorando o potencial educativo da capoeira em todas as suas dimensões: físicas, artísticas, históricas e sociais. Essa postura pedagógica dialoga diretamente com o ideal proposto por Marcellino (1983), que recomenda que o lazer escolar envolva atividades capazes de estimular o corpo, a imaginação, o raciocínio e o relacionamento social, aspectos claramente presentes na prática capoeirística.

Por fim, ao aprofundar o debate sobre a capoeira como uma experiência de lazer legítima no espaço escolar, é necessário refletir sobre a importância da democratização desse lazer. Conforme Marcellino (1983), defende, democratizar o lazer significa democratizar também os espaços escolares, permitindo acesso igualitário e qualificado a todos os estudantes, independentemente de sua condição social ou cultural. Assim, incorporar a capoeira no currículo educacional não se restringe apenas à inclusão de uma nova modalidade esportiva, mas implica um compromisso mais amplo com a valorização da cultura popular afro-brasileira, o desenvolvimento humano integral e a promoção de uma educação verdadeiramente democrática e humanizadora.

Dessa forma, a capoeira escolar, ao articular corpo, lazer e educação, deve superar a mera lógica da obrigatoriedade curricular (jogo legal) e se consolidar como uma prática pedagógica legítima, enriquecendo a experiência educacional dos alunos, ampliando suas possibilidades formativas e fortalecendo suas identidades culturais.

Por isso, ao analisar a inserção da capoeira no ambiente escolar, é necessário compreender que existe uma distinção significativa entre o que está previsto legalmente e o que efetivamente ocorre nas práticas pedagógicas cotidianas. Para que a capoeira ocupe um lugar legítimo dentro da escola, é essencial refletir sobre a

adequação e eficácia das políticas educacionais e das legislações vigentes que reconhecem e valorizam a cultura afro-brasileira, especificamente a capoeira.

Inicialmente, observamos um quadro legislativo favorável à valorização dessa manifestação cultural. Exemplos disso são a Lei nº 11.645/2008, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), obrigando o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as escolas públicas e privadas. A legislação reconhece explicitamente a importância de ensinar conteúdos como a história da África, a cultura afro-brasileira, e as contribuições fundamentais desses povos na formação da sociedade brasileira. No mesmo sentido, a capoeira recebeu reconhecimentos específicos, como a Lei nº 2.744/2021, que a declara Patrimônio Cultural Imaterial no município de Manaus, e a Lei nº 5.469/2021, que a reconhece como modalidade esportiva oficial no Amazonas. Além disso, a Lei nº 5.183/2020 institui o projeto Capoeira nas Escolas como atividade de integração sociocultural e esportiva, reforçando ainda mais sua legitimidade formal nas políticas públicas.

Essas ações legais sinalizam avanços importantes em termos de afirmação da diversidade cultural e de reparação histórica em relação às tradições afro-brasileiras. Porém, é fundamental questionar se tais medidas legais têm gerado mudanças efetivas e legítimas nas práticas escolares cotidianas. Observa-se que, apesar da existência dessas legislações e das diretrizes educacionais nacionais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), persiste um desafio considerável para sua implementação na prática pedagógica das escolas brasileiras.

Os PCNs, são norteadores significativos e apresentam um caráter flexível e adaptável à realidade local das escolas, permitindo ajustes conforme necessidades específicas. Já as DCNs, estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), são de cumprimento obrigatório e fornecem orientações amplas sobre como valorizar a diversidade cultural, étnica e social em toda a Educação Básica. A BNCC, por sua vez, regulamenta de maneira mais detalhada os conteúdos mínimos necessários para garantir aprendizagens essenciais a todos os estudantes brasileiros. A BNCC, por sua

vez, regulamenta de maneira mais detalhada os conteúdos mínimos necessários para garantir o desenvolvimento de habilidades e competências consideradas fundamentais a todos os estudantes brasileiros. No entanto, autores como Neira (2018) têm apontado críticas à BNCC, especialmente no que diz respeito à forma como essas competências são prescritas, podendo limitar a valorização de práticas culturais como a capoeira quando reduzidas a objetivos meramente instrumentais.

Contudo, o que se observa nas escolas frequentemente é uma desconexão entre o que está prescrito em documentos oficiais (o legal) e o que é realizado efetivamente no espaço escolar (o legítimo). A capoeira, mesmo reconhecida oficialmente como prática cultural e esportiva, ainda encontra resistências históricas e culturais na sua inserção pedagógica. Muitos docentes relatam dificuldades, como falta de formação específica, ausência de condições estruturais adequadas e, sobretudo, resistências no âmbito das comunidades escolares, muitas vezes marcadas por preconceitos de ordem racista e por visões religiosas que estigmatizam a capoeira como prática associada a valores negativos. Tais resistências comprometem a efetivação das políticas públicas e reduzem o potencial transformador das iniciativas legais (Gomes; Mocarzel, 2023; Oliveira; Sobrinho, 2019; Alves, 2015).

Marcellino (1983) argumenta que para o lazer – e podemos acrescentar aqui a capoeira enquanto prática educativa e cultural – se tornar efetivamente democrático e legítimo, não basta garantir espaços físicos ou apenas instituir medidas legais. É necessário haver uma ação cultural consciente e democratizada que eduque para e pelo lazer, em uma perspectiva crítica e criativa. Do mesmo modo, Camargo (1999) enfatiza a importância de superar preconceitos ainda presentes nas instituições escolares que consideram o lazer e as práticas culturais populares menos relevantes, prejudicando seu reconhecimento legítimo e cotidiano na escola.

Portanto, ao considerar essa dimensão, entende-se que o caminho para transformar a legalidade em legitimidade passa necessariamente pela formação continuada dos professores, pelo apoio institucional efetivo e pelo compromisso das escolas em reconhecer a capoeira como um conteúdo curricular relevante. Além

disso, é crucial compreender que o ensino da capoeira e da cultura afro-brasileira deve ser transversal e integrado às diversas áreas do conhecimento, proporcionando experiências educativas mais consistentes e significativas aos estudantes.

Nessa perspectiva, a capoeira não pode ser apenas mais uma obrigação curricular, cumprida formalmente pelas escolas. Deve ser praticada de maneira a garantir sua dimensão cultural, histórica, social e educativa, permitindo que estudantes e professores vivenciem plenamente seus benefícios e significados. Somente dessa forma será possível superar a distância entre o jogo legal (as normas oficiais) e o jogo legítimo (as práticas cotidianas nas escolas), consolidando a capoeira como um espaço de expressão cultural, construção de identidade e desenvolvimento integral dos estudantes.

#### **1.4 Jogando com o corpo na escola e comunidade: diálogo com os autores.**

Ao inserirmos a capoeira no contexto escolar, inevitavelmente, colocamos em pauta discussões sobre corpo, cultura, lazer e educação, ampliando o entendimento das práticas corporais enquanto fenômenos educativos e sociais complexos. O corpo, nesta perspectiva, deixa de ser compreendido meramente por sua dimensão biológica, como um "conjunto de músculos e ossos", e passa a ser entendido como expressão viva e dinâmica das relações culturais, históricas e sociais (DAOLIO, 1995; FREIRE, 2011).

A concepção de Daolio (1995) sobre o corpo é especialmente valiosa nesse contexto, pois sugere que as manifestações corporais são geradas na dimensão cultural, possuindo significados específicos em cada grupo social. Desta forma, o corpo é um símbolo complexo, impregnado pelas experiências de vida, carregado de valores e códigos culturais que se manifestam nas relações cotidianas. A partir dessa perspectiva, o corpo não apenas participa da prática da capoeira, mas é moldado por ela, influenciado pelas interações dialógicas que ocorrem na roda.

É nesse espaço de diálogo corporal que Silva e Ferreira (2012) apresentam o conceito de "corpo capoeira". Esse corpo que transcende sua dimensão física

imediate e incorpora valores sociais, éticos e culturais. Na roda de capoeira, os corpos dialogam continuamente, numa interação intensa de gestos e movimentos que vão além do jogo físico, promovendo significados múltiplos e abrindo espaço para novas interpretações e ressignificações sociais. Trata-se de uma experiência profundamente educativa, na medida em que promove reflexões e aprendizagens sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a comunidade.

Em concordância, Neves (2021) salienta que o corpo na roda da capoeira é um corpo narrativo, impregnado pela memória e pela identidade cultural afro-brasileira, no qual os movimentos, as gingas, os golpes e os gestos formam uma linguagem rica e multifacetada. A prática da capoeira, nesse sentido, não é apenas uma atividade física, mas um modo singular de expressão e comunicação social, em que o corpo é continuamente reinterpretado e ressignificado pela comunidade.

Neira (2018) amplia essa percepção destacando a polivalência da roda de capoeira como um fenômeno cultural que transita entre a dança, a luta, o jogo e o espetáculo. Através das relações estéticas e filosóficas da capoeira com os rituais antigos, Neira explora a roda como uma experiência de comunhão, um espaço em que o indivíduo rompe simbolicamente o isolamento da vida cotidiana e vivencia uma profunda sensação de pertencimento comunitário. Essa noção dialoga com os rituais dionisíacos da Grécia Antiga, em que a coletividade e a transcendência através do corpo e do movimento eram fundamentais. Na escola, tais experiências possibilitam aos alunos vivenciar valores coletivos, como respeito, cooperação e solidariedade, fortalecendo o vínculo entre corpo e comunidade (Silva; Roble; Barjud, 2018).

Marcellino (1983) nos ajuda a ampliar esse diálogo, ressaltando que as práticas corporais na escola não podem ser tratadas apenas como uma forma utilitarista e produtivista. Ao contrário, é preciso perceber o lazer e as manifestações culturais como práticas de humanização e democratização social. Para ele, o lazer não é mero entretenimento, mas uma oportunidade para o desenvolvimento integral do indivíduo, abrangendo interesses físicos, artísticos, sociais, intelectuais e manuais. Essa perspectiva é essencial para entendermos como a capoeira pode ser utilizada não

apenas como instrumento pedagógico, mas como meio de fomentar a cultura corporal e o desenvolvimento social dos estudantes.

Complementarmente, Camargo (1999) destaca a importância do lúdico na formação humana e sua relação intrínseca com a educação, alertando sobre preconceitos históricos que contrapõem lazer e trabalho, diversão e dever. Uma educação crítica para o lazer, iniciada desde cedo nas escolas, permite que os alunos reconheçam e vivenciem o prazer em aprender, desconstruindo a visão tradicional que vê o corpo e suas expressões lúdicas como inferiores ou menos importantes.

Ao relacionarmos esses autores, fica claro que a capoeira na escola não deve se restringir a uma visão técnica ou esportivizada, mas sim ser compreendida como uma expressão corporal rica, educativa, cultural e socialmente significativa. Ao jogar com o corpo na escola e na comunidade, alunos e professores constroem juntos novas narrativas e possibilidades educativas, rompendo com os paradigmas tradicionais da Educação Física e contribuindo para uma formação integral, crítica e humanizada.

Desta forma, a prática da capoeira na escola pode ser legitimada pelo compromisso com a valorização das experiências corporais, culturais e sociais dos alunos, reconhecendo o potencial educativo do corpo e do lazer como espaços legítimos e necessários para uma educação plena e cidadã.

## **2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA: NA RODA DA CAPOEIRA COM OS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II.**

Ao ser inserido na rede estadual de ensino da Secretaria de Educação e Desporto do Estado do Amazonas – SEDUC-AM, em 2020, iniciei uma trajetória de estimulação do ensino e aprendizagem da Capoeira na Escola de Tempo Integral Professora Cíntia Régia Gomes do Livramento, a qual fui lotado e pretendia permanecer criando raízes que concretizassem a prática cultural da capoeiragem, ao menos em âmbito local. Para isso, aproveitei a parceria entre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM) e a Secretaria Estadual de Educação do Amazonas (SEDUC/AM), com o Programa Ciência na Escola (PCE/FAPEAM), que estimula os professores da rede ao

desenvolvimento de pesquisas no âmbito escolar através de bolsas com duração semestral para os projetos de iniciação científica realizados nas escolas e durante o segundo semestre de cada ano letivo.

Com esse gancho iniciei um primeiro projeto denominado “A capoeira como possibilidade interdisciplinar no ensino da cultura afro-brasileira na comunidade escolar: EETI - Cinthia Regia Gomes do Livramento”. O objetivo do referido projeto foi investigar o conhecimento dos professores de Educação Física, História, Sociologia e Artes da Escola Estadual Cinthia Régia Gomes do Livramento, a respeito da capoeira enquanto produto da cultura Afro-Brasileira, de modo que esses docentes pudessem refletir sobre a possibilidade de inclusão dessa temática em seus planos didáticos. Porém, a intencionalidade maior dessa pesquisa, foi verificar em que escala de conhecimento a capoeira se encontrava naquela localidade e, a partir disso, apresentar de forma atrativa a capoeira na escola a fim de estimular nos alunos o interesse pela prática cultural da capoeira.

O segundo projeto foi organizado para servir como uma complementação do anterior e viria com a iniciação das práticas propriamente ditas da capoeira nos horários das 16h às 17h (horário, normalmente utilizado para aplicação dos projetos de desporto). Contudo, o projeto, apesar de ter sido aprovado, não foi aplicado devido problemas de envio de documentações. Apesar desse acontecimento negativo para as intenções com a capoeira na escola, fui aprovado, no ano de 2023, no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) e, com muita alegria, pude trazer essa intencionalidade de pesquisa para meu projeto de dissertação e, mais ainda, transformá-lo em um recurso educacional (caderno pedagógico) que poderá servir de apoio para outros profissionais da área que, eventualmente, busquem conhecimentos referente ao ensino da capoeira em suas aulas.

Sendo assim, exploramos, neste estudo, a relação da mediação pedagógica entre capoeira, corpo e lazer. Porém, nosso objetivo não se resumiu apenas a promover essas manifestações na escola, mas também a inspirar reflexões sobre a importância dos aspectos humanistas na formação de cidadãos mais conscientes e culturalmente

sensíveis. Esses elementos foram considerados ao longo da metodologia e destacamos como influenciaram nossa abordagem e análise.

Para tanto, tomamos como referencial as proposições de Neira (2018), Daolio (1995), Marcellino (1983), Santin (1990; 1999), Falcão (1994; 1998) entre outros que sustentaram teoricamente essa tríade corpo-capoeira-lazer. Adotamos uma metodologia qualitativa com ênfase na observação participante, análise reflexiva e engajamento dialógico. Nosso objetivo foi analisar o processo de construção e implementação de uma proposta pedagógica de capoeira, fundamentada no referencial cultural da Educação Física, bem como os significados atribuídos pelos alunos do ensino fundamental II às experiências formativas vivenciadas nas aulas do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ).

Como procedimentos metodológicos dessa investigação, trata-se de experimento de ensino com pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada, observação participante e diário de campo. Com base nisso, buscamos seguir uma abordagem fenomenológica para compreender as experiências subjetivas dos estudantes. Pois, este método “limita-se aos aspectos essenciais e intrínsecos do fenômeno, sem lançar mão de deduções ou empirismos, buscando compreendê-lo por meio da intuição, visando apenas o dado, o fenômeno, não importando sua natureza real ou fictícia” (Prodanov e Freitas, 2013, p. 36).

Sob o ponto de vista dos seus objetivos, a presente pesquisa fundamenta-se nos princípios da Educação Física Cultural e Plural, conforme proposto por Neira (2019) e na abordagem antropológica do corpo de Daolio (1995). A capoeira, nesse contexto, não deve ser vista apenas como prática esportiva, mas como uma manifestação sociocultural rica, carregada de significados históricos, identitários e políticos. A pesquisa se alinha com a perspectiva do ensino dialógico, garantindo que os alunos participem ativamente do processo de aprendizagem e reconstrução dos saberes corporais.

## 2.1 O lugar da pesquisa.

**Figura 1 - Parte da frente da EETI - Cíntia Régia Gomes do Livramento**



Fonte: google.com.br <avaliacoesbrasil.com>

A pesquisa foi conduzida na Escola Estadual de Tempo Integral Professora Cíntia Régia Gomes do Livramento, localizada na cidade de Manaus, estado do Amazonas, Brasil. Escola essa, que é mantida pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto – SEDUC/AM, conforme estabelecido pelo Decreto Lei nº 30.942 de 26 de janeiro de 2011, tendo sido inaugurada na gestão do então governador Omar Aziz.

A referida instituição de ensino oferece os seguintes níveis e modalidades de ensino da Educação Básica: Ensino Fundamental I (Anos Iniciais do 4º ao 5º ano), Ensino Fundamental II (Anos Finais do 6º ao 9º Ano), e Novo Ensino Médio (1º ao 3º ano). Seu código no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) é 13096591.

A Escola está localizada sob o CEP 69.001-009 na Rua da Raquete, s/n, no bairro Nova Vitória, Zona Leste da cidade de Manaus. O bairro Nova Vitória não é um bairro oficial de Manaus. Ele é pertencente ao bairro Gilberto Mestrinho, como é reconhecido pela prefeitura da cidade. Para contato, o endereço de e-mail oficial é o <ceticregia@seduc.net> e para ligações são utilizados os seguintes números 3681-3825 / 3682-0939.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola (2024), a comunidade onde está inserida é composta por comerciários, industriários, comerciantes, funcionários públicos, autônomos que formam os moradores do bairro. Há também, algumas famílias em vulnerabilidade socioeconômica que não foram alfabetizadas e que sobrevivem apenas do benefício do “Programa Auxílio Brasil”.

O horário de funcionamento das suas atividades é das 07h00min às 17h00min. Porém, esse tempo é repartido em atividades direcionadas, tais como: lanche inicial (7:00 as 7:30), aulas com os professores dos componentes curriculares (7:30 as 11:30), intervalo para o almoço (11:30 as 13:00), retorno para as atividades com os professores das disciplinas (13:00 as 16:00), os alunos são liberados as 16h00min e os professores continuam em horário de trabalho pedagógico (HTP) até as 17h:00min. No caso da Educação Física, o HTP é distribuído ao longo da semana e o tempo das 16h:00min às 17h:00min é destinado para realização dos projetos de desporto, configurando-se assim, um ambiente propício para realização de pesquisas e interação com a comunidade escolar.

Consideramos o local ideal para a pesquisa, pois, possui estrutura de CETI (Centro Educacional de Tempo Integral), ou seja, os ambientes têm uma qualidade estrutural que vai além do que é comumente encontrado nas escolas públicas no geral. É dotada de espaços como quadra poliesportiva com vestiários feminino e masculino, piscina, campo de futebol, sala de dança, auditório amplo com palco para apresentações e cabine de projeção, biblioteca, sala make, laboratório de informática, sala de música, sala de dança, academia (desativada), estacionamento amplo, praça de lazer, hall amplo na entrada, além de outros espaços como duas salas dos professores, duas salas de pedagogia/coordenação de áreas, secretaria, sala de reuniões, sala do(a) diretor(a), sala de recursos, enfermaria, cozinha, refeitório amplo, depósitos de alimentos, depósitos de materiais de limpeza, sem deixar de levar em consideração os demais espaços não construídos que podem ser utilizados para aulas ao ar livre, tais como as laterais da quadra e as laterais do auditório.

O prédio tem estrutura de dois andares e está distribuído da seguinte forma: térreo com os espaços da secretaria, sala de reuniões, sala do(a) diretor(a), enfermaria, depósitos, hall, sala make, laboratório de informática, cozinha, refeitório, banheiros, sala de recursos e bibliotecas. O primeiro andar é constituído de salas de aulas, banheiros, depósitos de materiais de limpeza, almoxarifado, sala da coordenação/pedagogia e sala dos professores. No terceiro andar, se repete os ambientes encontrados no segundo piso. O acesso aos andares acontece somente através de rampas.

É importante ressaltar que a escola possui Conselho Escolar, Conselho Fiscal, e Grêmio Estudantil atuantes que exercem um papel fundamental na tomada de decisão dos assuntos relacionados à escola. Além disso, realizam reuniões bimestrais sempre que necessário para confeccionar o plano de ação e planejamento anual com o objetivo de resolver as questões pertinentes ao ano letivo e ao bom funcionamento das ações.

## 2.2 Participantes da pesquisa.

**Figura 3 - Retrato da turma**



**Fonte:** Acervo próprio do autor (2025)

O estudo envolveu 32 estudantes devidamente matriculados na turma de 9º ano 01 do ensino fundamental II da EETI Cínthia Régia Gomes do Livramento, sobretudo os alunos que aceitaram participar do Projeto Capoeira Na Escola Para Jovens (PCEJ), que foi pensado para desenvolver as oficinas pedagógicas evidenciando experiências formativas no aprendizado e desenvolvimento cultural da capoeira enquanto processo dialógico de ensinar e aprender para vida inteira.

Os critérios de inclusão dos participantes da pesquisa foram: alunos matriculados no 9º ano 01 do Ensino Fundamental II da Escola Estadual de Tempo Integral Cínthia Régia Gomes do Livramento; e alunos que apresentarem o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) assinado, acompanhado do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos responsáveis legais. Por outro lado, os critérios de exclusão foram: alunos que faltaram mais de 25% dos encontros do projeto, prejudicando a análise do impacto das atividades e alunos que deixaram de estar matriculados na turma do 9º ano 01 durante o período da pesquisa.

Considerando minha familiaridade com a escola em que trabalho e com base nas informações coletadas na secretaria da escola, a maioria dos discentes atualmente matriculados na escola é proveniente de escolas públicas do próprio bairro, com idades entre 09 e 18 anos (a maioria dos alunos do 9º ano 01, estão na escola desde o 6º ano). De acordo com o Projeto Político-Pedagógico da escola (PPP/2024), 85% dos estudantes residem com os pais biológicos, enquanto 15% moram com parentes próximos. Esses dados indicam que grande parte dos estudantes possui vínculos familiares desde o nascimento, o que sugere uma história familiar mais longa e enraizada no tempo e na cultura local. Essa conexão pode refletir na permanência desses jovens na escola do bairro ao longo de sua trajetória escolar. Por outro lado, embora alguns alunos possam estar na escola há menos tempo, isso não diminui a intensidade com que vivenciam a cultura local.

### **2.3 Procedimentos para a coleta de dados.**

Os dados foram coletados por meio de três instrumentos principais: observação participante, entrevistas semiestruturadas e diário de campo. Além disso, foi realizado

um levantamento bibliográfico inicial para fundamentar teoricamente o estudo e direcionar as etapas metodológicas.

O levantamento bibliográfico buscou identificar as discussões na literatura sobre o ensino da capoeira e sua relevância no contexto educacional. Esse processo foi fundamental para recuperar informações já publicadas sobre o tema e para alinhar as discussões da pesquisa com os pressupostos teóricos e metodológicos da área. Silva e Menezes (2005) destacam que o levantamento bibliográfico é essencial para minimizar esforços e recuperar o maior número possível de informações relevantes.

A observação participante foi realizada durante as oficinas pedagógicas do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ). Essa abordagem permitiu que eu como professor pesquisador, vivenciasse as experiências junto aos alunos, observando como eles interagem, aprendiam e se engajavam nas atividades propostas. De acordo com Mann (1970) apud Marconi e Lakatos (2003), a observação participante consiste em inserir o pesquisador como membro do grupo observado, permitindo que ele compreenda as vivências sob a perspectiva dos participantes. Durante as aulas, foi registrado a participação dos alunos, suas manifestações corporais e suas interações, com o objetivo de compreender como a capoeira é vivenciada enquanto prática pedagógica dialógica.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em momentos específicos do projeto, utilizando um roteiro previamente elaborado com questões abertas e fechadas, permitindo que os participantes se expressassem livremente, mas garantindo a comparabilidade das respostas (MINAYO, 2009). Essas entrevistas abordaram questões como: a percepção dos alunos sobre a capoeira enquanto manifestação cultural, suas experiências pessoais durante as aulas e a relação entre capoeira e lazer.

Além dessas entrevistas, também foram conduzidas rodas de conversa ao longo dos encontros pedagógicos, empregadas como estratégia de escuta e diálogo coletivo. Nessas rodas, as falas emergiam de forma espontânea, sem a rigidez de um roteiro, favorecendo a construção compartilhada de sentidos sobre a prática da capoeira e a valorização das experiências dos estudantes.

Ao final do projeto, foi aplicada uma entrevista semiestruturada de caráter avaliativo e reflexivo. Nessa etapa, os alunos foram convidados a responder, de forma

individual e escrita, a um conjunto de dez questões abertas, previamente elaboradas com o intuito de explorar os sentidos atribuídos à capoeira, ao corpo, ao lazer e à experiência pedagógica vivenciada durante o projeto. A entrevista ocorreu em sala de aula, sob a mediação do professor-pesquisador, e teve como foco central a escuta sensível das percepções dos estudantes, possibilitando a produção de narrativas subjetivas a partir de suas vivências. Todo o material foi registrado por escrito pelos próprios discentes e posteriormente analisado à luz da abordagem qualitativa.

**Quadro 1** - Perguntas aplicadas aos participantes do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ)

Nº	Pergunta
1ª	Fale livremente sobre o lazer.
2ª	Fale livremente sobre o corpo.
3ª	Fale livremente sobre o lúdico.
4ª	Fale livremente sobre o Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ).
5ª	O que você mais gostou no projeto?
6ª	A capoeira pode nos ensinar algo importante? (Se sim, explique).
7ª	Como a capoeira se relaciona com a Educação Física?
8ª	Como a capoeira se relaciona com a História do Brasil?
9ª	O que poderia melhorar nas aulas do Projeto?
10ª	Quais foram os pontos positivos e negativos sobre o Projeto Capoeira na Escola para os Jovens?

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025).

O diário de campo foi utilizado para registrar as observações, reflexões e experiências do pesquisador ao longo do projeto. Falkembach (1987) descreve o diário de campo como um instrumento de registro que permite documentar fatos, relações sociais e fenômenos observados, além de comentários e reflexões do pesquisador. Bogdan e Biklen (1994) reforçam que o diário de campo é materializado a partir do que o pesquisador vê, ouve e experimenta, sendo uma ferramenta indispensável para a coleta de dados qualitativos.

Desse modo, os registros no diário de campo foram complementados com minhas reflexões - na condição de professor e pesquisador - sobre o planejamento e

desenvolvimento das oficinas, bem como os desafios enfrentados durante a implementação do projeto. Esse material serviu para identificar padrões, avaliar a eficácia das estratégias didáticas adotadas e fornecer subsídios para a construção do caderno pedagógico, recurso educacional decorrente da pesquisa.

Esses procedimentos foram articulados à elaboração e execução de um planejamento pedagógico estruturado em 13 encontros, concebidos especificamente para integrar a capoeira ao componente curricular de Educação Física sob uma perspectiva plural e cultural. Cada encontro foi previamente delineado em planos de aula detalhados, contendo objetivos de ensino, conteúdos, estratégias didáticas, recursos e formas de avaliação, de modo a garantir coerência entre as etapas de planejamento, implementação e análise — dimensões centrais para a linha de pesquisa 2 do PROEF que trata das abordagens metodológicas e processos de ensino e aprendizagem, envolvendo estudos sobre as abordagens e suas potencialidades para o ensino e aprendizagem da Educação Física.

A análise dos dados coletados buscou não apenas compreender as percepções dos estudantes, mas, sobretudo, avaliar a efetividade do planejamento e da execução das aulas como estratégia metodológica para o ensino da capoeira na escola. Essa análise fundamentou a construção do caderno pedagógico, recurso educacional que materializa a proposta didática e contribui para sua replicação em outros contextos escolares.

Os encontros do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ) foram cuidadosamente concebidos e aplicados com os escolares do 9º ano do Ensino Fundamental II, seguindo os planos de aula apresentados na seção 4.1 desta dissertação. Essa sequência didática constituiu o núcleo metodológico da pesquisa, sendo a base para o levantamento e a análise das percepções dos alunos e para a avaliação da proposta pedagógica como um todo. O infográfico a seguir ilustra de forma objetiva a distribuição das aulas:

**Figura 2** - Infográfico demonstrativo dos encontros



Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

#### **2.4 Procedimentos para a análise de dados.**

A análise dos dados oriundos das experiências didáticas vividas no Projeto Capoeira na Escola Para os Jovens (PCEJ) foi organizada com base na participação ativa dos estudantes. Os discursos e os sentidos extraídos das rodas de capoeira, os conceitos mobilizados durante as aulas e as atividades pedagógicas conduzidas por mim, na condição de professor/pesquisador, proporcionaram uma compreensão abarcante sobre as perspectivas e significados atribuídos à capoeira no contexto escolar. Nesse processo, seguimos guiados por duas questões centrais: “Por que ensinar capoeira na escola?” e “Como ensinar capoeira na escola?”. Essas questões remetem diretamente ao planejamento, à implementação e à avaliação do processo de ensino, não se restringindo apenas às percepções dos alunos, mas abrangendo também a análise crítica da proposta pedagógica construída e desenvolvida no âmbito do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ).

A abordagem metodológica adotada fundamentou-se em uma perspectiva interacionista e construtivista, conforme as contribuições de Freire (2011). Para o

autor, a aprendizagem torna-se mais significativa quando desenvolvida em ambientes colaborativos e dialógicos, nos quais os alunos constroem e negociam significados a partir de experiências práticas. Assim, o projeto PCEJ foi delineado como um espaço educativo em que os estudantes puderam explorar criticamente suas potencialidades corporais e culturais, construindo ativamente o conhecimento a partir de suas vivências na roda de capoeira. Essa perspectiva é coerente com a concepção de uma Educação Física centrada no aluno, em sua integralidade física, social, emocional e cultural, como defendem também Daolio (1995), Neira (2018) e Santin (1990), ao proporem uma Educação Física Cultural e Plural, crítica, reflexiva e comprometida com a diversidade. Concepção esta, que nos guiou durante todo o caminhar desse estudo.

A sistematização dos achados da pesquisa foi direcionada à elaboração de um caderno pedagógico, no qual constam o planejamento curricular das aulas de capoeira, as estratégias de ensino utilizadas, avaliação, bem como exemplos das atividades desenvolvidas. Para a análise dos dados, utilizou-se o método hermenêutico-dialético, conforme proposto por Minayo (1992), que possibilita a articulação entre teoria e prática, permitindo interpretar os sentidos atribuídos pelos sujeitos à sua experiência. Nesse movimento analítico, foram considerados não apenas os discursos e percepções dos alunos, mas também as reflexões na condição de professor-pesquisador sobre o processo de planejar, ministrar e avaliar as aulas de capoeira, de modo a integrar o olhar dos participantes e do mediador pedagógico na construção do conhecimento.

A aplicação do método seguiu as seguintes etapas:

**a) Ordenação dos dados:** nesta etapa, realizou-se o mapeamento do material coletado no trabalho de campo, com a transcrição das gravações, leitura minuciosa dos registros, organização dos relatos e dados provenientes da observação participante (MINAYO, 1992).

**b) Classificação dos dados:** procedeu-se à leitura exaustiva e reiterada dos textos, articulada à fundamentação teórica, de modo a formular questionamentos

analíticos sobre os dados. A partir disso, buscou-se identificar os elementos significativos presentes nos discursos — as chamadas “estruturas relevantes dos atores sociais” — e estabelecer categorias específicas que organizassem o conteúdo revelado nas falas e observações (MINAYO, 1992).

**c) Análise final:** esta fase consistiu na articulação entre os dados e os referenciais teóricos do estudo, com o objetivo de responder às perguntas de pesquisa e alcançar os objetivos propostos. Promoveram-se relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, e entre teoria e prática, permitindo uma compreensão aprofundada dos sentidos atribuídos à capoeira pelos estudantes (MINAYO, 1992).

Esse percurso metodológico permitiu interpretar tanto o que foi dito nas entrevistas quanto o que foi observado nas práticas vivenciadas, possibilitando a categorização dos dados em temas analíticos que revelam os significados mais profundos dos discursos e das experiências dos participantes.

## **2.5 Aspectos éticos.**

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM), sob o parecer consubstanciado do protocolo CAAE nº 86880625.8.0000.5020. A produção e análise dos dados respeitaram integralmente as diretrizes éticas estabelecidas pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos.

A participação dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II da EETI Prof.<sup>a</sup> Cíntia Régia Gomes do Livramento foi autorizada mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos pais ou responsáveis legais. O documento apresentou de forma clara e acessível os objetivos, procedimentos, benefícios, riscos e garantias asseguradas pela pesquisa, incluindo o direito de retirada da participação em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo à relação dos participantes com a instituição escolar.

Os dados foram coletados por meio da observação participante, entrevistas e registros das atividades pedagógicas do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens

(PCEJ). Todos os procedimentos foram realizados com o acompanhamento do pesquisador responsável, que assegurou um ambiente seguro, acolhedor e respeitoso. Os registros foram anonimizados, com o uso de nomes fictícios, e as imagens eventualmente captadas foram tratadas com desfoque facial quando necessário, garantindo a privacidade e a confidencialidade dos envolvidos.

De acordo com o disposto na Resolução CNS nº 466/2012, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em graus variados. No caso deste estudo, identificaram-se riscos relacionados às dimensões físicas, psíquicas e sociais, uma vez que as atividades de capoeira envolvem movimentos corporais complexos, podendo gerar fadiga, quedas, insegurança ou constrangimento durante a execução dos movimentos em grupo. Para mitigar esses riscos, o pesquisador adotou estratégias pedagógicas inclusivas, respeitou os limites individuais dos alunos, forneceu orientações claras de segurança e realizou constante supervisão durante todas as atividades, inclusive com apoio dos demais profissionais da escola, quando necessário.

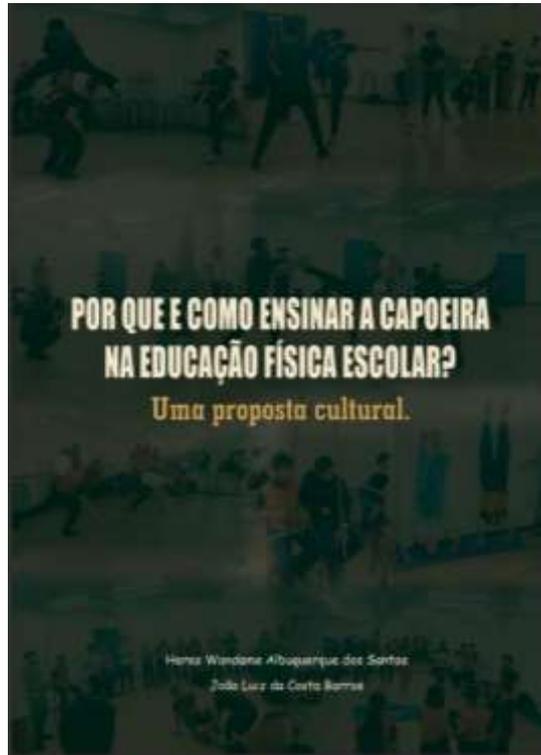
Além disso, assegurou-se aos participantes o direito à assistência integral e gratuita, bem como à reparação de eventuais danos decorrentes da participação na pesquisa, conforme estabelecido nos itens IV.3, IV.4 e V.6 da Resolução supracitada.

O TCLE foi entregue em duas vias, devidamente assinadas e rubricadas, permanecendo uma com o pesquisador responsável e outra com os responsáveis legais pelos estudantes participantes. Todos os dados foram utilizados exclusivamente para fins científicos e educacionais, respeitando os princípios de ética, integridade e responsabilidade social.

A participação dos alunos no PCEJ contribuiu para a valorização da capoeira enquanto prática cultural afro-brasileira, além de possibilitar o desenvolvimento de habilidades corporais, críticas e reflexivas em um contexto pedagógico plural e humanizador. Os resultados obtidos com esta pesquisa não apenas garantem o respeito aos direitos dos participantes, mas também promovem o fortalecimento da identidade cultural, a inclusão social e a construção de um ambiente escolar mais dialógico, democrático e integrador.

## 2.6 Metodologia de construção do recurso educacional (Caderno Pedagógico).

**Figura 4** - Capa do caderno pedagógico (recurso educacional)



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025)

A construção do recurso educacional desta dissertação — o caderno pedagógico Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ) — foi concebida como uma síntese das experiências formativas vividas pelos estudantes durante o projeto e das análises realizadas ao longo da pesquisa. Seu processo de elaboração se articulou à abordagem qualitativa e dialógica da pesquisa, pautando-se nos princípios do currículo cultural da Educação Física e nas diretrizes do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF).

O recurso educacional foi elaborado em diálogo com as orientações apresentadas por Costa, Castro e Jesus (2020), que compreendem o processo de criação de um produto educacional como um processo de materialização da resposta ao problema. Segundo os autores, o recurso precisa evidenciar a práxis pedagógica, entendida como unidade indissociável entre reflexão e ação, possibilitando a

mobilização de saberes que contribuam para a melhoria da atuação profissional e da realidade educacional em que se insere.

Nesse sentido, a construção do caderno pedagógico teve como base:

- Os registros do diário de campo, que acompanharam o desenvolvimento dos treze encontros do projeto;
- As falas dos estudantes, obtidas por meio de entrevista coletiva com perguntas abertas;
- As observações sistemáticas da prática docente, exercida de forma investigativa e reflexiva;
- A escuta dos sentidos atribuídos pelos alunos às atividades, conteúdos e metodologias propostas.

A partir desse conjunto de dados, foram identificadas necessidades, interesses e potencialidades dos estudantes, que nortearam a estruturação do material. O caderno foi organizado para contemplar elementos de contextualização, fundamentação teórica, planejamento pedagógico anual e bimestral, planos de aula, sugestões de avaliação, atividades desenvolvidas e reflexões sobre os impactos observados.

O processo de construção buscou ainda assegurar os princípios freireanos da educação como prática da liberdade (FREIRE, 2011), valorizando a autonomia dos sujeitos, a construção coletiva do conhecimento e a horizontalidade das relações pedagógicas. Como destaca Daolio (1995), reconhecer o outro em sua diferença é essencial para uma prática pedagógica sensível e plural.

Portanto, o caderno pedagógico que compõe este recurso educacional não se apresenta como modelo fechado, mas como proposta aberta à reinvenção, inspirada na práxis docente, nos referenciais da Educação Física Cultural (NEIRA, 2018) e nos saberes dos estudantes, compreendidos como sujeitos de cultura e história.

### 3. PLANEJAMENTO.

#### 3.1 Planejamento dos episódios de ensino na capoeira.

A organização dos planos de aula do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ) constituiu uma etapa essencial do planejamento pedagógico, uma vez que sistematiza a intencionalidade educativa, o encadeamento temático e os recursos didáticos adotados ao longo do percurso. Conforme defendem Neira (2018) e Daolio (1995), o ensino da Educação Física deve ser planejado a partir da valorização da cultura corporal e da construção coletiva do conhecimento, superando improvisações fragmentadas e garantindo coerência entre objetivos, conteúdos, estratégias e formas de avaliação.

Assim, os quadros que seguem não se limitam a uma organização técnica das aulas, mas traduzem a concepção teórico-metodológica que orientou toda a intervenção. Ao serem apresentados nesta seção, permitem tanto a compreensão da lógica interna do PCEJ quanto a possibilidade de replicação e adaptação por outros docentes interessados em desenvolver a capoeira na escola em consonância com os princípios da Educação Física Cultural e Plural.

Os planos de aula foram estruturados de maneira padronizada, incluindo informações sobre tema, objetivos, conteúdos, sequência didática, avaliação e referências, o que favorece sua utilização como recurso pedagógico e material de apoio para professores da rede.

##### 3.1.1 Plano de Aula 1: Apresentação do Projeto e Diagnóstico Inicial.

**Quadro 2** – Elementos do planejamento do episódio 1

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
<b>Componente Curricular</b>	Educação Física
<b>Ano/Série</b>	9º ano do Ensino Fundamental II
<b>Duração</b>	60 minutos

<b>Local</b>	Sala ampla e/ou quadra escolar
<b>Temática do Encontro</b>	Apresentação do projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ) e realização de uma escuta diagnóstica com os estudantes sobre seus conhecimentos, percepções e experiências relacionadas ao corpo, à cultura e à capoeira.
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar os objetivos gerais do projeto PCEJ aos estudantes.</li> <li>- Estimular o interesse inicial e o envolvimento com o tema capoeira.</li> <li>- Conhecer os saberes prévios dos estudantes sobre capoeira, corpo, lazer, cultura e resistência.</li> </ul>
<b>Conteúdos</b>	<p><b>Conceituais:</b> Capoeira como expressão cultural afro-brasileira; objetivos do projeto e sua proposta educativa.</p> <p><b>Procedimentais:</b> Participação em dinâmica de apresentação; produção escrita sobre conhecimentos prévios.</p> <p><b>Atitudinais:</b> Valorização da escuta, do respeito à diversidade e da participação ativa desde o início do processo formativo.</p>
<b>Estrutura Didática</b>	<p>1º Momento – Acolhimento e Apresentação (15 min): roda inicial; apresentação dos objetivos; contextualização sobre a capoeira.</p> <p>2º Momento – Escuta Diagnóstica (20 min): conversa inicial; registro coletivo no quadro; produção de texto ou desenho.</p> <p>3º Momento – Diálogo e Expectativas (20 min): roda de conversa; levantamento de expectativas; apresentação do cronograma e pactos coletivos.</p> <p>4º Momento – Encerramento (5 min): reforço da proposta e registro espontâneo de uma palavra-síntese.</p>
<b>Avaliação</b>	Diagnóstica e formativa; observação do envolvimento nas falas e expressões; leitura qualitativa das fichas escritas/desenhadas.
<b>Recursos Necessários</b>	Papel ofício; canetas; quadro branco; pincel; fichas diagnósticas; folha de apresentação do projeto.
<b>Referências</b>	<p>FREIRE, Paulo. Educação de corpo inteiro. São Paulo: Scipione, 2011.</p> <p>NEIRA, Marcos G. Educação Física Cultural. São Paulo: Paco, 2018.</p> <p>DAOLIO, Jocimar. Da Cultura do Corpo. Campinas: Papyrus, 1995.</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor 2025.

### 3.1.2 Plano de Aula 2: Capoeira e o Corpo como Expressão Cultural.

**Quadro 3** – Elementos do planejamento do episódio 2

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
<b>Componente Curricular</b>	Educação Física
<b>Ano/Série</b>	9º ano do Ensino Fundamental II
<b>Duração</b>	60 minutos
<b>Local</b>	Espaço coberto e sala multimídia
<b>Temática do Encontro</b>	Exploração do corpo como dimensão expressiva, histórica e simbólica, com foco na compreensão do corpo na capoeira como linguagem e construção cultural.
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender o corpo como construção cultural e social.</li> <li>- Relacionar a expressão corporal da capoeira com identidade, resistência e comunicação.</li> <li>- Vivenciar movimentos básicos e perceber sensações corporais.</li> </ul>
<b>Conteúdos</b>	<p><b>Conceituais:</b> Corpo como linguagem cultural; corporeidade na capoeira.</p> <p><b>Procedimentais:</b> Experimentação de movimentos; diálogo sobre sensações e percepções corporais.</p> <p><b>Atitudinais:</b> Respeito à diversidade corporal; valorização do corpo como território de experiência.</p>
<b>Estrutura Didática</b>	<p>1º Momento – Introdução Teórica e Estímulo Sensorial (15 min): apresentação de imagens/vídeos; diálogo sobre percepção corporal.</p> <p>2º Momento – Experiência Corporal (30 min): alongamento; vivência da ginga, esquivas, cocorinha, negativa; sequências livres.</p> <p>3º Momento – Roda e Escrita (15 min): roda de conversa; escrita de um parágrafo reflexivo.</p>
<b>Avaliação</b>	Participação nas vivências; escuta e envolvimento nas conversas; profundidade da reflexão escrita.

<b>Recursos Necessários</b>	Caixa de som; vídeos; colchonetes; espaço amplo; papel e caneta.
<b>Referências</b>	DAOLIO, Jocimar. Da Cultura do Corpo. Campinas: Papyrus, 1995. SILVA, Lucas C. D.; FERREIRA, Alexandre D. Capoeira dialoga: o corpo e o jogo de significados. RBCE, 2012. SANTIN, Silvino. Educação Física: outros caminhos. Porto Alegre: EST, 1990.

**Fonte:** Elaborado pelo autor 2025.

### 3.1.3 Plano de Aula 3: Capoeira e Lazer.

**Quadro 4 – Elementos do planejamento do episódio 3**

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
<b>Componente Curricular</b>	Educação Física
<b>Ano/Série</b>	9º ano do Ensino Fundamental II
<b>Duração</b>	60 minutos
<b>Local</b>	Quadra ou espaço externo amplo
<b>Temática do Encontro</b>	Vivência da capoeira em sua dimensão lúdica e de lazer, compreendendo a importância do brincar, do prazer e da expressão livre como elementos essenciais da cultura corporal e da formação humana.
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecer o lazer como direito social e expressão da cultura.</li> <li>- Explorar a capoeira como vivência corporal lúdica e prazerosa.</li> <li>- Valorizar o jogo, a brincadeira e o movimento como formas legítimas de aprendizagem.</li> </ul>
<b>Conteúdos</b>	<p><b>Conceituais:</b> Lazer, ludicidade e cultura corporal; capoeira como prática de lazer.</p> <p><b>Procedimentais:</b> Prática livre e dirigida da capoeira com ênfase na brincadeira.</p> <p><b>Atitudinais:</b> Participação ativa; cooperação; criatividade; respeito ao outro.</p>

<b>Estrutura Didática</b>	<p><b>1º Momento – Roda Inicial (10 min):</b> pergunta disparadora; discussão sobre lazer; apresentação da proposta.</p> <p><b>2º Momento – Vivência Lúdica (35 min):</b> aquecimento com música; roda de capoeira com variações; criação coletiva de uma brincadeira com elementos da capoeira.</p> <p><b>3º Momento – Relaxamento e Avaliação (15 min):</b> respiração; reflexão em grupo; registro coletivo das palavras representativas.</p>
<b>Avaliação</b>	Observação da participação; criatividade e cooperação; reflexão oral ou escrita sobre lazer e capoeira.
<b>Recursos Necessários</b>	Instrumentos de capoeira; aparelho de som; cartolina; pincel atômico; folhas coloridas; espaço amplo.
<b>Referências</b>	MARCELLINO, Nelson C. Lazer e humanização. Campinas: Papyrus, 1983. CAMARGO, Luiz O. L. Educação para o lazer. São Paulo: Moderna, 1998. MELLO, André. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025).

### 3.1.4 Plano de Aula 4: História da Capoeira.

**Quadro 5 – Elementos do planejamento do episódio 4**

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
<b>Componente Curricular</b>	Educação Física
<b>Ano/Série</b>	9º ano do Ensino Fundamental II
<b>Duração</b>	60 minutos
<b>Local</b>	Sala de aula com recursos audiovisuais
<b>Temática do Encontro</b>	Investigar a origem, os processos históricos e os contextos socioculturais da capoeira, compreendendo-a como prática de resistência, identidade e tradição afro-brasileira.
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender a história da capoeira a partir de sua origem como forma de resistência negra.</li> <li>- Analisar a evolução da capoeira como manifestação cultural até sua chegada à escola.</li> </ul>

	- Valorizar a memória coletiva e a ancestralidade nas práticas corporais afro-brasileiras.
<b>Conteúdos</b>	<p><b>Conceituais:</b> História da capoeira; contexto da escravidão; resistência cultural; capoeira contemporânea.</p> <p><b>Procedimentais:</b> Análise de vídeos e textos; roda de diálogo; construção coletiva de linha do tempo.</p> <p><b>Atitudinais:</b> Respeito às tradições afro-brasileiras; escuta ativa; valorização das raízes históricas da capoeira.</p>
<b>Estrutura Didática</b>	<p>1º Momento – Introdução Histórica e Sensibilização (15 min): exibição de filme/documentário; diálogo sobre escravidão, resistência e cultura.</p> <p>2º Momento – Estudo Dirigido e Linha do Tempo (30 min): leitura coletiva; elaboração em grupos; socialização dos cartazes.</p> <p>3º Momento – Reflexão e Encerramento (15 min): roda final; escrita de palavra ou frase-síntese.</p>
<b>Avaliação</b>	Participação nas leituras e discussões; envolvimento na linha do tempo; qualidade das reflexões orais ou escritas.
<b>Recursos Necessários</b>	Projetor/TV; trechos do filme <i>Besouro</i> ou documentário; textos curtos; cartolina; pincéis; lápis de cor; fita adesiva.
<b>Referências</b>	<p>FALCÃO, José Luiz C. A escolarização da vadiação: a capoeira na escola. 1994.</p> <p>MELLO, André. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal.</p> <p>SOARES, Carlos. A capoeira escrava e outras tradições rebeldes. UNICAMP, 2004.</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025).

### 3.1.5 Plano de aula 5: Capoeira e Educação Física Plural e Cultural.

**Quadro 6** – Elementos do planejamento do episódio 5

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
<b>Componente Curricular</b>	Educação Física
<b>Ano/Série</b>	9º ano do Ensino Fundamental II
<b>Duração</b>	60 minutos

<b>Local</b>	Sala de aula e quadra escolar
<b>Temática do Encontro</b>	Compreender as conexões entre a capoeira e a proposta da Educação Física Plural e Cultural, explorando a diversidade das manifestações corporais como expressão de identidade, história e pertencimento.
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discutir os princípios da Educação Física Plural e Cultural.</li> <li>- Relacionar a prática da capoeira com a valorização das diferenças culturais.</li> <li>- Refletir sobre o papel da Educação Física como espaço de inclusão e diversidade.</li> </ul>
<b>Conteúdos</b>	<p><b>Conceituais:</b> Educação Física cultural e plural; diversidade corporal e cultural; capoeira como prática de resistência e identidade.</p> <p><b>Procedimentais:</b> Leitura crítica de textos; roda de conversa; experimentação corporal.</p> <p><b>Atitudinais:</b> Respeito às diferenças; valorização da cultura afro-brasileira; escuta sensível e diálogo.</p>
<b>Estrutura Didática</b>	<p>1º Momento – Leitura e Discussão (15 min): apresentação de trechos; debate guiado.</p> <p>2º Momento – Vivência Corporal (30 min): ginga, chamadas, palmas, instrumentos; inserção de músicas e falas de valorização da diversidade.</p> <p>3º Momento – Roda e Fechamento (15 min): reflexão coletiva; produção de frases ou desenhos.</p>
<b>Avaliação</b>	Participação em atividades e discussões; capacidade de relacionar experiências; produções simbólicas (oral, escrita ou visual).
<b>Recursos Necessários</b>	Textos/cartazes sobre Educação Física Cultural; instrumentos musicais; aparelho de som; papel e canetas coloridas.
<b>Referências</b>	NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica. Paco Editorial, 2018. DAOLIO, Jocimar. Da Cultura do Corpo. Papyrus, 1995.

FALCÃO, José Luiz C. A escolarização da capoeira. 1994.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

### 3.1.6 Plano de aula 6: Capoeira e as Lutas/Artes Marciais.

Quadro 7 – Elementos do planejamento do episódio 6

Elemento	Descrição
<b>Componente Curricular</b>	Educação Física
<b>Ano/Série</b>	9º ano do Ensino Fundamental II
<b>Duração</b>	60 minutos
<b>Local</b>	Quadra, sala ampla ou espaço com tatames/colchonetes
<b>Temática do Encontro</b>	Investigar as características da capoeira como luta e arte marcial, promovendo comparações com outras práticas de combate corporal e explorando sua identidade como prática de resistência.
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender a capoeira como luta e arte marcial.</li> <li>- Comparar elementos técnicos, simbólicos e filosóficos da capoeira com outras lutas.</li> <li>- Valorizar a história de resistência presente nas práticas corporais afro-brasileiras.</li> </ul>
<b>Conteúdos</b>	<p><b>Conceituais:</b> Definição de lutas; elementos de luta na capoeira; aspectos filosóficos das artes marciais.</p> <p><b>Procedimentais:</b> Movimentos ofensivos e defensivos; simulações comparativas.</p> <p><b>Atitudinais:</b> Postura ética; respeito ao adversário; valorização da resistência cultural.</p>
<b>Estrutura Didática</b>	<p>1º Momento – Discussão Teórica (15 min): apresentação da capoeira como luta; comparações iniciais; debate sobre filosofia e valores.</p> <p>2º Momento – Prática Técnica (30 min): aquecimento; execução de esquiva, rasteira, ginga com ataque; simulações comparadas.</p> <p>3º Momento – Roda e Reflexão (15 min): roda simbólica; diálogo sobre significados; registro escrito “O que aprendi sobre capoeira como luta?”.</p>

<b>Avaliação</b>	Participação nas vivências; análise crítica nas comparações; qualidade das reflexões escritas.
<b>Recursos Necessários</b>	Tatames/colchonetes; vídeos curtos; instrumentos musicais; papel e caneta.
<b>Referências</b>	GOMES, Fábio J. C. O pulo do gato preto: dimensões educacionais das artes marciais e capoeira. 2012.FALCÃO, José Luiz C. A escolarização da capoeira. 1994.Estudos comparativos sobre capoeira e artes marciais (MMA, judô, jiu-jitsu etc.).

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025).

### 3.1.7 Plano de Aula 7: Capoeira como Jogo e Brincadeira.

**Quadro 8 – Elementos do planejamento do episódio 7**

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
<b>Componente Curricular</b>	Educação Física
<b>Ano/Série</b>	9º ano do Ensino Fundamental II
<b>Duração</b>	60 minutos
<b>Local</b>	Quadra escolar ou espaço lúdico adaptado
<b>Temática do Encontro</b>	Explorar o caráter lúdico da capoeira, reconhecendo suas raízes como jogo e brincadeira, e compreendendo sua importância na socialização, no desenvolvimento motor e na formação cultural dos estudantes.
<b>Objetivos do Encontro</b>	Identificar os elementos de jogo e brincadeira presentes na capoeira; vivenciar a capoeira como prática lúdica, interativa e colaborativa; refletir sobre o valor educativo e cultural do brincar nas aulas de Educação Física.
<b>Conteúdos</b>	<p><b>Conceituais:</b> Capoeira como jogo; ludicidade e brincadeira; aspectos culturais do jogo na Educação Física.</p> <p><b>Procedimentais:</b> Prática de rodas de capoeira com foco lúdico; criação de jogos inspirados na capoeira.</p> <p><b>Atitudinais:</b> Cooperação, criatividade, respeito mútuo e valorização da expressão corporal.</p>

<b>Estrutura Didática do Encontro</b>	<p>1º Momento – Introdução ao Tema (10 min): apresentação do conceito de capoeira como jogo e brincadeira; discussão guiada “Brincar é só coisa de criança?”; exibição de vídeo curto com rodas de capoeira infantis e tradicionais.</p> <p>2º Momento – Vivência Lúdica (35 min): aquecimento coletivo com músicas e movimentos rítmicos; roda de capoeira com ênfase no improvisado e diversão; criação, em grupos, de brincadeiras/jogos baseados na capoeira; socialização e prática dos jogos criados.</p> <p>3º Momento – Reflexão e Fechamento (15 min): roda de conversa sobre o que foi divertido, diferente ou desafiador; registro coletivo das aprendizagens em cartaz (palavras ou desenhos).</p>
<b>Avaliação</b>	Participação nas atividades e interações; criatividade e envolvimento na criação dos jogos; reflexão crítica sobre o valor da ludicidade na capoeira e na escola.
<b>Recursos Necessários</b>	Instrumentos musicais (berimbau, atabaque, pandeiro); aparelho de som; cones; cordas; papel kraft; canetas e lápis de cor; espaço amplo para brincadeiras.
<b>Referências Teóricas</b>	KISHIMOTO, T. M. Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil. 2014. LORO, A. P. Jogos e brincadeiras: pluralidades interventivas. Intersaberes, 2023. NEVES, M. L. B. P. et al. Reflexões sobre corpos de capoeira na práxis educacional. 2021.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025).

### 3.1.8 Plano de aula 8: Capoeira e Dança.

**Quadro 9** – Elementos do planejamento do episódio 8

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
<b>Componente Curricular</b>	Educação Física
<b>Ano/Série</b>	9º ano do Ensino Fundamental II
<b>Duração</b>	60 minutos
<b>Local</b>	Quadra ou sala com espaço para movimentação corporal
<b>Temática do Encontro</b>	Investigar as relações entre a capoeira e a dança, reconhecendo os elementos rítmicos, expressivos e culturais compartilhados,

	valorizando a musicalidade e a expressão corporal presentes na capoeira.
<b>Objetivos do Encontro</b>	Identificar semelhanças e diferenças entre a capoeira e as danças afro-brasileiras; valorizar a expressão corporal e rítmica na capoeira; vivenciar a capoeira como forma de arte e manifestação cultural.
<b>Conteúdos</b>	<p><b>Conceituais:</b> Capoeira e dança como expressões culturais afro-brasileiras; ritmo e musicalidade; corporeidade e estética do movimento.</p> <p><b>Procedimentais:</b> Prática de movimentos fluídos da capoeira e de danças afro; criação de sequências rítmicas.</p> <p><b>Atitudinais:</b> Apreciação da diversidade cultural; valorização da expressão individual e coletiva por meio do corpo.</p>
<b>Estrutura Didática do Encontro</b>	<p>1º Momento – Introdução Teórica e Sensível (15 min): exibição de vídeos curtos que mostrem a capoeira como dança e sua relação com danças afro-brasileiras (samba, jongo, afoxé); roda de conversa sobre percepções estéticas.</p> <p>2º Momento – Vivência Corporal (30 min): aquecimento com ritmos afro; prática orientada de movimentos da capoeira com ênfase na fluidez e expressão; experimentação de passos de danças afro e construção de sequências híbridas (dança-capoeira).</p> <p>3º Momento – Apresentação e Reflexão (15 min): apresentação em grupos das sequências criadas; reflexão oral “O que meu corpo comunica quando dança e joga capoeira?”; registro coletivo em mural/cartaz.</p>
<b>Avaliação</b>	Participação nas atividades corporais e discussões; criatividade na construção das sequências; capacidade de reflexão estética e cultural sobre o corpo.
<b>Recursos Necessários</b>	Instrumentos musicais de capoeira e percussão afro; aparelho de som; vídeos selecionados; espaço para prática; cartolina/papel kraft.
<b>Referências Teóricas</b>	RODRIGUES, J. M. N. O corpo que joga, ginga e dança. Revista GEARTE, 2017. MARQUES, I. A. Dançando na escola. Motriz, 1997. MELLO, A. A história da capoeira. UVV.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025).

### 3.1.9 Plano de Aula 9: Capoeira e a Ginástica.

Quadro 10 – Elementos do planejamento do episódio 9

Elemento	Descrição
<b>Componente Curricular</b>	Educação Física
<b>Ano/Série</b>	9º ano do Ensino Fundamental II
<b>Duração</b>	60 minutos
<b>Local</b>	Quadra ou sala com colchonetes/tatames
<b>Temática do Encontro</b>	Explorar os elementos da ginástica presentes na capoeira, valorizando o desenvolvimento da consciência corporal, equilíbrio, força e controle por meio de movimentos acrobáticos e de sustentação do próprio corpo.
<b>Objetivos do Encontro</b>	Identificar os componentes da ginástica presentes na capoeira; desenvolver habilidades corporais relacionadas à força, equilíbrio e flexibilidade; estimular o cuidado com o corpo e a consciência dos próprios limites.
<b>Conteúdos</b>	<p><b>Conceituais:</b> Ginástica e capoeira: aproximações e interações; acrobacias; equilíbrio; força; controle motor.</p> <p><b>Procedimentais:</b> Prática de movimentos acrobáticos adaptados da capoeira; exercícios de preparação física e controle corporal.</p> <p><b>Atitudinais:</b> Valorização do esforço pessoal; respeito aos limites corporais; incentivo à autoconfiança e superação.</p>
<b>Estrutura Didática do Encontro</b>	<p>1º Momento – Introdução Conceitual (10 min): diálogo inicial “Capoeira é só luta ou também é ginástica?”; apresentação de imagens e vídeos de movimentos acrobáticos da capoeira.</p> <p>2º Momento – Vivência Corporal e Técnica (35 min): aquecimento focado em mobilidade e articulações; prática de bananeira, ponte, queda de rins, rolamento; estações para força, equilíbrio e coordenação.</p> <p>3º Momento – Encerramento e Reflexão (15 min): roda “Qual movimento foi mais desafiador? Por quê?”; registro individual (oral ou escrito) sobre a experiência corporal.</p>

<b>Avaliação</b>	Participação nas atividades; respeito aos colegas e à segurança; percepção sobre limites e progressos pessoais.
<b>Recursos Necessários</b>	Colchonetes; tatames; cordas; vídeos com acrobacias básicas da capoeira; aparelho de som; espaço seguro para movimentos.
<b>Referências Teóricas</b>	PASQUA, L. P. M.; HESS, C. M.; TOLEDO, E. Ginga para todos: aproximações entre a ginástica para todos e a capoeira. 2019. Estudos sobre integração de ginástica e capoeira na Educação Física.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025).

### 3.1.10 Plano de Aula 10: Capoeira e Esportivização.

**Quadro 11** – Elementos do planejamento do episódio 10

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
<b>Componente Curricular</b>	Educação Física
<b>Ano/Série</b>	9º ano do Ensino Fundamental II
<b>Duração</b>	60 minutos
<b>Local</b>	Quadra ou sala com espaço para rodas e diálogo
<b>Temática do Encontro</b>	Discutir o processo de esportivização da capoeira, refletindo sobre seus impactos na cultura, nas práticas escolares e na preservação de seus valores históricos e simbólicos.
<b>Objetivos do Encontro</b>	Identificar as principais características da capoeira esportivizada; comparar a capoeira tradicional e a competitiva; refletir criticamente sobre os riscos e possibilidades da esportivização no contexto escolar.
<b>Conteúdos</b>	<p><b>Conceituais:</b> Capoeira como manifestação cultural e como esporte; regras e competições; preservação da tradição.</p> <p><b>Procedimentais:</b> Discussões e simulação lúdica de formatos competitivos; análise de vídeos e textos.</p> <p><b>Atitudinais:</b> Valorização da tradição oral e cultural da capoeira; respeito à diversidade de práticas.</p>

<b>Estrutura Didática do Encontro</b>	<p>1º Momento – Introdução e Provocação (15 min): pergunta inicial “Capoeira é jogo, luta, arte ou esporte?”; exibição de vídeo comparando roda tradicional e competição; roda de conversa sobre percepções iniciais.</p> <p>2º Momento – Vivência e Análise (30 min): simulação de roda com regras inspiradas na capoeira esportiva; comparação entre roda espontânea e estruturada; leitura de pequenos trechos sobre a regulamentação esportiva da capoeira.</p> <p>3º Momento – Debate Crítico e Síntese (15 min): roda de diálogo “O que se ganha e o que se perde com a esportivização?”; registro coletivo em cartaz ou mural.</p>
<b>Avaliação</b>	Participação nas atividades práticas e reflexivas; capacidade de argumentação crítica sobre os sentidos da capoeira; envolvimento na produção coletiva das sínteses.
<b>Recursos Necessários</b>	Aparelho de som; vídeos e textos curtos; cartolina; pincel atômico; folhas e canetas; espaço para roda e prática simulada.
<b>Referências Teóricas</b>	PASQUA, L. P. M. Competições de Capoeira. 2008. ALVES, L. P.; MONTAGNER, P. C. A esportivização da capoeira. Conexões, 2008. OLIVEIRA, D. J. de. A esportivização da capoeira: uma revisão sistemática. 2023.

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025).

### 3.1.11 Plano de Aula 11: Encerramento e Avaliação do Projeto.

**Quadro 12** – Elementos do planejamento do episódio 11

<b>Elemento</b>	<b>Descrição</b>
<b>Componente Curricular</b>	Educação Física
<b>Ano/Série</b>	9º ano do Ensino Fundamental II
<b>Duração</b>	60 minutos
<b>Local</b>	Sala de aula e/ou espaço de convivência
<b>Temática do Encontro</b>	Encerramento do Projeto PCEJ com ênfase na escuta dos estudantes, socialização dos saberes construídos e avaliação coletiva das experiências vivenciadas.

<b>Objetivos do Encontro</b>	Retomar os principais conteúdos, vivências e reflexões do projeto; promover diálogo, escuta e avaliação coletiva; valorizar a voz dos estudantes e reconhecer seus avanços, dificuldades e contribuições.
<b>Conteúdos</b>	<p><b>Conceituais:</b> Síntese dos temas trabalhados; cultura corporal; protagonismo estudantil.</p> <p><b>Procedimentais:</b> Participação em roda de conversa; produção de sínteses escritas, faladas ou visuais.</p> <p><b>Atitudinais:</b> Escuta ativa; empatia; autorreflexão; valorização da coletividade.</p>
<b>Estrutura Didática do Encontro</b>	<p>1º Momento – Roda de Conversa Retrospectiva (20 min): linha do tempo oral do projeto; releitura das palavras/frases registradas; debate “O que mudou em mim desde o início do projeto?”.</p> <p>2º Momento – Avaliação Coletiva e Criativa (25 min): entrevista coletiva com perguntas abertas; elaboração de cartaz coletivo com frases, desenhos ou colagens; sugestões para futuros projetos.</p> <p>3º Momento – Encerramento Simbólico (15 min): roda final com música e agradecimentos; entrega simbólica de certificado ou lembrança; palavra final de cada estudante: “Hoje saio com...”.</p>
<b>Avaliação</b>	Participação nas rodas e atividades; qualidade da escuta e das sínteses; capacidade de reflexão sobre o processo e os aprendizados.
<b>Recursos Necessários</b>	Aparelho de som; instrumentos musicais; cartolina; papel kraft; revistas para recorte; cola; canetas coloridas; questionário ou roteiro para entrevista coletiva.
<b>Referências Teóricas</b>	<p>FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Paz e Terra, 2005.</p> <p>NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física Cultural. Paco Editorial, 2018.</p> <p>Dados e registros do Projeto PCEJ.</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025).

A elaboração e a execução desses planos de aula materializam o vínculo entre o planejamento pedagógico e a prática educativa, garantindo intencionalidade e coerência ao processo formativo. Mais do que um roteiro de atividades, eles expressam a opção por uma prática dialógica, crítica e culturalmente entendida, em que os estudantes são reconhecidos como sujeitos ativos do conhecimento.

A sistematização aqui apresentada, além de subsidiar a análise dos episódios de ensino descritos nos capítulos seguintes, constitui também uma contribuição prática ao campo da Educação Física escolar, oferecendo um modelo de planejamento que integra corpo, cultura, lazer e capoeira em diálogo com a BNCC e com as perspectivas críticas da área.

### **3.2. Possibilidades de avaliação.**

A avaliação no contexto do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ) foi concebida como um ato pedagógico ético, dialógico e culturalmente situado, coerente com a perspectiva da Educação Física Cultural (NEIRA, 2018) e com os princípios “freireanos” da escuta, da autonomia e da construção coletiva do conhecimento (FREIRE, 2011).

O processo avaliativo deve transcender a mensuração de desempenhos técnicos ou a aplicação de instrumentos padronizados. Como aponta Daolio (1995), o corpo é expressão de história, cultura e identidade; logo, avaliar as práticas corporais significa escutar os sentidos produzidos pelos sujeitos que as vivenciam em suas singularidades e coletividades.

A seguir, são apresentadas possibilidades avaliativas adotadas e/ou sugeridas no projeto, alinhadas aos princípios do currículo cultural, da capoeira como prática de resistência e da avaliação como parte do processo formativo.

#### **3.2.1 Avaliação Diagnóstica (Freire; Daolio).**

- Realizada no início do projeto por meio de conversas exploratórias, textos livres, desenhos temáticos e fichas de percepção corporal e cultural.
- Busca reconhecer os saberes prévios dos estudantes sobre o corpo, a capoeira, a história afro-brasileira e o lazer.

Segundo Freire (2011), é preciso respeitar o que o educando já sabe — a avaliação diagnóstica inaugura o diálogo pedagógico.

### **3.2.2 Avaliação Formativa e Processual (Neira; Marcellino; Falcão).**

- O acompanhamento contínuo da participação, da escuta ativa, da reflexão e da expressão corporal nas rodas de capoeira e nas discussões.
- Utilização de observações do professor/pesquisador, registros reflexivos dos alunos, murais de síntese, cartazes coletivos e produções simbólicas.

Conforme Neira (2018), a avaliação formativa respeita o tempo de aprendizagem de cada sujeito, não para classificá-lo, mas para compreendê-lo em sua trajetória.

Para Falcão (1994), avaliar a capoeira na escola exige reconhecer sua lógica cultural e seus elementos simbólicos — e não reduzi-la a critérios esportivos ou técnicos.

### **3.2.3 Autoavaliação (Freire; Mello).**

- Prática central no projeto: os alunos refletiam regularmente sobre o que aprenderam, como se sentiram e o que a capoeira significava para eles.
- Desenvolvida por meio de entrevistas coletivas, diários corporais, palavras-chave pós-aula, sínteses escritas ou desenhadas e círculos de partilha.

Freire (2011) afirma que a prática educativa deve fomentar a autonomia crítica; a autoavaliação, nesse sentido, contribui para a consciência de si e do outro no processo educativo.

Mello (2002) reforça que a capoeira carrega sentidos plurais e que os sujeitos constroem suas leituras da prática a partir de suas vivências — avaliar é permitir que esses sentidos venham à tona.

### **3.2.4 Avaliação Coletiva e Simbólica (Daolio; Camargo).**

- Realizada por meio de rodas de avaliação, onde alunos e professor dialogam sobre o processo vivido, os afetos compartilhados e os saberes produzidos.
- Utilização de recursos criativos, como cartazes colaborativos, linhas do tempo afetivas, mapas corporais, musicalizações espontâneas ou jogos inventados como síntese.

Para Camargo (1998) e Marcellino (1983), o lazer, o jogo e o simbólico devem ser compreendidos como dimensões legítimas da aprendizagem e da avaliação, especialmente quando se trata de práticas corporais culturais.

A avaliação no ensino da capoeira, tal como praticada no PCEJ, assumiu um caráter formativo, sensível e culturalmente enraizado. Não se trata de mensurar o que o aluno “atingiu”, mas de reconhecer os sentidos, os gestos, os afetos e os saberes que ele construiu na roda — com o corpo, com os outros e com a história.

Inspirada nos princípios de Freire, Daolio, Neira, Falcão, Mello e Marcellino, essa abordagem avaliativa aposta na humanização do processo pedagógico, na emancipação dos sujeitos e na revalorização da escola como espaço de cultura e liberdade.

### **3.3.1 Exemplos de atividades pedagógicas da capoeira.**

Esta seção reúne propostas práticas realizadas ao longo do Projeto PCEJ e sugestões complementares para professores interessados em desenvolver a capoeira na escola com abordagens criativas, dialógicas e plurais. As atividades foram pensadas para favorecer a expressividade corporal, o diálogo cultural, o protagonismo juvenil e o prazer de aprender.

### **3.3.2 Atividades desenvolvidas no PCEJ.**

- Linha do tempo viva da história da capoeira: os alunos montaram coletivamente um painel com marcos históricos discutidos durante as aulas, a partir de textos, vídeos e vivências.
- Roda de capoeira simbólica: nas primeiras aulas, a roda foi organizada com foco no acolhimento e expressão, incentivando o improviso e o respeito mútuo.
- Jogos corporais inspirados na capoeira: foram criadas brincadeiras como “ginga congelante”, “berimbau manda” e “passa o movimento”, estimulando atenção, ritmo e cooperação.
- Criação de sequências de movimentos: os alunos criaram sequências coreografadas com elementos da capoeira e danças afro-brasileiras.

➤ Entrevista coletiva com autoavaliação: ao final do projeto, foi aplicada uma roda de conversa com perguntas abertas, promovendo escuta, reflexão e síntese das aprendizagens.

### **3.3.3 Sugestões complementares.**

- Confeção de instrumentos musicais com materiais recicláveis: como berimbau com arame e cabaça, pandeiro com tampas de garrafa e atabaque de balde.
- Oficina de musicalidade: explorar os toques do berimbau, ritmos e cantos tradicionais, relacionando com momentos históricos e emocionais da roda.
- Capoeira em mapas: atividades interdisciplinares com geografia e história para localizar os espaços e personagens importantes da trajetória da capoeira.
- Roda temática com dramatização: encenações curtas com base nas histórias dos mestres da capoeira, como Mestre Bimba e Besouro Mangangá.
- Diário corporal: proposta de registro semanal, onde os alunos escrevem ou desenham o que sentiram com o próprio corpo durante as práticas.

Essas atividades podem ser adaptadas de acordo com o tempo, o espaço e o perfil de cada turma, sempre respeitando os princípios da educação plural, do diálogo intercultural e da valorização dos saberes de origem afro-brasileira.

## **4. PROJETO CAPOEIRA NA ESCOLA: UM IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DE SEUS PRATICANTES.**

A capoeira, enquanto linguagem corporal historicamente construída, carrega em si marcas da resistência afro-brasileira, da criatividade popular e da riqueza das culturas corporais. Sua inserção na escola, conforme preconizado por autores como Jocimar Daolio (1995), permite que o corpo seja reconhecido como sujeito de cultura, capaz de expressar identidades, histórias e saberes que extrapolam a dimensão técnica tradicionalmente valorizada na Educação Física.

Para Daolio (1995), o corpo é simultaneamente fator de igualdade e diferença entre os seres humanos, sendo constituído por atravessamentos históricos e simbólicos. Nesse sentido, as práticas pedagógicas que se orientam pela

compreensão do corpo como construção cultural, como propõe a Educação Física Cultural e Plural, abrem espaço para que manifestações como a capoeira sejam vivenciadas em sua totalidade — como jogo, luta, dança, arte, música e filosofia.

Segundo Neira (2018), a perspectiva da Educação Física Cultural busca superar os reducionismos tecnicistas e biologizantes, valorizando as práticas corporais significativas dos alunos e promovendo uma leitura crítica das manifestações da cultura corporal. A capoeira, nesse contexto, se mostra potente por sua pluralidade de sentidos e possibilidades de abordagem pedagógica.

Falcão (1994) contribui com reflexões fundamentais ao alertar sobre os riscos de uma escolarização da capoeira pautada pela esportivização ou descontextualização de seus elementos. Para o autor, é preciso garantir que a prática mantenha sua ligação com a história, com a ancestralidade e com os processos de resistência das populações negras. Sua proposta pedagógica defende a valorização da “vadiação” como essência lúdica e simbólica da capoeira e aposta em uma formação crítica e plural. A “vadiação” é descrita por Alves (2013), como um aspecto fundamental da prática da capoeira, enfatizando a importância da espontaneidade e da interação dentro da forma de arte. Santana (2020), aponta o significado cultural da “vadiação” como forma de uma cultura popular, influenciando percepções locais e globais.

Mello (2002) também enfatiza a importância de abordagens que considerem a historicidade da capoeira e sua articulação com a cultura corporal. Ao propor a capoeira como conteúdo na escola, o autor reforça a necessidade de compreendê-la como fenômeno social e cultural dinâmico, capaz de desenvolver habilidades motoras, cognitivas e afetivas, além de dialogar com questões de identidade, raça, classe e gênero.

Com base nos princípios “freireanos” de diálogo, problematização e emancipação, o projeto PCEJ foi concebido como um espaço educativo em que os estudantes pudessem construir sentido para o conhecimento por meio da experiência, da escuta e da expressão. Freire (2011) destaca que ensinar exige respeitar o saber

dos educandos, criar possibilidades para sua autonomia e entender a educação como prática de liberdade.

Ao longo de 13 encontros, o PCEJ permitiu que os alunos vivenciassem a capoeira em suas múltiplas dimensões. As experiências corporais foram acompanhadas por reflexões críticas sobre o corpo, o lazer, a cultura e a história afro-brasileira. A prática foi entendida como espaço de pertencimento, resistência e transformação, impactando significativamente a forma como os estudantes se percebem e compreendem o mundo ao seu redor.

O caderno pedagógico sistematiza os saberes produzidos no percurso do PCEJ, apresentando-os de maneira acessível e replicável, mas sempre com o compromisso de que a capoeira continue sendo uma prática viva, dialógica e culturalmente valorizada.

#### **4.1 Episódios de ensino-aprendizagem da capoeira na escola.**

##### **4.1.1 1º Encontro – 04/11/2024 Apresentação do projeto e seus objetivos**

**Data:** 04 de novembro de 2024

**Horário:** 1º tempo (07h30 às 08h30)

**Local:** Sala de aula (turma 9º 01)

**Duração:** 60 minutos

**Alunos presente:** 31

Hoje, realizei a primeira aula do Projeto Capoeira na Escola Para os Jovens – PCEJ. A turma alvo foi a do 9º 01, como o quantitativo de 31 alunos presente e 10 faltas. Iniciei explicando detalhadamente os objetivos e ressalttei que esse projeto tinha como principal meta compreender a capoeira como uma manifestação cultural rica, inserindo-a na educação física escolar para explorar elementos do corpo, do lazer e do lúdico como formas de construção identitária e cidadã.

Em seguida, realizei uma atividade de diagnóstico prévio, lançando perguntas norteadoras aos alunos para compreender suas percepções iniciais sobre os temas que seriam desenvolvidos ao longo do projeto. As perguntas formuladas foram:

*O que vocês entendem por Capoeira?*

*Qual a relação da capoeira com a educação física?*

*O que é lazer para vocês?*

*O que são atividades lúdicas?*

*O que significa corpo para vocês?*

*Quais elementos da dança são encontrados na capoeira?*

*Quais elementos das lutas encontramos na capoeira?*

*Quais elementos dos jogos encontramos na capoeira?*

*Quais elementos da ginástica encontramos na capoeira?*

*Qual a relação da capoeira com os esportes?*

Nesse momento, percebi um clima de timidez e insegurança generalizada na turma. As respostas, em sua maioria, eram curtas, superficiais, e demonstravam pouca profundidade conceitual, refletindo uma certa dificuldade inicial dos alunos para expressar suas percepções. Por exemplo, o aluno "G", com expressão tímida e voz baixa, afirmou apenas que "a capoeira é uma luta", evidenciando uma limitação no entendimento da riqueza cultural envolvida na prática.

Percebendo essa dificuldade inicial, propus uma mudança de estratégia metodológica: sugeri que construíssemos juntos, de maneira colaborativa, um infográfico na lousa para facilitar o entendimento e permitir maior engajamento. Essa atividade desencadeou uma transformação visível na postura dos alunos. À medida que iam participando e contribuindo com palavras e expressões relacionadas à Educação Física, percebi uma mudança de comportamento da turma, com crescente interesse e entusiasmo.

O infográfico começou com a palavra central "Educação Física". Perguntei à turma quais eram os principais conteúdos abordados pela disciplina, e obtive uma verdadeira "chuva" de respostas variadas e espontâneas. As falas foram desde "futebol!", "queimada", "quadra", até "estudar o corpo humano", evidenciando a

diversidade das vivências dos estudantes com a disciplina. Alguns alunos faziam colocações divertidas que descontraíam a turma, como um estudante que disse simplesmente: "é prática na quadra!", provocando risos gerais. Esse momento foi crucial, pois diminuiu significativamente a tensão inicial, criando um ambiente mais acolhedor para o diálogo e aprendizado coletivo.

Conforme a participação dos estudantes avançava, fui direcionando intencionalmente o infográfico para os conteúdos relacionados às lutas, perguntando sobre quais modalidades conheciam, destacando as de origem brasileira. Neste momento, a turma identificou rapidamente a capoeira, mas teve dificuldades em mencionar outras modalidades nacionais, conseguindo apenas citar o "jiu-jítsu brasileiro", indicando a necessidade de ampliar seus conhecimentos sobre outras práticas culturais brasileiras.

A partir disso, fiz uma explanação detalhada sobre as três dimensões principais da capoeira apontadas na literatura:

**Luta:** ressaltando sua origem histórica como prática de resistência dos povos negros contra a escravidão, com movimentos de ataque e defesa.

**Jogo:** destacando o caráter lúdico, a criatividade, a improvisação, a ausência de regras rígidas e o uso da "mandinga" como estratégia. A mandinga representa uma mistura de elementos culturais africanos que evoluiu dentro da diáspora afro-brasileira, particularmente no contexto da capoeira, onde se torna uma ferramenta de educação e reconhecimento social (Lucena & Trigueiro, 2018; Farina, 2011). Na capoeira, a mandinga significa uma estratégia de resiliência, incorporando uma forma de resistência e expressão para comunidades marginalizadas no Brasil (Lucena & Trigueiro, 2018). Autores como os citados acima, apontam que a mandinga abrange conceitos de astúcia, resiliência e expressão cultural, ilustrando sua importância em contextos históricos e contemporâneos.

**Dança:** mostrando como é orientada pela musicalidade, ritmo dos instrumentos, expressão corporal e aspectos ritualísticos.

Além disso, esclareci também a relação da capoeira com a ginástica, descrevendo-a como uma "ginástica brasileira", por trabalhar elementos acrobáticos semelhantes como floreios, paradas de mão, mortais e "estrelinhas", enfatizando especialmente as semelhanças com a ginástica acrobática.

Para finalizar esse momento, abordei brevemente a polêmica sobre a “esportivização” da capoeira, explicando as diferentes perspectivas que coexistem na atualidade: de um lado, aqueles que veem na regulamentação esportiva um risco de descaracterização cultural; de outro, aqueles que veem o esporte como uma maneira de divulgação e valorização da capoeira, destacando, por exemplo, a existência das Confederações Estaduais e Nacionais, além de campeonatos organizados e suas respectivas regras técnicas e de arbitragem.

Ao término da aula, distribuí os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os alunos, esclarecendo detalhadamente cada tópico presente no documento. Fiz questão de enfatizar que a participação no projeto era totalmente voluntária e que poderiam tirar dúvidas ou decidir posteriormente junto aos seus responsáveis, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), entregue também neste encontro. Muitos alunos demonstraram entusiasmo ao receber os documentos, sinalizando um envolvimento positivo com a proposta do projeto.

Como reflexão final sobre esse primeiro encontro, percebi que, apesar da timidez e insegurança inicial, a turma conseguiu se envolver progressivamente, especialmente após a proposta metodológica da construção colaborativa do infográfico. Essa atividade revelou-se fundamental não apenas para o diagnóstico inicial do conhecimento prévio dos alunos, mas também para criar um ambiente de confiança, valorização da participação coletiva e abertura ao diálogo. Acredito que essa abordagem colaborativa e dialógica será essencial para aprofundar as discussões nas próximas aulas, estimulando os alunos a se expressarem com maior confiança e profundidade.

#### **4.1.2 2º Encontro – 06/11/2024 Conceituação de corpo**

**Data:** 06 de novembro de 2024

**Horário:** 3º e 4º tempo (09h30 às 10h30 / 10:30 as 11:30)

**Local:** EETI Professora Cíntia Régia Gomes do Livramento (sala de aula e sala de dança)

**Duração:** 120 minutos

**Alunos presente:** 38

#### **Primeiro momento (3º tempo – 09h30 às 10h30): Discussão sobre o Conceito de Corpo**

O segundo encontro do projeto começou pontualmente às 09h30, na aula da turma do 9º 01, com a presença de 35 alunos. Inicialmente, pretendia organizar os estudantes em roda para favorecer a interação face a face e uma melhor dinâmica dialógica. Porém, devido ao elevado número de estudantes e ao arranjo das carteiras, não foi possível formar a roda idealizada, fazendo com que a atividade fosse conduzida com os alunos sentados nas carteiras, no formato tradicional.

Comecei a atividade com perguntas disparadoras para diagnosticar o entendimento inicial dos alunos sobre o conceito de corpo. Questionei: “O que é corpo para vocês?”, “Definam o corpo”, “Para que serve o corpo?”. As respostas começaram tímidas e hesitantes, com respostas curtas e predominantemente focadas na dimensão física e biológica, como músculos, órgãos, estrutura para movimentação. À medida que fui lançando novas perguntas e exemplos, percebi que alguns alunos se encorajaram e começaram a elaborar respostas mais reflexivas e detalhadas, como o aluno que mencionou o corpo como um "receptáculo de informações nervosas" e a aluna Jimile, que trouxe uma visão mais humanista, destacando o corpo como um meio de expressar sentimentos, vontades e emoções.

Nesse ponto da discussão, percebi um aumento significativo no engajamento da turma. Os alunos começaram a se sentir mais confiantes e as participações ganharam uma qualidade maior. Foi perceptível uma mudança no comportamento coletivo dos alunos após as respostas mais elaboradas, gerando inclusive um momento de descontração, com aplausos e brincadeiras ("A favela venceu!"), o que demonstrou a relevância afetiva e emocional da discussão para eles.

Prosseguimos então com a leitura coletiva de trechos previamente selecionados do livro "Da Cultura do Corpo", de Jocimar Daolio, cujos trechos foram apresentados na lousa e lidos por alunos voluntários. Inicialmente, muitos se mostraram interessados em participar, chegando a disputarem o direito de serem os primeiros a ler, refletindo o crescente engajamento dos estudantes com a atividade.

Durante a leitura dos trechos selecionados, fui fazendo intervenções pontuais para destacar conceitos-chave apresentados pelo autor, como a ideia da Educação Física plural, as diferentes formas culturais de expressão do corpo, e a crítica às visões biologizantes e deterministas sobre o corpo. A participação dos alunos aumentou progressivamente, com muitos relacionando a teoria às suas próprias experiências de vida, contribuindo ativamente com exemplos pessoais, principalmente ao mencionar o futebol como símbolo cultural do Brasil e destacando diferenças culturais na prática esportiva em outras sociedades (China com o tênis-de-mesa e EUA com ginástica artística).

Nesse processo dialógico, fiz questão de trazer exemplos cotidianos e acessíveis aos alunos, exemplificando como questões culturais interferem diretamente no comportamento corporal, nas expectativas sociais, e no desenvolvimento das habilidades motoras. Foi notório como os alunos, aos poucos, passaram a compreender o corpo além da perspectiva biológica, integrando também a noção do corpo como fruto das relações sociais e culturais.

### **Segundo momento (4º tempo – 10h30 às 11h30): Atividade na Sala de Dança**

Após a discussão, aproveitei o intervalo do sino para direcioná-los à sala de dança. Lá, proporcionamos uma aula mais dinâmica e voltada à experimentação corporal, permitindo-lhes aplicar os conceitos discutidos anteriormente.

A aula iniciou-se com atividades de alongamento orientado, em um círculo, proporcionando o contato visual e interpessoal direto, criando o ambiente mais desejado da roda de conversa que não havia sido possível anteriormente na sala de aula. Logo após, realizei uma breve introdução sobre os movimentos de capoeira e sua relação com o conteúdo corporal abordado anteriormente.

Em seguida, os alunos praticaram exercícios de rolamentos, saltos e equilíbrio estático, atividades que favoreceram um ambiente de descontração e engajamento crescente. Percebi uma clara mudança na expressão corporal e emocional dos estudantes, que passaram de uma postura passiva em sala de aula para uma atitude participativa e entusiasmada nas atividades propostas. Houve sorrisos, brincadeiras amistosas e incentivo mútuo entre os colegas.

Nos últimos 15 minutos da aula, deixei os alunos escolherem livremente as atividades para finalizar a aula. Eles, espontaneamente, optaram por realizar atividades que lhes traziam maior prazer e conforto, surgindo grupos distintos com rolamentos e pequenos movimentos acrobáticos da capoeira, enquanto outros preferiram jogar ou experimentar movimentos corporais mais lúdicos, mostrando que havia sido estabelecida uma relação positiva com o corpo em movimento.

Por outro lado, notei que uma pequena parte dos alunos rapidamente perdeu o interesse pelos exercícios da capoeira e preferiu atividades mais familiares (jogar bola), indicando um possível desafio futuro para garantir que a turma inteira se engaje de maneira equilibrada com o projeto proposto.

Nos últimos 5 minutos, reuni os alunos rapidamente para uma breve reflexão coletiva sobre o que haviam vivenciado na aula, e muitos relataram que a aula “prática” foi “mais divertida” e que gostariam que as próximas aulas fossem mais tempo assim. Esse comentário nos faz lembrar da dicotomia existente nas percepções dos estudantes, levando-os a pensar em uma separação entre teoria e prática, indo na “contramão” da abordagem dialética que defende a justaposição, imbricada e inseparável da teoria e prática. Além disso, reforçou a importância de romper com os dualismos ainda presentes na Educação Física, em que se separa corpo e mente, teoria da prática.

#### **4.1.3 3º Encontro – 07/11/2024 Projeção do Filme “Besouro” (Parte I)**

**Data:** 07 de novembro de 2024

**Horário:** 13h00 às 14h00 (5º tempo)

**Local:** Sala de aula (turma 9º 01)

**Duração:** 60 minutos  
**Alunos presente:** 39

O terceiro encontro do Projeto Capoeira na Escola para Jovens (PCEJ) ocorreu no horário vespertino, com a participação de aproximadamente 34 estudantes presentes. Decidi que seria pertinente introduzir aos alunos o filme brasileiro "*Besouro*" (2009), dirigido por João Daniel Tikhomiroff. Justifiquei essa escolha aos alunos destacando a relevância histórica e cultural do filme, apresentando o protagonista como um "super-herói negro brasileiro", anterior ao conhecido personagem Pantera Negra (2018). Minha intenção inicial era despertar maior engajamento, valorizando uma produção nacional que trata de resistência, identidade afro-brasileira e capoeira, inserindo os alunos em um contexto histórico pós-abolição, ainda pouco conhecido por eles.

Iniciamos a projeção pontualmente, tendo como suporte tecnológico o projetor multimídia conectado ao computador. Antes de começar, percebi entre os alunos uma expectativa positiva com comentários informais que evidenciaram curiosidade sobre o tema proposto.

Durante a projeção, os estudantes demonstraram atenção inicial ao contexto visual do filme, que começa com uma bela fotografia aérea, representando metaforicamente o voo de um besouro sobre a vila de Santo Amaro da Purificação. Logo nas primeiras cenas, pude notar alguns olhares impressionados e curiosos, possivelmente devido à qualidade visual da narrativa cinematográfica que foge ao padrão a que estão acostumados em filmes exibidos em sala de aula.

À medida que o enredo avançava e se tornava mais dramático, observei reações emocionais dos alunos, sobretudo durante a cena do assassinato do Mestre Alípio, mentor de Besouro. Alguns estudantes ficaram visivelmente surpresos, apresentando expressões corporais de tensão, como olhos arregalados, e outros trocaram comentários rápidos com colegas ao lado, indicando uma identificação ou surpresa diante das injustiças retratadas na tela. Percebi também murmúrios

discretos, como "Olha só que injustiça!" e "Nossa, que covardia!", evidenciando empatia com os personagens.

No decorrer das cenas de luta, observei que especialmente os estudantes meninos pareciam mais animados e empolgados com os movimentos acrobáticos e técnicas de capoeira demonstradas pelo protagonista. Nesse momento, pude notar gestos espontâneos, como movimentos discretos que imitavam a ginga e comentários que evidenciavam uma clara admiração: "Nossa, ele é bom!", "Muito top essa luta aí, professor!".

Outra cena que atraiu bastante atenção foi a aparição do orixá Exu na feira, marcada por efeitos visuais que dão um tom fantástico ao filme. A reação predominante dos alunos foi uma mistura de fascínio e desconforto, notada por uma súbita quietude e alguns olhares intrigados, seguidos por comentários cochichados, indicando curiosidade sobre o universo afro-brasileiro e religioso apresentado.

Durante esse primeiro momento da projeção do filme, percebi que o objetivo inicial estava sendo alcançado parcialmente: os alunos se mostraram atentos e emocionalmente envolvidos com a narrativa cinematográfica. A decisão de exibir o filme antes das discussões revelou-se estratégica para engajar afetivamente os estudantes, ampliando a possibilidade de discussões mais significativas nas próximas aulas.

Entretanto, também identifiquei possíveis desafios futuros. Em alguns momentos, percebi dispersão leve, principalmente entre alunos situados ao fundo da sala, indicando que talvez o ritmo narrativo do filme ou sua complexidade temática (envolvendo aspectos religiosos e históricos desconhecidos para eles) pudesse estar dificultando a compreensão plena. Isso sugere a necessidade futura de intervenções mais frequentes durante a projeção para explicações pontuais ou pausas estratégicas para esclarecimento e debate rápido, a fim de garantir um entendimento mais profundo.

#### **4.1.4 4º Encontro – 08/11/2024 Projeção do Filme "Besouro" (Parte II e discussão coletiva).**

**Data:** 08 de novembro de 2024

**Horário:** 1º tempo (07h30 às 08h30)

**Local:** Sala de aula (turma 9º 01)

**Duração:** 60 minutos

**Alunos presente:** 38

O quarto encontro iniciou com a conclusão da projeção do filme "Besouro" (2009). Após o encerramento do filme, organizei uma roda de conversa com os estudantes para refletirmos sobre o filme e aprofundarmos temas centrais como resistência, cultura afro-brasileira, corpo e preconceito racial e religioso.

Após a conclusão do filme, iniciei esclarecendo o propósito didático e pedagógico da atividade, destacando o contexto histórico pós-abolição da escravidão e a utilização da capoeira como forma de resistência corporal e cultural dos negros contra a opressão.

Ao abrir o debate, percebi imediatamente o envolvimento significativo dos alunos. O aluno X iniciou destacando positivamente o filme e demonstrou interesse sobre a autenticidade histórica dos fatos. Aproveitei essa oportunidade para contextualizar a figura lendária de Besouro, explicando que o filme contém elementos reais e simbólicos, incluindo metáforas como o "corpo fechado", Baraldi (2021), explica que é uma expressão que pode significar estar protegido de maldades, ou ser saudável, invencível e poderoso. É um termo muito utilizado nas religiões afro-brasileiras.

Perguntei aos alunos sobre qual teria sido a missão do protagonista, recebendo diversas respostas. O aluno Y destacou a autodefesa, o aluno Z trouxe a valorização da capoeira, enquanto outro aluno enfatizou "trazer esperança para o povo escravizado". Notei que a turma estava compreendendo o papel social e cultural que a capoeira desempenhou historicamente.

Durante a conversa, uma aluna destacou como significativa a cena em que Besouro lutou pelo seu povo, culminando em sua morte e reencarnação simbólica

através do filho. Essa colocação gerou uma reflexão sobre resistência e legado cultural. Aproveitei para reforçar a mensagem central do filme: o corpo como meio de resistência e expressão cultural.

A conversa tomou um rumo ainda mais profundo quando abordamos a intolerância religiosa e o preconceito racial presentes no filme. A aluna X destacou o fato raro de protagonistas negros em produções cinematográficas brasileiras, o que desencadeou uma discussão ampla sobre representatividade racial. Notou-se, nesse momento, o despertar crítico e consciente dos alunos sobre questões raciais.

Uma pergunta de uma aluna sobre as origens da ideia de superioridade racial gerou opiniões diversas, incluindo perspectivas simplificadas inicialmente expressas pelos alunos, tais como: Aluno Y “Eu acho que era mais comum nascer pessoas brancas e quando nascia uma pessoa preta eles achavam inferior a eles.”; Aluna x – “Antigamente os negros, negras andavam sujos, então por isso que é mais relacionado, tipo “macaco num sei o que” e Aluno z “Os Europeus vieram com um sentimento de superioridade porque eles tinham tecnologias mais avançadas que os negros, como espelho, a questão das armas, facas.”

Intervi nesse momento esclarecendo que o racismo é uma construção social e histórica, destacando fatores econômicos, religiosos e pseudocientíficos que justificaram a exploração escravista. Percebi que essa explicação gerou momentos de silêncio reflexivo, indicando um impacto significativo sobre os estudantes.

Ainda sobre o filme, o aluno X trouxe uma crítica ao "vandalismo" praticado por Besouro ao destruir engenhos e plantações. Aproveitei para aprofundar a discussão sobre a necessidade dessas ações para chamar atenção e resistir ao sistema escravista, esclarecendo contextos históricos e éticos de resistência.

Outro ponto forte na discussão foi sobre os codinomes da capoeira, explicando sua importância histórica como proteção contra a repressão policial, o que estimulou curiosidade e interesse dos alunos em relação às próximas aulas.

Na parte final, ao mencionar o Dia da Consciência Negra, os alunos demonstraram clareza em identificar elementos culturais e históricos ligados à resistência negra no Brasil. Também houve um debate importante sobre intolerância religiosa, abordando o preconceito sofrido pelas religiões afro-brasileiras. Uma aluna ressaltou as diferenças entre Candomblé e Umbanda, reforçando a ideia de que preconceitos muitas vezes decorrem da falta de conhecimento.

Complementando o que o senhor disse sobre as pessoas não conhecerem a matriz, realmente, pois existe o candomblé e existe a umbanda, o candomblé fica encarregado de fazer oferendas e fazer feitiços e a umbanda fica na direção de adorar (Aluna F).

Sobre isso, Marques (2017) e Bakke (2007) explicam que, enquanto o Candomblé mantém uma estrutura mais tradicional, focando em orixás e rituais específicos, a Umbanda é caracterizada por um ecletismo, incorporando práticas de diversas tradições, incluindo o espiritismo.

Por fim, uma reflexão sobre padrões estéticos (ligada à pergunta sobre a aparência de Jesus) proporcionou uma discussão interessante sobre diversidade e valorização das diferenças corporais e culturais. Um aluno destacou que o filme ajudou a perceber que o corpo possui um potencial muito maior do que se imagina, o que fez uma conexão importante com os objetivos do projeto.

A roda de conversa após a exibição do filme se revelou extremamente produtiva. Os alunos conseguiram estabelecer conexões claras entre a narrativa cinematográfica, os conteúdos históricos e socioculturais, e a questão do corpo como expressão de resistência e identidade. A atividade contribuiu para promover uma conscientização crítica sobre racismo, intolerância religiosa e preconceito de maneira ampla e significativa.

A metodologia adotada, de discutir imediatamente após a exibição do filme, demonstrou ser uma estratégia eficaz para potencializar a compreensão e estimular reflexões profundas e coerentes com os objetivos do projeto.

Este encontro representou um momento importante para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos alunos, reforçando que a escolha pedagógica do filme "Besouro" atingiu seu objetivo inicial. A interação e as discussões demonstraram uma assimilação significativa dos conteúdos propostos pelo projeto, abrindo portas para uma rica continuidade das atividades futuras.

#### **4.1.5 5º Encontro – 11/11/2024 Conceituação do lazer.**

**Data:** 11 de novembro de 2024

**Horário:** 1º tempo (07h30 às 08h30)

**Local:** Sala de aula (turma 9º 01)

**Duração:** 60 minutos

**Alunos presente:** 35

Hoje, dia 11 de novembro de 2024, realizei o quinto encontro do projeto de ensino e pesquisa *Capoeira na escola para os jovens – PCEJ*, com a turma do 9º ano 01, durante o 1º tempo da manhã (7h30 às 8h30), com duração de aproximadamente 60 minutos. O foco principal deste encontro foi a discussão coletiva sobre os conceitos de lazer a partir dos referenciais teóricos de Marcellino (1983 e 1987) e Camargo (1998).

Para dinamizar a atividade, modifiquei a organização espacial tradicional da sala, dividindo a turma em dois grandes grupos, posicionados um de frente para o outro, deixando livre o espaço central para minha mediação. Essa reorganização facilitou significativamente o desenvolvimento das interações, contribuindo para um ambiente mais dialógico e participativo, aproximando-se, ainda que parcialmente, da ideia original de roda de conversa.

Levei três livros para apoiar a atividade: *Lazer e Humanização* (Marcellino, 1983); *Lazer e Educação* (Marcellino, 1987) e *Educação para o Lazer* (Camargo, 1998). Todos os livros continham trechos previamente grifados para otimizar a discussão e engajar melhor os estudantes. Distribuí os dois livros de Marcellino entre os alunos, que foram passando-os entre si, realizando as leituras pontuais enquanto mediava a discussão sobre o conteúdo destacado.

A primeira parte da aula contou com uma roda de conversa aberta, estimulada pela pergunta disparadora: "O que é lazer para vocês? Não para mim, mas para o seu corpo". Os alunos mostraram-se motivados e participaram ativamente. Foram levantados conceitos interessantes, com destaque para uma aluna que associou lazer ao descanso e à liberação de dopamina durante o sono, promovendo relaxamento e bem-estar: "Para mim, o lazer é quando eu estou dormindo, porque libera uma certa quantidade de dopamina no meu corpo e me deixa mais relaxada e com disposição". Outro aluno, por sua vez, mencionou o lazer como uma oportunidade de distração e diversão, enfatizando a importância de fugir da rotina obrigatória das atividades cotidianas: "Lazer é uma forma de distração, é quando a gente aproveita o tempo livre para sair da rotina obrigatória e fazer coisas que gosta".

Uma terceira aluna complementou destacando que lazer está associado à satisfação pessoal, diversão e exploração da natureza, indo ao encontro das definições teóricas apresentadas posteriormente.

Prosseguindo com a dinâmica, perguntei aos alunos sobre os tipos de lazer que eles praticavam. Diversas respostas surgiram, possibilitando uma rica relação com os conceitos apresentados pelos autores. Um aluno disse literalmente: "Meu lazer é estudar, gosto mesmo é de ler livros". Outro aluno rapidamente respondeu que gostava de jogar futebol, enquanto outro complementou: "Eu gosto de jogar Free Fire com meus amigos". Uma aluna destacou: "Pra mim, lazer é assistir série em casa". Outra aluna citou a preferência por cinema: "Gosto de ir no cinema sempre que posso". Um aluno animado relatou: "Eu gosto mesmo é de andar de bicicleta 'dando grau'".

Dentre as respostas dadas, uma aluna mencionou que seu lazer era frequentar locais como o MUSA (Museu da Amazônia) e o INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), ressaltando o prazer do contato com a natureza. Aproveitei para relacionar esse comentário com o conceito "lazer na natureza" discutido por Marcellino, que aborda exatamente as atividades realizadas em ambientes naturais e seu impacto no corpo, através dos sentidos como audição, visão, olfato e tato.

Outro comentário significativo surgiu de um aluno que mencionou uma ação já desenvolvida pela escola: "Professor, a escola oferece 'o dia do lazer' e libera a piscina, o campo, a quadra e oferece lanche e almoço especial para as turmas de 9º ano e 3ª série que têm desempenho bom no SAEB, acho que é uma forma de estímulo para os alunos". Aproveitei esse comentário para refletir com os alunos sobre a importância da democratização do lazer defendida por Marcellino, ressaltando que o acesso ao lazer deveria ser um direito universal, não condicionado exclusivamente ao desempenho escolar, embora ações como essas possam ser motivadoras e positivas.

Durante a discussão, alguns trechos essenciais dos referenciais foram apresentados aos alunos para aprofundar as reflexões:

Marcellino (1983) enfatizou que o lazer deveria ser considerado muito além de um "tempo livre" simples, tendo potencial para mudança social e não apenas sendo "sobremesa" das atividades diárias. Os estudantes concordaram que o lazer não deveria ser tratado superficialmente, demonstrando entendimento crítico sobre a importância de atividades prazerosas em suas vidas. Também discutimos o conceito de "antilazer" descrito por Marcellino, o qual se refere às atividades impostas externamente, trazendo mais pressões do que prazer aos sujeitos.

Após essa introdução, prosseguimos com os trechos do livro de Camargo (1998), discutindo os preconceitos relacionados ao lazer, tais como a percepção de que lazer seria uma atividade exclusiva dos ricos ou que atrapalharia a produtividade do trabalho. Os alunos refletiram e concordaram que esses preconceitos, de fato, estão presentes na sociedade atual e puderam relacionar esses pontos com suas próprias vivências.

Uma parte importante da aula foi dedicada à discussão do conceito de Camargo sobre o equilíbrio entre "homem trabalhador" e "homem lúdico". Reforcei com a turma que negar o aspecto lúdico compromete a qualidade de vida, podendo levar a doenças ou ao estresse extremo devido à obsessão pela produtividade. A turma reconheceu esses pontos e muitos citaram exemplos pessoais e familiares.

Durante a discussão, questionei os estudantes sobre o que caracteriza uma pessoa que vive bem o lazer. Eles afirmaram, que seria alguém que consegue equilibrar a vida pessoal, profissional e momentos de descanso e diversão, alcançando maior satisfação e saúde física e mental. Outro aluno comentou, também hipoteticamente, que viver bem o lazer significaria ter consciência da necessidade de descanso e planejamento do tempo livre para atividades que realmente tragam prazer e equilíbrio: “a gente usa o lazer do jeito certo, quando sabemos que o corpo precisa descansar e usar o tempo de folga”

Outro momento relevante ocorreu na discussão sobre os tipos e conteúdo do lazer segundo Dumazedier apud Marcellino (1987), destacando as atividades físicas, práticas, artísticas, intelectuais e sociais. Os alunos exemplificaram com entusiasmo o que cada categoria representava para eles: jogos eletrônicos, dança, futebol, passeios com família, entre outros.

Ao final, discutimos também o papel fundamental da escola como espaço de educação para o lazer. Pontuamos que educar para o lazer significa preparar os indivíduos para lidarem criticamente com seu tempo livre, evitando manipulações ou imposições dos meios de comunicação, incentivando um lazer ativo, criativo e crítico. Essa visão foi bem recebida pelos alunos, que reconheceram a importância de serem preparados para utilizar melhor o tempo disponível.

Infelizmente, parte das discussões não pôde ser registrada devido a problemas técnicos com meu equipamento de gravação, o que limita a descrição integral da riqueza das contribuições feitas pelos alunos. Porém, as discussões registradas confirmam que os objetivos de relacionar os conceitos teóricos com as percepções cotidianas dos alunos foram atingidos.

Durante a segunda metade da aula, percebi uma queda no nível de energia da turma, indicando sinais de cansaço ou talvez um pouco de tédio. Diante disso, perguntei diretamente aos alunos se estavam achando "chato" o formato de aula teórica prolongada. A maioria afirmou que não estava chato devido à forma descontraída como eu conduzia as conversas, porém um aluno teve uma resposta

importante que merece destaque: "Professor, acho que é porque nós estamos acostumados a receber conceitos mais gerais dos assuntos e partir logo para a prática, mas entendemos que é importante ir mais a fundo nessas discussões que são relacionadas com o que a gente estuda para saber com mais segurança. Quando a gente recebe conceitos mais superficiais, acabamos esquecendo no outro dia".

Essa afirmação me fez refletir sobre a importância de valorizar um percurso formativo que articule reflexão conceitual e vivência corporal em uma unidade pedagógica, evitando a fragmentação entre momentos separados. Como encaminhamento, considerei a possibilidade de estruturar futuras aulas de forma integrada, em que rodas de conversa e experiências corporais se entrelacem, possibilitando que a compreensão crítica do lazer emergja tanto da vivência quanto da reflexão compartilhada. Dessa maneira, os estudantes podem construir sentidos mais consistentes sobre o lazer, compreendendo-o de forma integral, histórica e cultural.

Ao término do encontro, senti que a turma obteve um aprendizado significativo sobre o lazer, conectando os referenciais teóricos às vivências concretas e pessoais dos alunos. Além disso, percebi que, mesmo demonstrando cansaço em alguns momentos, os estudantes reconheceram a relevância de aprofundar-se teoricamente nos conteúdos abordados.

#### **4.1.6 6º Encontro – 12/11/2024 Conceituação histórica da Capoeira (Parte I).**

**Data:** 12 de novembro de 2024

**Horário:** 2º tempo (08h30 às 09h30)

**Local:** Sala de aula (turma 9º 01)

**Duração:** 60 minutos

**Alunos presente:** 37

O sexto encontro ocorreu na sala de aula, sob a forma de uma roda de conversa, dessa vez com caráter mais descontraído. Optei por não ocupar a posição central de mediador, preferindo misturar-me entre os estudantes para criar uma interação mais natural e aberta.

Para introduzir o tema histórico da capoeira, iniciei fazendo uma conexão afetiva com a infância dos alunos, com a seguinte fala:

"Hoje a nossa roda de conversa será igual quando vocês estavam no ensino infantil e a professora de vocês contava historinhas do boto, da Yara, do Curupira, do boi tatá etc., e vocês ficavam todos felizes com sorrisos de orelha a orelha. Só terá uma diferença entre as histórias que a professora contava na educação infantil para a que vou contar hoje: é que a da capoeira é uma história de acontecimentos reais".

Iniciei a roda perguntando o que os alunos sabiam sobre a capoeira. Diversas percepções foram rapidamente apresentadas:

**Aluno A** disse que *"capoeira é uma dança"*.

**Aluna A** respondeu que *"capoeira é uma luta"*.

**Aluno B** acrescentou que *"é uma luta que os negros disfarçaram de dança"*.

Essas percepções iniciais foram complementadas com comentários de outros alunos que demonstraram um entendimento mais aprofundado:

**Aluno C** afirmou que a capoeira era uma *"forma de resistência dos escravos contra os senhores"*.

**Aluno D** definiu-a como *"arte marcial"*.

**Aluno E** conectou a capoeira com *"uma forma de lazer"*.

Destaco que os estudantes rapidamente conectaram elementos discutidos nos encontros anteriores, como o "corpo" enquanto instrumento fundamental dos capoeiristas, mencionado por diversos alunos que indicaram o corpo, a ginga e o ritmo como meios utilizados pelos capoeiristas.

Quando questionei sobre o contexto histórico do surgimento da capoeira, Aluno X comentou:

*"Ela surgiu na escravidão, serviu como defesa pessoal para os negros que sofriam opressão dos senhores."*

A turma apresentou diversas opiniões e possibilidades sobre o período histórico específico, com respostas variadas sobre os séculos de surgimento. Após intervenções dos alunos, complementei explicando o contexto histórico real e suas teorias, como a que aponta seu surgimento entre os séculos XVI e XVII, esclarecendo ainda que havia a escravidão praticada por africanos contra etnias rivais e o comércio com europeus.

Foram apresentados conceitos sobre a origem da palavra capoeira, explicando as teorias etimológicas tupi-guarani ("ka'a puera" = mato ralo) e a Teoria do Cesto de Gaiolas de origem portuguesa. Os alunos mostraram interesse e participaram com perguntas, como Aluno Z que questionou: "Onde foi que começou a capoeira?", possibilitando esclarecimentos sobre suas origens nas regiões com maior concentração de africanos escravizados, como Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

A discussão se tornou mais animada quando os alunos começaram a comparar a capoeira com outras artes marciais, como o jiu-jitsu. Aluno Z expressou preferência pelo jiu-jitsu, argumentando ser mais eficiente em defesa pessoal. Aproveitei essa oportunidade para esclarecer diferenças entre as duas modalidades, destacando características específicas da capoeira como a visão periférica, golpes rápidos e eficientes para situações específicas de defesa contra múltiplos agressores.

Um momento interessante foi a intervenção crítica do Aluno P sobre os capitães do mato:

*"Não concordo com isso não, professor. Os capitães do mato lutavam contra seus próprios companheiros de pele e contra seu próprio corpo."*

Ressalto o entusiasmo dos estudantes quando mencionadas situações relacionadas à resistência física e combates, notado pelo interesse e expressões animadas durante a conversa. Ao notar essa animação, comentei de forma leve, provocando risos:

*"Percebi que vocês se animaram mais quando começou a falar em 'mortes', né?"*

Concluindo a conversa, destaquei que a capoeira enfrentou forte repressão histórica, discutindo razões econômicas e sociais para isso. Ao abordar o assunto dos apelidos na capoeira, propus como atividade prática que os alunos pensassem em codinomes para a próxima aula, ressaltando a importância de escolherem apelidos que respeitem e valorizem as características individuais de cada um, prevenindo situações de bullying.

De modo geral, o encontro foi extremamente produtivo, descontraído e participativo, permitindo boas reflexões e críticas sobre a história e significado cultural da capoeira, ampliando também as percepções sobre o próprio corpo como um importante meio de expressão, resistência e identidade cultural. O tempo de aula não foi o suficiente para dar conta de tanta história e questionamentos dos alunos, nesse sentido, foi necessária uma continuação para o próximo encontro.

### **3.1.7 7º Encontro – 13/11/2024 Contextualização Histórica da Capoeira (Parte II).**

**Data:** 13 de novembro de 2024

**Horário:** 3º tempo (09h30 às 10h30)

**Local:** EETI – Cíntia Régia Gomes do Livramento - Sala de aula (turma 9º 01)

**Duração:** 60 minutos

**Alunos presente:** 41

Este encontro manteve a configuração descontraída e coletiva da roda de conversa, em razão do sucesso identificado na aula anterior, destacando-se o maior engajamento e interesse dos alunos. A turma já demonstrava familiaridade com a dinâmica do projeto, destacando-se uma proatividade notável em funções como a representante de turma organizando a lista de frequência, e um aluno responsável pela limpeza da lousa para possíveis anotações ou infográficos.

A aula teve início com um breve resumo sobre os conteúdos anteriores, solicitado aos alunos. Uma aluna descreveu de forma clara e detalhada:

*“A capoeira foi criada pelos negros, pelos povos africanos, nos quilombos, para se proteger dos capitães do mato. (...) os capitães do mato não gostavam disso porque sabiam que era uma luta, entendiam aquilo como uma resistência e não queriam que eles fizessem sua cultura. Eles reprimiam esses povos e veio a resistência e a luta para que hoje a capoeira fosse reconhecida pelo mundo.”*

Outra contribuição relevante veio de um aluno ao citar os mestres históricos: "Professor, tinha os mestres Pastinha e Bimba." Isso oportunizou detalhar as diferenças entre as capoeiras Angola e Regional, destacando-se as contribuições de Mestre Bimba com a criação da Capoeira Regional, com sistematização pedagógica e influências de outras artes marciais, e de Mestre Pastinha, que preservou características tradicionais da Capoeira Angola.

Foi mencionado também o significado etimológico do termo capoeira, quando uma aluna recordou: “capoeira significa capim baixo, aparado”, relacionando diretamente à teoria histórica que aponta sua origem ao tupi-guarani ka'a puera. Em seguida, houve um esclarecimento sobre os sons emitidos nas rodas, ressaltados por um aluno como forma de aviso da chegada dos perseguidores: "os sons de aviso nas rodas e os toques dos instrumentos, professor”.

Este encontro também possibilitou uma discussão detalhada sobre o contexto violento e marginalizado enfrentado pela capoeira após a abolição da escravidão. Surgiram, nesse contexto, os grupos conhecidos como maltas, mencionados por um aluno como: "aquele período das maltas, professor". Expliquei aos alunos que nesse período, muitos “ex-escravizados” sem oportunidades passaram a usar a capoeira como meio de subsistência em contextos violentos, realizando serviços que incluíam intimidação, proteção pessoal e até eliminação de rivais políticos. Uma aluna reagiu surpresa: "Matar políticos!?", demonstrando impacto frente a esse aspecto histórico pouco conhecido.

Após essa análise, mencionei que a criminalização e posterior valorização da capoeira passaram por um processo legal e político, especialmente a partir de Mestre Bimba, que apresentou a capoeira ao presidente Getúlio Vargas. Um aluno indagou

sobre o fim da proibição da capoeira: “Foi com uma lei, professor?” e então esclareci que foi justamente o reconhecimento por parte de Vargas e, mais tarde, pela UNESCO, que tirou a capoeira da marginalidade para torná-la patrimônio cultural imaterial da humanidade.

Nesse ponto, um breve diálogo sobre o atual contexto da capoeira permitiu uma discussão acerca da pouca valorização da prática no Brasil, especialmente em Manaus. Uma aluna disse: “Pois é professor, aqui em Manaus o povo não gosta de capoeira, é difícil ver rodas de capoeira, vemos mais o jiu-jitsu e taekwondo”, ressaltando a persistência do preconceito contra práticas culturais afro-brasileiras. Isso abriu espaço para discutirmos brevemente sobre a falta de incentivo familiar e midiático para a capoeira.

Finalizando a primeira aula, promovemos leituras coletivas dos trechos de referência histórica, abordando detalhes desde o surgimento até o reconhecimento internacional da capoeira, consolidando a compreensão do contexto histórico-cultural e sua relevância.

#### **4.1.8 8º Encontro – 13/11/2024 Relação dos Jogos e Brincadeiras com a Capoeira.**

**Data:** 13 de novembro de 2024

**Horário:** 4º tempo (10h30 às 11h30)

**Local:** EETI – Cíntia Régia Gomes do Livramento - Sala de aula (turma 9º 01)

**Duração:** 60 minutos

**Alunos presente:** 41

Neste segundo momento, cedido gentilmente pelo professor de artes devido ao grande interesse demonstrado pelos alunos, nos dirigimos à sala de dança e quadra esportiva. Percebi rapidamente a animação da turma, evidenciando o quanto as aulas, nessa configuração, despertaram maior entusiasmo pela conexão com as vivências cotidianas e com o prazer das atividades físicas.

Já na quadra da escola, lembrei com eles a classificação dos conteúdos da Educação Física (jogos, lutas, ginástica, dança e esportes), em seguida indaguei qual deles relacionaríamos com a capoeira na aula, após alguns palpites, um aluno corretamente mencionou "jogos", que de fato seria o foco da aula. Sugeri que escolhessem um jogo tradicional para adaptarmos à capoeira, tendo eles escolhido o jogo "Gavião" (ou "mãe da rua"), descrito tradicionalmente da seguinte forma:

*Os participantes precisam estar em um local amplo que permita atividades de corrida, geralmente um campo, quadra ou pátio. O ideal é que seja realizado na quadra poliesportiva, pois as demarcações de linha de fundo e central facilitam a dinâmica. Todos ficaram dispostos paralelamente na linha de fundo da quadra de futsal; na linha central da quadra fica um aluno para ser o "gavião" ou "mãe da rua"; a dinâmica é: ao sinal do professor, todos precisam atravessar de um lado para o outro da quadra sem ser tocado pelo gavião ou mãe da rua. Quem for pego, se transformará em gavião também e se juntará ao centro da quadra para a próxima fase. As fases vão se repetindo até que reste só uma "andorinha" ou um "pedestre". Um ponto a ser considerado no jogo, é que após os alunos atravessarem a linha de fundo, o gavião ou mãe da rua não pode mais capturá-lo. A captura só pode acontecer durante o trajeto entre a linha de fundo (zona de partida) e a linha de chegada (zona de salvamento). Após o sinal do professor, os alunos têm um tempo para sair da zona de partida, caso não saiam, viram gaviões automaticamente. (DESCRIÇÃO TRADICIONAL DO JOGO (Elaborado pelo autor, com base nos conhecimentos de domínio público).*

Para essa adaptação, renomeamos o jogo para "Capitão-do-mato", chamando o aluno central de capitão do mato; os alunos da linha de fundo foram chamados de "escravizados"; a zona de partida chamamos de "senzala" e a zona de chegada ou salvamento foi denominada de "quilombo". Através desses simbolismos, relacionamos a capoeira com os jogos e exploramos temas históricos já abordados em aula. Os alunos posicionados nas extremidades da quadra tinham que correr até o outro lado, evitando serem "capturados" pelo "capitão-do-mato". A empolgação dos estudantes

ficou evidente nas dinâmicas do jogo, que proporcionaram diversão e ao mesmo tempo reforçaram o entendimento histórico dos conteúdos.

O segundo jogo adaptado foi o tradicional "Estrela Nova Cela" ou "Pula Cela":

*É um jogo tradicional composto por fases, transcorridas por diferentes saltos efetivados pelos jogadores. Cada fase representa um tipo de salto diferente. Geralmente, os participantes saltam uns sobre os outros apoiando as mãos sobre as costas dos jogadores agachados, ou seja, "selando" as costas dos participantes.*

*Forma-se uma fila pelos jogadores, exceto um, deixando uma distância de cerca de 1,5 metros entre eles. Quem estiver fora da fila ficará agachado (como mostra a figura abaixo) com as mãos sobre os joelhos, sendo chamado de "toco". A posição de toco será trocada quando algum jogador não conseguir passar de fase. Quem ficar enfileirado começa saltando, um por vez, sobre a costa do toco, iniciando as fases.*

*Por se tratar de uma manifestação cultural que permite modificações significativas pelos próprios jogadores, as fases e seus nomes variam dependendo dos contextos em que é vivenciado. Na maioria das vezes, o primeiro jogador a saltar (primeiro da fila) anuncia qual será a fase a ser superadas por todos os jogadores. Assim, em alguns locais podem existir fases que em outros são inexistentes, conhecidas por outros nomes, distribuídas em sequências distintas.*

*Tradicionalmente, algumas fases são mais conhecidas do que outras, resistindo aos limites dos próprios contextos. Entre elas, destacam-se:*

**\*Estrela Nova Cela** (Na minha infância falávamos: Estrela Maciel): O primeiro jogador passa pelo 'toco' e fala: "estrela novo cela", seguido pelos outros que devem fazer o mesmo.

**\*Bolinho/Saquinho de Arroz:** Após saltar o "toco" os jogadores, um por vez, juntam-se a ele na mesma posição formando um grande toco. Essa fase geralmente é realizada para que o toco seja trocado pelo jogador que não conseguir saltar o "grande toco".

**\*Pula Sapo:** É parecida com a fase bolinho de arroz; o primeiro da fila salta-o e depois permanece na mesma posição ao seu lado, mas afastado cerca de 1,5m. Em seguida vem os demais jogadores realizando a mesma ação, mas tendo que pular os demais tocos. Aquele que não conseguir saltar algum dos jogadores troca de lugar com o toco.

**\*Cartinha para a Vovó:** Durante o salto os jogadores representam movimentos de escrita nas costas do “toco”.

**\*Unha de Gavião:** O apoio nas costas do toco é realizado com as unhas das mãos dos jogadores que saltam.

**\*Pastelão Quente:** É parecida com a fase unha de gavião, porém, ao invés dos jogadores utilizarem as unhas para se apoiarem nas costas do toco no momento do salto, eles utilizam as palmas das mãos abertas, como um tapa. É necessário muito cuidado nessa parte, para que não haja excessos por parte de alguns alunos e não acabem machucando o colega que está na posição do toco.

**\*Cada Macaco no Seu Galho:** Cada jogador que pular precisa gritar "cada macaco no seu galho" e sair procurando um lugar alto para subir, pois, o toco tentará capturá-lo antes dele subir. Se o toco conseguir, o jogador capturado passa a ser o toco. Essa é uma forma de se trocar quem ficará na posição de toco.

**\*Levar o Burro para passear:** O jogador salta e permanece nas costas do toco, sendo que ele o levará para uma passeada. Aquele que não conseguir subir nas costas do toco troca de lugar com ele.

**\*Coice de burro/mula:** O jogador precisa saltar, gritar "coice de burro" e durante a trajetória do salto, precisa imitar um coice na traseira do toco. Quem não conseguir acertar o coice fica no lugar do toco.

**\*Avistar baleia:** O jogador precisa saltar usando apenas uma das mãos para apoiar na costa do toco e a outra precisa ir acima dos olhos para simular a visualização

*de uma baleia, ao mesmo tempo deve gritar "avistar baleia". Quem não conseguir acertar o coice fica no lugar do toco.*

*As fases apresentadas acima representam apenas algumas de um grande repertório possível no jogo estrela nova cela. (DESCRIÇÃO DO JOGO (FREIRE, 2016), adaptado pelo autor)*

Após breve discussão, os alunos rebatizaram o jogo para "Pula-Macaca", uma clara alusão ao golpe da capoeira denominado "macaca". Houve criatividade dos alunos ao renomear as fases do jogo para conectar ainda mais ao contexto da capoeira: "avistar baleia" foi alterado para "avistar barco negreiro", "cada macaco no seu galho" virou "cada negro no seu quilombo", "carta de alforria" (originalmente "carta pra vovó"), "pula quilombo" (antes chamado "pula sapo") e "pastelão quente" sendo renomeado para "batizado". Observando isso, pude perceber uma grande empolgação, envolvimento e diversão com essas adaptações.

Nesse momento, os alunos ficaram visivelmente entusiasmados e participativos, o que favoreceu muito o aprendizado pela interação lúdica e contextualizada com o tema. Nos minutos finais, conversei com a turma sobre a experiência prática e perguntei sobre a compreensão deles em relação à capoeira e aos jogos. Eles mencionaram estar satisfeitos e destacaram o quanto "foi legal aprender brincando" e como "ficou mais fácil lembrar das coisas quando são feitas assim "na prática".

Diante disso, refleti sobre a importância de ter estruturado as aulas de forma que a reflexão conceitual e as vivências lúdicas ocorressem de maneira integrada, em um processo pedagógico no qual pensar e agir se entrelaçaram. Essa articulação possibilitou que os conteúdos fossem assimilados de forma mais crítica, prazerosa e significativa, fortalecendo a participação e o entusiasmo dos estudantes.

Ao término da aula, expressei aos alunos a minha gratidão e emoção em compartilhar esse momento lúdico, recordando minha própria infância e vivências na capoeira, minha formação na graduação de corda amarela e minha paixão por essa

arte cultural afro-brasileira. Percebi que essa prática potencializou a motivação dos alunos, tornando visível sua satisfação com as vivências corporais, com o aprendizado histórico e a prática lúdica da capoeira, demonstrando que a proposta está atingindo seu objetivo educativo e cultural.

#### **4.1.9 9º Encontro – 22/11/2024 A Capoeira e Suas Relações com a Dança.**

**Data:** 22 de novembro de 2024

**Horário:** 1º tempo (07h30 às 08h30)

**Local:** EETI – Cínthia Régia Gomes do Livramento - Sala de aula (turma 9º 01)

**Duração:** 60 minutos

**Alunos presente:** 37

O nono encontro do projeto ocorreu em 22 de novembro de 2024, na sala de aula, no período da manhã, com duração de 60 minutos. Utilizei recursos multimídia (projektor e caixa de som) para tornar a aula mais dinâmica e interativa. O tema central foi explorar as relações entre a capoeira e a dança.

No início da aula, esclareci aos alunos que o objetivo seria refletir sobre como a dança está presente na capoeira desde suas origens históricas, destacando que muitos ainda confundem a capoeira exclusivamente como dança devido ao seu caráter dissimulatório inicial. Realizei uma provocação inicial perguntando sobre quais elementos da dança poderiam ser encontrados na capoeira, estimulando a participação imediata dos alunos.

Nesse momento, os alunos demonstraram boa compreensão prévia sobre o tema. Alguns apontaram elementos específicos como "acrobacias", "expressão corporal", "musicalidade" e "ritmo". Uma aluna destacou: "capoeira tem música porque ela foi feita para esconder a luta", mostrando que estavam associando corretamente o contexto histórico às características atuais da capoeira.

Em seguida, discutimos a importância da música dentro da capoeira como elemento central para sua caracterização enquanto dança, destacando que as letras das músicas são veículos importantes de transmissão histórica e cultural. Nesse

sentido, introduzi três músicas que ilustram bem as conexões entre capoeira, dança e cultura afro-brasileira.

### **1ª Música: "O que é capoeira" (Mestre Pastinha)**

*"Uma vez, perguntei a seu Pastinha: o que era capoeira?*

*E ele, velho mestre respeitado, ficou um tempo calado, revirando a sua alma.*

*Depois, respondeu com calma em forma de ladainha:*

*A capoeira, é um jogo é um brinquedo, é se respeitar o medo e dosar bem da coragem.*

*É uma luta, é manha de mandingueiro, é um vento no veleiro, um lamento na senzala.*

*É um corpo arrepiado e um berimbau bem tocado e o riso de um menininho.*

*Capoeira é o voo de um passarinho, bote de cobra coral.*

*É sentir na boca, todo gosto do perigo, é sorrir pro inimigo e apertar a sua mão.*

*É um grito de Zumbi ecoando no quilombo.*

*É se levantar de um tombo antes de tocar no chão.*

*É o ódio e a esperança que nasce.*

*Um tapa sutil na face que foi arder no coração.*

*Enfim, é aceitar o desafio com vontade de lutar.*

*Capoeira é um pequeno barquinho solto nas ondas do mar.*

*lê viva meu Deus, camará! (BIS)*

*lê viva meu mestre, camará! (BIS)*

*lê quem me ensinou, camará! (BIS)*

*lê a capoeira, camará! (BIS)"*

Ao reproduzir essa música, destaquei que as letras são veículos importantes de transmissão histórica e cultural. Expliquei aos alunos que as músicas da capoeira guardam memórias históricas, descrevem movimentos e definem o ritmo do jogo. Um aluno associou o termo "vento no veleiro" ao navio negreiro, mostrando uma sensível percepção do contexto histórico.

## **2ª Música: "Abolição"**

*"Dona Izabel que história é essa?*

*Dona Izabel que história é essa?*

*De ter feito a abolição.*

*De ser princesa boazinha que acabou com a escravidão.*

*Estou cansado de conversa!*

*Estou cansado de Ilusão!*

*Abolição se fez com sangue, que inundava esse país;*

*Que o negro transformou em luta, cansado de ser infeliz;*

*Abolição se fez bem antes!*

*Ainda por se fazer agora.*

*Uma verdade das favelas, dona Izabel, não a mentira da escola.*

*Ô Izabel chegou a hora, de se acabar com essa maldade, e de ensinar para nossos filhos, ô Izabel, o quanto custa a liberdade.*

*Canarinho da Alemanha que matou meu curió! (BIS)"*

A segunda música, abordando criticamente a abolição da escravidão, e despertou um clima de reflexão entre os alunos. Um deles interpretou bem: "a música está dizendo que a princesa Isabel não libertou os escravos porque era boazinha; ela assinou a abolição porque os negros resistiram com força".

A partir disso, aprofundei a discussão abordando como a capoeira contribuiu para essa resistência histórica, associando essa análise à letra da música, que homenageia Zumbi dos Palmares e outras figuras históricas importantes na luta contra a escravidão.

Na sequência, abordei o trecho "Canarinho da Alemanha que matou meu curió". Expliquei que essa frase expressa simbolicamente o impacto das influências europeias sobre as culturas afro-brasileiras, mostrando como elementos culturais nativos foram sufocados por imposições externas, assunto já debatido em encontros anteriores.

### **3ª Música: "Ladainha de Angola"**

*Motivo de estudos, por nossos folcloristas.*

*Falo de dois velhos mestres.*

*Dois grandes capitalistas.*

*Todos dois eram baianos, lá da Santa terrinha.*

*Eu falo de mestre Bimba, Falo de mestre Pastinha.*

*Não havia mais forte, não havia mais ligeiro.*

*E na roda da luta, todos dois eram angoleiros.*

*E que coisa tão bonita, ver esses dois mestres a jogar.*

*E depois de muito estudo, Bimba criou a Regional.*

*E agora, o capoeira, já podia se levantar.*

*Tem muita gente que fala de manter a tradição, e mestre Bimba manteve tudo, mas plantou inovação.*

*Capoeira não tem tipo, não tem parcialidade, disso sabiam os dois mestres: capoeira é unidade.*

*Até que um dia a lúna, os meus dois mestres separou, colocou Bimba no bico e pro céu com ele voou.*

*E Pastinha cego e velho, e Pastinha moribundo, abandonou seu corpo e partiu para o velho mundo.*

*Depois disso eu tive um sonho, que não sai do pensamento. Eu vi Bimba e vi Pastinha, jogando no firmamento (...)"*

Na terceira música, "Ladainha de Angola", a turma explorou a relevância histórica dos mestres Bimba e Pastinha. Os alunos foram convidados a discutir as diferenças entre as vertentes "Angola" e "Regional" e perceberam como esses dois mestres foram fundamentais na preservação e transformação da capoeira ao longo do tempo. Um aluno comentou: "o Mestre Bimba foi importante porque inovou na capoeira, criou a capoeira Regional, que era mais rápida e forte".

Após a exploração das músicas, projetei um vídeo que explicava e ilustrava a relação entre luta e dança na capoeira, reforçando o aprendizado com imagens. Uma

aluna afirmou com clareza: "entendi, professor, a capoeira é dança quando estamos brincando e luta quando precisamos nos defender". Essa reflexão resumiu bem a percepção coletiva dos alunos sobre o tema da aula.

No geral, observei um bom engajamento dos alunos durante as atividades, evidenciado pelas participações espontâneas e, muitas vezes, assertivas. A combinação entre recursos audiovisuais e diálogo ajudou os alunos a compreender melhor a relação entre capoeira e dança, e valorizar a cultura afro-brasileira. Entendo que essa aula ajudou a demonstrar o potencial pedagógico e cultural da capoeira, contribuindo para a compreensão crítica dos alunos sobre sua própria identidade cultural e histórica.

#### **4.1.10 10º Encontro – 22/11/2024 Conhecendo os Instrumentos da Capoeira e Seus Toques Característicos (Parte 2 da relação com os elementos da dança).**

**Data:** 22 de novembro de 2024

**Horário:** 2º tempo (08h30 às 09h30)

**Local:** EETI – Cíntia Régia Gomes do Livramento - Sala de aula e sala de dança (turma 9º 01)

**Duração:** 60 minutos

**Alunos presente:** 37

Este encontro deu continuidade ao anterior, abordando mais detalhadamente a relação da capoeira com os elementos da dança, focando especificamente nos instrumentos musicais da capoeira e seus toques característicos. A aula foi dividida em dois momentos principais: um momento inicial na sala de aula e outro na sala de dança.

Iniciamos na sala de aula, retomando brevemente os conteúdos trabalhados na aula anterior. Para aprofundar os conhecimentos, utilizei o projetor e a caixa de som para apresentar um vídeo didático que exibia imagens e sons específicos dos instrumentos típicos da capoeira: pandeiro, atabaque, berimbau (gunga), caxixi, agogô e reco-reco. Durante a exibição, notei que os alunos se mostraram atentos e curiosos, especialmente ao tentar memorizar os sons característicos dos instrumentos.

Após o vídeo, propus uma dinâmica de fixação, na qual reproduzia apenas os sons dos instrumentos e solicitava que um aluno escolhido aleatoriamente identificasse o instrumento pelo som. Percebi que essa atividade gerou expectativa e ansiedade entre eles. Alguns alunos chegaram a manifestar verbalmente seu interesse em participar da dinâmica: "Professor, por que o senhor não me escolhe logo?" Este momento trouxe bastante interação e descontração à turma, fortalecendo a conexão afetiva deles com o conteúdo.

Terminada essa atividade, anunciei que iríamos à sala de dança para explorar os instrumentos apresentados. A reação da turma foi imediata, e pude notar entusiasmo geral. Na sala de dança, organizei os alunos em círculo e apresentei pessoalmente os instrumentos disponíveis: dois berimbaus (um montado e outro desmontado), dois caxixis, dois pandeiros e um atabaque. Expliquei-lhes brevemente as funções e técnicas básicas para manuseio de cada um. Infelizmente, não dispunha naquele momento de um agogô nem de um reco-reco, então aproveitei essa lacuna como oportunidade pedagógica, propondo um desafio para que, posteriormente, eles mesmos produzissem esses instrumentos de forma artesanal.

Depois das explicações iniciais, liberei-os para uma exploração livre dos instrumentos disponíveis, permitindo-lhes autonomia para experimentar e se familiarizar com os sons e técnicas. Neste ponto, pude observar situações interessantes de aprendizagem autônoma:

Um grupo formou-se em torno do berimbau desmontado, interessado em aprender a técnica correta para montar o instrumento. Eles se ajudavam mutuamente, revezando-se nas tentativas de encaixar o arame e fixar a cabaça.

Outro grupo, dedicado ao pandeiro, esforçava-se para manter um ritmo constante e uniforme, trocando dicas sobre a posição correta das mãos e técnicas para melhorar a sonoridade.

Próximo ao atabaque, um aluno conseguiu rapidamente dominar o som grave, chamando a atenção dos colegas, que se aproximaram para aprender com ele. Esse

aluno assumiu um papel quase instrucional, orientando os colegas na batida correta e no ajuste da intensidade dos toques.

Em paralelo, alguns alunos optaram pela simplicidade dos caxixis, aproveitando o som peculiar desse instrumento e tentando criar ritmos simples que combinassem com o restante dos instrumentos em uso.

Finalmente, outro grupo aventurou-se em aprender os toques básicos do berimbau já montado, demonstrando perseverança e interesse genuíno em dominar o instrumento mais emblemático da capoeira.

Como mediador ativo e atento às demandas específicas dos grupos, circulei constantemente pela sala, observando, orientando posturas e técnicas, tirando dúvidas e incentivando-os a persistir nas tentativas. Pude perceber claramente o empenho coletivo dos alunos em buscar estratégias eficazes de aprendizado.

Percebendo o avanço das habilidades musicais da turma, alguns alunos começaram espontaneamente a sugerir uma 'roda de capoeira lúdica', justificando que já estavam preparados para testar em conjunto tudo o que haviam aprendido até ali. Como essa proposta já estava em meus planos, prontamente aceitei e aproveitei o momento para orientar brevemente sobre a dinâmica tradicional da roda de capoeira. Expliquei-lhes a importância da atenção contínua, mesmo quando não estavam diretamente jogando; falei sobre a hierarquia dos instrumentos e a centralidade do berimbau principal; apresentei o sistema tradicional da 'compra', em que um jogador, de forma respeitosa, substitui outro no jogo, garantindo a continuidade e o dinamismo da roda; e, por fim, descrevi o sentido da 'volta ao mundo', movimento em que os jogadores interrompem a partida e caminham em círculo, retomando o fôlego, reorganizando o ritmo e, muitas vezes, marcando um momento de transição ou de resolução simbólica de tensões.

Antes de iniciar a roda, realizei uma dinâmica simples para garantir que todos acompanhassem corretamente o ritmo básico, pedindo para quem estava com os instrumentos repetir uma batida simples de "1, 2, 3", enquanto o restante da turma

acompanhava com palmas. Essa preparação foi fundamental para assegurar uma coesão sonora inicial.

A roda lúdica que se seguiu foi um dos momentos mais significativos de todo o projeto até então. Foi possível perceber a intensidade da interação social entre eles, desde os alunos mais entusiasmados, que aproveitaram a oportunidade para reproduzir movimentos e golpes que haviam visto em vídeos anteriores, até aqueles que, embora mais reservados, participaram ativamente das palmas e acompanharam com atenção todo o desenrolar da atividade. Destaco ainda a iniciativa dos alunos que conseguiram manter o ritmo dos instrumentos e se mostraram seguros e orgulhosos da tarefa realizada.

Concluo este encontro com a percepção clara do engajamento crescente da turma em torno do projeto, comprovada pela autonomia demonstrada, pela organização espontânea dos alunos em grupos conforme interesses específicos e pelo forte vínculo afetivo e cultural construído através das vivências compartilhadas. Fica evidente, também, que o aprendizado mais significativo ocorre quando se oferece espaço para a criatividade, a autonomia e as relações interpessoais, aspectos que vêm sendo valorizados e intensificados ao longo de todos os encontros deste projeto.

#### **4.1.11 11º Encontro – 22/11/2024 Capoeira e suas relações com a Ginástica.**

**Data:** 22/11/2024

**Horário:** 6º tempo da tarde (14:00 às 15:00)

**Local:** EETI – Cíntia Régia Gomes do Livramento - Sala de Dança

**Duração:** 60 minutos

**Alunos presente:**

O décimo primeiro encontro do projeto foi realizado na sala de dança da escola, o tema da aula foi: "Capoeira e suas relações com a ginástica". Inicialmente, organizei a turma em roda e fiz uma breve explanação sobre o conceito de ginástica, destacando sua amplitude dentro da Educação Física escolar. Durante esse momento inicial, busquei resgatar conhecimentos prévios dos estudantes e esclarecer as possíveis dúvidas sobre o conteúdo.

Apresentei para os alunos os dois grandes grupos da ginástica, diferenciando entre as ginásticas competitivas (ginástica artística, rítmica, de trampolim e acrobática – esta última com uma relação mais evidente com a capoeira) e as ginásticas não competitivas (Ginástica para Todos GPT, Hidroginástica e Ginástica de condicionamento físico etc.). Expliquei que a ginástica vai muito além do que normalmente se conhece nas aulas de Educação Física, podendo ser relacionada a diversas práticas corporais, incluindo os movimentos da capoeira.

Para estimular o envolvimento da turma, lancei um questionamento inicial: "O que vocês entendem por elementos da ginástica e como esses elementos podem ser encontrados na capoeira?". Houve um breve silêncio, indicando que os alunos estavam refletindo ou tentando resgatar informações anteriores para responder ao questionamento. Em seguida, começaram a surgir algumas respostas pontuais:

Aluna A mencionou: "O ritmo, igual na ginástica rítmica?". Aproveitei a colocação da aluna para explicar que o ritmo realmente existe na capoeira, mas sua aplicação não possui a mesma rigidez técnica exigida pela ginástica rítmica. Esclareci que, na capoeira, o ritmo tem uma função essencialmente cultural e coletiva, orientando o estilo de jogo e promovendo harmonia e interação entre os praticantes.

Aluno B respondeu de forma empolgada: "Mortais!", enquanto o aluno C mencionou, de forma mais cuidadosa: "Talvez o equilíbrio, professor?". Ressaltei positivamente essas contribuições, destacando que ambas estavam corretas. Após isso, percebi que a turma, estimulada pelas respostas anteriores, começou a citar diversas habilidades corporais relacionadas à ginástica, tais como força, destreza, flexibilidade e agilidade.

Aproveitando o interesse crescente, questionei os alunos: "Sabiam que a Educação Física já foi chamada de ginástica?". Novamente, o silêncio tomou conta da turma, indicando que desconheciam essa informação histórica. Aproveitei esse momento para fazer uma breve contextualização histórica, explicando que antes de ser chamada de Educação Física, a disciplina era denominada "ginástica", marcada por características militaristas, higienistas e esportivistas. Expliquei rapidamente o

significado dessas três abordagens, mostrando que, nesse período histórico, o foco principal das aulas estava voltado para o cuidado com o corpo, especialmente sob aspectos disciplinares e de saúde.

Para trazer essa discussão para a realidade da capoeira, perguntei aos alunos: "E a capoeira no meio disso tudo?". Nesse momento, o aluno D lembrou de um ponto citado em aula anterior: "Lembro que o senhor citou que a capoeira foi chamada de 'ginástica brasileira' por um político lá". Expliquei que essa lembrança estava correta, e que o presidente Getúlio Vargas realmente nomeou a capoeira como "ginástica brasileira", o que, apesar das boas intenções, não foi totalmente aceito por alguns mestres tradicionais, devido ao risco de descaracterização cultural da capoeira.

Após essa conversa inicial, propus a prática, sempre muito desejada pelos alunos. Organizei a turma em grupos para realizarem exercícios específicos relacionados à ginástica que podem ser identificados na prática da capoeira. Um grupo utilizou colchonetes para praticar rolamentos (rolinho); outro utilizou as paredes da sala para experimentar as paradas de mão e de cabeça (bananeira e bananeira de cabeça); e um terceiro grupo decidiu trabalhar com saltos, retomando espontaneamente a brincadeira do "Pula Macaca", adaptando a atividade para saltar o "toco".

Durante as vivências, um pequeno grupo de alunos me questionou de maneira descontraída: "Professor, o senhor sabe dar mortais?", ao que respondi positivamente, porém ressalttei a necessidade de segurança adequada, citando locais apropriados, como cama elástica ou caixa de areia. Os alunos riram, fazendo brincadeiras saudáveis, mas insistiram perguntando se eu sabia executar movimentos complexos da capoeira. Então, para atender à curiosidade dos alunos, demonstrei movimentos como o "pião de mão", "equilíbrio na bananeira" e a "tesoura". Expliquei que ensinaria o golpe "tesoura" na próxima aula, dedicada à relação da capoeira com as lutas, mas que naquela aula poderiam experimentar movimentos relacionados à ginástica, como a "bananeira" e o "pião de mão".

Durante o restante da aula, circulei entre os grupos oferecendo orientação. Percebi a riqueza das relações interpessoais desenvolvidas pelos alunos nesse ambiente livre e criativo. Os próprios estudantes começaram a criar atividades: o grupo da bananeira de cabeça realizou uma competição amistosa para ver quem mantinha o equilíbrio por mais tempo, o grupo dos rolamentos improvisou obstáculos para realizar movimentos mais desafiadores e o grupo dos saltos adaptou a brincadeira "pula macaca", estabelecendo níveis crescentes de dificuldade. Outros grupos foram surgindo, como o que treinava equilíbrio com o movimento chamado "elefantinho" e o que trabalhou resistência com a posição da "cadeirinha" (base da ginga).

Também é importante destacar um grupo específico, formado por alunos que tinham "medo exagerado" de se machucar. Para eles, apliquei uma estratégia gradual e individualizada, começando com exercícios simples de transposição usando obstáculos baixos para tirar os pés do chão gradualmente, evoluindo até o movimento de "au" (estrelinha). Com muita orientação e incentivo, esses alunos perceberam que as quedas fazem parte do processo de aprendizado e que seus corpos eram mais resistentes do que imaginavam inicialmente.

Finalizando a aula, realizamos uma roda lúdica que integrou todos os conteúdos estudados até então. A turma demonstrou grande entusiasmo, com cada aluno livre para expressar suas aprendizagens, tocando instrumentos, cantando músicas, aplicando golpes ou simplesmente interagindo através das palmas. A experiência me fez perceber que houve um aprendizado significativo por meio da autonomia e da interação coletiva, mostrando-se extremamente gratificante tanto para mim quanto para os alunos.

Ao encerrarmos o encontro, conduzi uma reflexão com a turma, permitindo que os alunos compartilhassem suas percepções e sentimentos sobre as experiências vividas na aula, reforçando o caráter coletivo e profundamente significativo do aprendizado proporcionado pela capoeira. De modo geral os discentes elogiaram o estilo de aula, apontaram muitos tombos engraçados, os desafios de aprender a tocar

os instrumentos, a liberdade para explorarem a ginástica/capoeira individual e coletivamente.

#### **4.1.12 12º Encontro: A Capoeira e suas relações com as Lutas e Artes Marciais.**

**Data:** 29/11/2024

**Horário:** 6º tempo (14h às 15h)

**Local:** Sala de dança

**Duração:** 60 min

**Alunos presente:** 39

No décimo segundo encontro do projeto "Capoeira na Escola para os Jovens", trabalhamos com a temática "Capoeira e suas relações com as Lutas e Artes Marciais". Este encontro teve uma duração de 60 minutos e foi realizado na sala de dança, ambiente já familiarizado pela turma, proporcionando um espaço adequado e seguro para as atividades previstas.

Iniciei a aula organizando os alunos em roda para uma breve explanação conceitual sobre as lutas e artes marciais, destacando que ambas são práticas corporais que envolvem confronto direto ou indireto entre dois adversários, utilizando técnicas específicas e habilidades corporais. Neste contexto, questionei os alunos sobre os possíveis elementos comuns entre a capoeira e outras lutas conhecidas por eles.

Inicialmente, a turma demonstrou hesitação, um silêncio reflexivo tomou conta da sala. Passado esse momento inicial, começaram a contribuir:

**Aluna A:** *"Professor, acho que a capoeira tem uns golpes parecidos com o judô, aquelas quedas."*

**Aluno B:** *"Tem chute igual no muay thai e no taekwondo."*

Valorizando essas contribuições, expliquei que, de fato, a capoeira compartilha muitos elementos comuns com diversas artes marciais, porém possui particularidades próprias, especialmente na maneira como utiliza o ritmo, o jogo, e os movimentos contínuos para ludibriar e surpreender o adversário.

Para despertar ainda mais o interesse da turma e a admiração pela luta, projetei vídeos de capoeira com demonstrações dos golpes considerados mais traumatizantes, mostrando a eficiência e o impacto desses movimentos quando realizados com intenção real de luta. Durante a projeção, percebi uma reação positiva da turma, com comentários espontâneos como "caramba, professor, esse chute é muito forte!" e "esse golpe aí derruba qualquer um", indicando uma clara valorização dos aspectos combativos da capoeira pelos alunos.

Na sequência, apresentei vídeos demonstrativos de alguns dos principais movimentos da capoeira, incluindo golpes ofensivos como a ponteira, a meia-lua de frente e o martelo, bem como movimentos defensivos fundamentais, como a cocorinha e as esquivas. Em seguida, esclareci tecnicamente cada execução, destacando sua aplicação tanto no contexto do jogo quanto em sua dimensão histórica e cultural. Nesse momento, um aluno fez uma intervenção interessante:

**Aluno C:** *"Professor, por que os capoeiristas ficam gingando direto em vez de ficarem parados igual aos outros lutadores?"*

**Eu expliquei:** *"Excelente pergunta! A ginga é justamente a base fundamental da capoeira. Ela serve tanto para ludibriar o adversário, tornando os movimentos mais imprevisíveis, quanto para preparar o corpo para realizar ataques ou defesas rapidamente. Um corpo em constante movimento torna-se menos previsível, dificultando que o adversário antecipe os golpes."*

Após esses esclarecimentos iniciais, avançamos para a experimentação dos movimentos. Nesta parte, utilizei uma metodologia de ensino mais tradicional, demonstrando os movimentos técnicos enquanto os alunos deveriam reproduzi-los de forma espelhada. Dividi a aula em quatro momentos claros:

1. **Movimentos básicos:** Introduzi a ginga como base fundamental para todos os movimentos seguintes. Os alunos tiveram uma boa receptividade ao exercício e mostraram-se confortáveis ao executar o movimento em sincronia.
2. **Movimentos defensivos:** Destaquei a importância dos movimentos defensivos na capoeira, seus princípios básicos e apresentei a "cocorinha" e as esquivas.

3. **Movimentos ofensivos básicos:** Apresentei movimentos como "ponteira", "meia-lua de frente" e "martelo". Neste momento, utilizei estratégias diferenciadas como o uso de balões e colchonetes como alvo, permitindo que os alunos explorassem a potência e a precisão dos golpes sem risco de lesões. Para isso, em especial no golpe "martelo", os alunos projetavam o golpe sobre colchonetes apoiados, permitindo uma maior confiança para aplicação do movimento com força.
4. **Movimentos especiais:** Apresentei golpes mais complexos e solicitados pelos alunos desde encontros anteriores, como "tesoura", "corta capim" e "au sem as mãos". Ao demonstrar a "tesoura", percebi forte entusiasmo dos alunos, muitos se interessaram em experimentar, mas por questões de segurança, sugeri que praticassem com muita cautela e somente sob minha supervisão direta.

Além disso, um grupo de alunos me questionou especificamente sobre movimentos acrobáticos mais complexos, como os "mortais". Expliquei que domino tais movimentos, mas preferencialmente os realizo em ambientes seguros (cama elástica, colchões, areia ou água), devido à segurança. Ainda assim, fiz uma demonstração segura de movimentos intermediários como o "pião de mão" e "bananeira", o que agradou muito aos alunos, levando alguns a se interessarem um pouco mais por essas habilidades corporais.

A fim de sistematizar os movimentos trabalhados com os alunos, apresentamos no Quadro 13 uma classificação básica que diferencia golpes ofensivos, movimentos defensivos, acrobáticos e elementos rituais da roda de capoeira.

**Quadro 13** - Classificação básica dos movimentos da capoeira trabalhados no PCEJ

<b>Categoria</b>	<b>Movimentos / Exemplos</b>	<b>Descrição</b>
<b>Golpes ofensivos</b>	Ponteira, Meia-lua de frente, Martelo, Tesoura, Corta-capim	Ações corporais de ataque, geralmente com os pés, visando atingir o adversário direta ou indiretamente.

<b>Movimentos defensivos</b>	Cocorinha, Esquiva lateral, Esquiva baixa	Recursos de proteção que buscam evitar o ataque do adversário, mantendo o fluxo do jogo.
<b>Movimentos acrobáticos/transição</b>	Au (estrela), Bananeira, Pião de mão, Mortal	Movimentos que combinam ataque, defesa e estética, muitas vezes usados para transição, ludíbrio e expressividade.
<b>Elementos rituais da roda</b>	Ginga, Volta ao mundo, Compra	Estruturas simbólicas e rituais que organizam o jogo, dando ritmo, continuidade e sentido cultural à prática.

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em Campos (2009), Silva e Gonzalez (2010) e nos registros do PCEJ (2024).

Outro destaque nessa aula foi o grupo que estabeleceu uma comparação direta entre golpes da capoeira e técnicas do jiu-jítsu e judô, discutindo golpes como o "mata-leão" e as projeções de quedas. Eles começaram a testar essas técnicas em contexto seguro e controlado, fazendo observações críticas e comparativas, por exemplo, citando que *"no judô o contato era mais direto e próximo, enquanto na capoeira o distanciamento era maior, visando evitar o agarramento."*

Perto do final da aula, permiti que os alunos experimentassem livremente os movimentos aprendidos na forma de uma "roda lúdica". Nesse momento, como já havia ocorrido em encontros anteriores, consegui perceber com clareza o valor pedagógico e social dessa prática, pois cada aluno encontrou espaço para realizar seu aprendizado individual, seja executando golpes mais simples ou se arriscando nas técnicas mais complexas.

Durante essa roda de capoeira lúdica, ocorreram várias demonstrações espontâneas de criatividade e colaboração entre os alunos. Alguns demonstraram segurança nas habilidades recém-adquiridas, enquanto outros mais tímidos preferiram focar no apoio rítmico ou nos movimentos mais simples. De qualquer modo, a roda refletiu o ambiente positivo, descontraído e rico em interações sociais construído durante o projeto.

Na parte final do encontro, fizemos uma roda de conversa em que os alunos puderam expressar suas percepções sobre a aula. Alguns comentários foram especialmente interessantes:

**Aluno D:** *"Achei legal perceber como os movimentos da capoeira podem ser usados realmente numa luta. Não imaginava que eram golpes tão eficientes!"*

**Aluna E:** *"Gostei muito porque a gente comparou com outras lutas. Nunca imaginei que fossem tão parecidos."*

**Aluno F:** *"Gostei mesmo é do golpe 'tesoura', professor. Parece coisa de filme!"*

Esses relatos revelaram o nível de engajamento da turma com o tema, destacando tanto a admiração crescente pela capoeira como arte marcial quanto o entendimento mais claro sobre suas conexões históricas e culturais com outras práticas de luta.

Encerrei a aula destacando que o objetivo maior do encontro não era apenas ensinar técnicas de combate, mas principalmente ampliar a visão dos alunos sobre as lutas como práticas corporais complexas e culturalmente significativas, especialmente no caso da capoeira, cuja história está diretamente ligada à resistência à escravidão, valorização cultural e empoderamento pessoal e coletivo dos povos afro-brasileiros.

#### **4.1.13 13º Encontro: Capoeira e suas Relações com o Esporte.**

**Data:** 03/12/2024

**Horário:** 7º tempo da tarde (15:00 às 16:20)

**Local:** Sala de aula e quadra poliesportiva

**Duração:** 60 min

**Alunos presente:** 33

O décimo terceiro encontro teve como tema principal a discussão da capoeira e suas relações com o esporte, enfocando especificamente o processo histórico conhecido como "esportivização da capoeira". A aula ocorreu inicialmente na sala de aula e, posteriormente, na quadra poliesportiva, proporcionando aos alunos momentos reflexivos e experienciais significativos.

Iniciei a aula com a turma organizada em roda, conduzindo uma explanação inicial sobre a transformação histórica da capoeira tradicional para a esportivizada, destacando as principais mudanças ocorridas em suas regras, técnicas e configurações competitivas. A fim de estimular o interesse dos alunos, busquei comparar essa transformação com outras modalidades esportivas conhecidas por eles, gerando imediata identificação com o tema.

Para aumentar ainda mais o engajamento inicial, projetei vídeos demonstrativos das competições esportivas oficiais de capoeira. Durante a projeção, observei que os alunos demonstraram curiosidade e interesse imediato, especialmente quando perceberam a sistematização dos movimentos, a presença dos juízes, e o formato competitivo e formal da capoeira esportiva. Um aluno comentou espontaneamente: "Professor, é tipo um campeonato de judô, né?", evidenciando o entendimento sobre as relações entre práticas esportivas.

Após a exibição dos vídeos, iniciamos uma roda de conversa para aprofundar a discussão sobre as diferenças entre a capoeira tradicional e a esportivizada, abordando vantagens e desvantagens dessa transformação. Os alunos participaram ativamente, fazendo comentários pertinentes e questionamentos reflexivos:

**Aluna A:** *"Mas professor, se a capoeira virou esporte, não vai perder a parte cultural?"*

**Aluno B:** *"Eu acho que é bom, professor, porque se vira esporte, fica mais conhecido e mais gente pode praticar."*

**Aluno C:** *"E a parte musical, professor, continua tendo na capoeira esportiva?"*

Esses comentários abriram espaço para aprofundarmos a discussão sobre os impactos culturais, sociais e éticos envolvidos nessa transformação. Expliquei que, apesar da esportivização trazer reconhecimento internacional, visibilidade midiática e incentivo à prática, há o risco real de descaracterizar ou simplificar seus elementos culturais mais tradicionais, como a musicalidade, a ritualidade da roda, a "malícia" e a imprevisibilidade do jogo tradicional.

Após esse momento inicial, seguimos para a quadra poliesportiva, onde realizaríamos a atividade prevista: uma simulação de competição de capoeira no formato esportivo. Dividi os alunos em equipes e expliquei brevemente as regras básicas da capoeira esportivizada, enfatizando a importância da disciplina, respeito, ética e espírito esportivo.

Durante a organização das equipes, percebi que os alunos rapidamente se adaptaram à dinâmica competitiva proposta. Inicialmente, eles estavam um pouco apreensivos, perguntando sobre como seriam avaliados ou se poderiam usar todos os movimentos aprendidos anteriormente, mas após esclarecimentos simples, a turma entrou rapidamente no clima da atividade.

Durante a simulação, foi notória a empolgação dos alunos ao se verem na condição de "competidores", adotando posturas formais que imitavam competições oficiais vistas nos vídeos, como a reverência inicial antes dos confrontos e o cumprimento entre os jogadores após as partidas. Notei que muitos alunos procuravam reproduzir os movimentos técnicos com maior precisão e controle, como o "au", "bananeira", "martelo" e "meia-lua de compasso".

Durante os embates, observei valores como respeito ao colega, espírito esportivo e cooperação sendo espontaneamente demonstrados pelos alunos, inclusive incentivando os colegas mais tímidos ou que apresentavam mais dificuldade técnica.

Ao término das atividades, realizamos uma roda de conversa final para refletir sobre a experiência vivenciada. Pedi aos alunos que comentassem o que haviam percebido de diferente entre a capoeira tradicional que vivenciamos nas rodas anteriores e a capoeira esportiva vivenciada nesta aula. Os comentários dos alunos evidenciaram a compreensão do objetivo da aula:

**Aluno A:** *"Eu percebi que a capoeira esportiva tem mais regras, e é mais séria."*

**Aluno D:** *"Acho que na roda tradicional dá para brincar mais, a gente fica mais livre, e no esporte parece que tem que ser tudo perfeito."*

**Aluno E:** *"Mesmo sendo mais formal, eu gostei da capoeira como esporte, porque deixa a gente mais concentrado."*

Essas contribuições demonstraram, de maneira convincente, que a turma conseguiu compreender as diferenças essenciais entre as modalidades, refletindo criticamente sobre as implicações culturais, éticas e sociais da transformação da capoeira em esporte.

Ao término das atividades práticas, retornamos à sala de aula para um momento avaliativo. Com o objetivo de obter um retorno qualitativo do projeto e compreender a percepção individual dos alunos sobre as aulas, foi realizada uma entrevista avaliativa escrita, composta por dez questões abertas que abordaram temas como corpo, lazer, lúdico, capoeira e Educação Física. Essa etapa, descrita também na metodologia, buscou garantir coerência entre o percurso investigativo e os dados produzidos. As perguntas foram as seguintes:

*1ª Fale livremente sobre o lazer.*

*2ª Fale livremente sobre o corpo.*

*3ª Fale livremente sobre o lúdico.*

*4ª Fale livremente sobre o Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ).*

*5ª O que você mais gostou no projeto?*

*6ª A capoeira pode nos ensinar algo importante? (se sim, explique).*

*7ª Como a capoeira se relaciona com a Educação Física?*

*8ª Como a capoeira se relaciona com a História do Brasil?*

*9ª O que poderia melhorar nas aulas do Projeto?*

*10ª Quais foram os pontos positivos e negativos sobre o Projeto Capoeira na Escola para os Jovens?*

Durante essa atividade escrita, observei grande envolvimento da turma na elaboração das respostas. Muitos alunos mostraram-se reflexivos e concentrados,

enquanto outros buscaram apoio para expressar melhor suas ideias. Alguns comentários espontâneos surgiram, como:

*“Professor, eu gostei muito das aulas práticas, acho que poderíamos ter mais aulas assim, mais vezes.”*

*“Seria legal ter mais tempo para explorar os movimentos mais difíceis, porque eu senti que melhorei muito durante as vivências.”*

Essas falas revelam como, no cotidiano escolar, os estudantes tendem a utilizar a expressão “aulas práticas” em contraposição às discussões conceituais. Contudo, ao interpretarmos esses relatos no contexto da pesquisa, compreendemos tais manifestações como referência às vivências corporais e culturais integradas, nas quais teoria, experiência e reflexão não se separam, mas se entrelaçam no processo formativo.

Nesse sentido, essas observações espontâneas confirmam o que já vinha sendo percebido durante o projeto: o forte interesse dos alunos pelas experiências vivenciadas na capoeira e a consciência crítica crescente sobre suas relações com a cultura afro-brasileira, a Educação Física e a História do Brasil.

Ao término da atividade avaliativa, agradei sinceramente o empenho, dedicação e participação dos alunos durante todo o projeto, destacando que suas contribuições foram fundamentais para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Falei ainda sobre minha satisfação pessoal em poder compartilhar uma prática que faz parte da minha trajetória de vida, desejando que essa experiência os inspirasse a valorizar a capoeira e suas diversas possibilidades educacionais, culturais e sociais. Reforcei a importância da valorização e respeito pelas diferentes formas de expressão da capoeira, sejam elas esportivas ou tradicionais.

Por fim, esse projeto me fez perceber de forma clara, que a proposta de relacionar a capoeira com outras práticas corporais contribuiu significativamente para ampliar o entendimento dos alunos sobre a dimensão cultural e histórica da capoeira,

valorizando-a como um patrimônio imaterial e uma manifestação genuína da identidade cultural brasileira.

## **5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.**

Este capítulo apresenta a análise e a discussão dos dados produzidos no contexto do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ), desenvolvido com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II. O objetivo foi analisar os sentidos atribuídos pelos alunos às experiências vividas com a capoeira na escola, destacando como esses significados se articularam aos processos de ensino-aprendizagem mediados pela proposta pedagógica fundamentada na perspectiva Cultural e Plural da Educação Física. Cabe destacar que os resultados aqui discutidos também se articulam diretamente com a elaboração do recurso educacional (Caderno Pedagógico), material que sistematiza as experiências em planos, estratégias e instrumentos de acompanhamento, possibilitando sua aplicação em outros contextos escolares.

A análise dos dados seguiu os pressupostos da pesquisa qualitativa e foi conduzida com base na perspectiva hermenêutico-dialética de Minayo (1992), permitindo interpretar os episódios de ensino observados a partir do diálogo entre os dados empíricos e o referencial teórico. Os instrumentos de coleta incluíram registros sistemáticos em diário de campo e momentos dialógicos ocorridos durante as aulas, nos quais os estudantes expressaram suas percepções, posições e reflexões coletivas acerca das vivências com a capoeira (rodas de conversa, sínteses coletivas e autoavaliações orais/escritas).

As informações foram organizadas em categorias temáticas, construídas a partir das regularidades, tensões, contrastes e singularidades identificadas nas falas e experiências dos alunos, sempre em articulação com os conceitos discutidos na fundamentação teórica. As categorias evidenciam os impactos formativos do projeto e revelam como a capoeira foi apropriada pelos estudantes como uma experiência educativa plural, crítica e culturalmente referenciada. Parte dessas categorias

encontra-se materializada no Caderno Pedagógico, no qual as aprendizagens foram traduzidas em propostas pedagógicas concretas.

As categorias analisadas neste capítulo são: O salto qualitativo dos alunos; O corpo e seus significados; O lazer e seus significados; A capoeira como resistência cultural; Valorização das práticas lúdicas; Aprendizagem por multimeios; e Categorias emergentes: protagonismo estudantil e crítica à escolarização tradicional.

**Quadro 14** - Relação de categorias/referenciais

<b>Categoria</b>	<b>Temática Central</b>	<b>Referenciais Teóricos</b>
4.1 O salto qualitativo dos alunos	Participação, engajamento, protagonismo	Freire (2011), Daolio (1995)
4.2 O corpo e seus significados	Corporeidade, identidade, expressão	Daolio (1995), Freire (2011)
4.3 O lazer e seus significados	Lazer como direito, bem-estar, cultura	Marcellino (1983), Camargo (1999)
4.4 Capoeira como resistência cultural	História, ancestralidade, enfrentamento	Falcão (1994), Mello (2002)
4.5 Práticas lúdicas	Brincadeira, ludicidade, prazer	Camargo (1999), Daolio (1995)
4.6 Multimeios	Aprendizagem sensível e ampliada	Neira (2018), Freire (2011)
4.7 Categorias emergentes	Protagonismo e crítica à escolarização	Freire (2011), Neira (2018)

**Fonte:** Elaborado pelo autor (2025)

Cada uma será discutida com base nos dados empíricos, nas observações pedagógicas e nas contribuições teóricas que fundamentam esta dissertação.

### **5.1 O salto qualitativo dos alunos.**

A primeira categoria identificada na análise diz respeito às mudanças percebidas no envolvimento dos alunos ao longo dos encontros do projeto. Esse "salto qualitativo" refere-se à ampliação da participação, ao fortalecimento da autoestima, à apropriação crítica do conteúdo e ao engajamento crescente nas atividades

propostas, especialmente em relação à escuta, ao diálogo, à expressão corporal e à construção coletiva do conhecimento.

Nas primeiras aulas, conforme registrado no diário de campo, os estudantes apresentavam posturas mais retraídas, com pouca participação nas discussões e menor adesão às propostas de movimentação. À medida que os encontros avançaram, as vivências corporais integradas a momentos de diálogo propiciaram a emergência de posturas mais autônomas, criativas e críticas. A metodologia pautada na escuta, no respeito à diversidade e na valorização dos saberes dos alunos contribuiu diretamente para esse processo.

As falas dos estudantes em momentos dialógicos de avaliação coletiva ilustram essa transformação:

*“Eu aprendi muitas coisas com a capoeira, a dialogar melhor e eu acho muito bom ter essa experiência nova.”* (Aluno 01).

*“Achei um assunto interessante de se aprender em sala, principalmente pelo fato de fugir da rotina de tarefas escritas.”* (Aluno 13).

*“Foi muito legal, muito divertido, aprendi diversas coisas e golpes... muito interessante.”* (Aluno 34).

*“Achei muito bom, pois teve oportunidade para todos participarem e a capoeira se tornou algo interessante, os instrumentos, a dança e as brincadeiras facilitaram da gente entender.”* (Aluno 29).

Tais depoimentos evidenciam que o processo de aprendizagem foi construído com base no envolvimento significativo dos alunos, em uma relação horizontal com o professor e com os colegas. Segundo Freire (2011), ensinar exige escutar os saberes dos educandos e criar possibilidades para que se tornem sujeitos do seu próprio processo educativo. No PCEJ, tal princípio foi operacionalizado e depois sistematizado no Caderno Pedagógico na forma de rotinas de acolhimento, perguntas geradoras e rodas de síntese, de tal forma que os estudantes não apenas aprenderam

sobre capoeira, mas também desenvolveram novas formas de se expressar, de interagir e de atribuir sentido às práticas corporais. Daolio (1995) reforça que a aprendizagem com sentido em Educação Física só é possível quando os conteúdos dialogam com a cultura dos alunos e são mediados por relações pedagógicas pautadas pela alteridade.

Assim, o salto qualitativo observado está diretamente relacionado a essa mediação sensível, que reconhece os corpos como territórios de história, emoção e criação. Portanto, esta categoria revela que os alunos não apenas participaram das atividades, mas reconfiguraram os sentidos em relação ao corpo, à escola e ao processo de aprender. A capoeira, nesse contexto, funcionou como linguagem pedagógica de transformação.

## **5.2 O corpo e seus significados.**

A compreensão dos estudantes sobre o corpo passou por um processo de ressignificação ao longo do projeto. Inicialmente, muitos participantes apresentavam concepções predominantemente funcionalistas e biológicas, reduzindo o corpo à ideia de “instrumento”, “estrutura física” ou “ferramenta para se mover”. Essas percepções estão presentes nas falas:

*“Corpo é aquilo que usamos para andar, correr, nos movimentar...”* (Aluno 06).

*“O corpo é um conjunto com ossos e circulações protegida por carne e músculos responsáveis pelo nosso movimento.”* (Aluno 20).

*“Corpo é como se fosse um instrumento que utilizamos a nosso favor para realizar ações.”* (Aluno 13).

No entanto, ao longo dos encontros, com as experiências, leituras comentadas os diálogos coletivos e os materiais utilizados nas aulas (como o livro *Da Cultura do Corpo*, de Jocimar Daolio) provocaram deslocamentos de sentido e permitiram que os alunos ampliassem sua leitura sobre o corpo como espaço de expressão, identidade, memória e pertencimento.

*“Corpo para mim é um espaço sagrado.” (Aluno 24).*

*“Corpo é aquilo que habilita a alma [...] sem o corpo não podemos usufruir do lazer, do bem-estar, da paz, do amor, de tudo que a vida tem a oferecer.” (Aluno 14).*

*“O corpo é o objeto/ferramenta que podemos usar para realizar diferentes ações. Ele possibilita que possamos nos expressar, demonstrar sentimentos...” (Aluno 16).*

Essas falas demonstram que os estudantes passaram a reconhecer o corpo como sujeito de cultura, de afeto e de comunicação, em consonância com a perspectiva defendida por Daolio (1995), segundo a qual o corpo é simultaneamente produto e produtor de significados, sendo construído por meio das experiências sociais, culturais e históricas.

Freire (2011) afirma que o corpo é também sujeito de aprendizagem e que a educação deve considerar a totalidade do ser humano, em sua dimensão sensível e concreta. A capoeira, enquanto experiência educativa da cultura corporal enraizada na resistência e na ancestralidade afro-brasileira, possibilitou que os alunos experimentassem o corpo de forma mais livre, criativa e integrada. No processo de elaboração do Caderno Pedagógico (recurso educacional), essas reflexões foram traduzidas em estratégias como as “rodas de percepção”, que apoiaram o professor em suas mediações.

Nesse contexto, a prática da capoeira contribuiu para romper com uma visão fragmentada e utilitarista do corpo, abrindo espaço para compreensões mais amplas, simbólicas e subjetivas. O corpo passou a ser visto como território de existência, expressão e resistência, o que representa um avanço significativo na formação crítica e cultural dos estudantes.

### **5.3 O lazer e seus significados.**

O conceito de lazer foi amplamente ressignificado pelos estudantes ao longo do projeto. Inicialmente, muitos o relacionavam apenas a momentos de descanso, entretenimento ou fuga da rotina. Contudo, a partir das experiências com a capoeira

e das discussões em sala, os alunos começaram a compreender o lazer vivido como uma prática cultural significativa, capaz de promover bem-estar, pertencimento, expressão e conexão com a ancestralidade.

As falas a seguir evidenciam essas múltiplas compreensões:

*“Certamente, para mim, lazer é a forma de divertir, de sentir confortável, sentir paz, e sentir uma forma mais viva de vida.”* (Aluno 14).

*“Lazer para mim é um jogo de bola e luta. Me traz um sentimento de paz.”* (Aluno 24).

*“Lazer é o que nós faz nos tempos livres que faz nós sentir bem, como cultura, esportes físicos ou então algo que você goste.”* (Aluno 18).

*“Lazer é diferente para cada pessoa, lazer para mim é ficar à vontade.”* (Aluno 40).

Essas declarações mostram que os alunos passaram a reconhecer o lazer não apenas como tempo livre, mas como tempo significativo, vinculado ao prazer de aprender, ao direito de brincar, à expressão das emoções e à prática de manifestações culturais como a capoeira. Conforme propõe Marcellino (1983), o lazer é parte constitutiva da humanização e da formação integral do sujeito — e não um apêndice da vida produtiva.

Camargo (1999) defende que o lazer, quando reconhecido como conteúdo da Educação Física, deve estar inserido em propostas pedagógicas que o articulem ao cotidiano dos alunos e à valorização das suas vivências culturais. No projeto PCEJ, as práticas lúdicas com capoeira, rodas musicais, jogos e brincadeiras simbólicas contribuíram para que os estudantes percebessem o lazer como experiência de liberdade e criação. No recurso educacional, isso se materializa em jogos simbólicos, rodas musicais e tarefas de criação coletiva que articulam lazer-corpo-cultura sem hierarquizá-los.

O diário de campo registra momentos em que os alunos se engajaram com entusiasmo em atividades como “Capitão do Mato”, “Roda de Improviso” e “Berimbau Manda”, vivências que uniram crítica histórica, ludicidade e cooperação. Ao final das aulas, era comum ouvirem-se frases como: “Foi divertido e também aprendi” ou “Nem parece que é aula, mas eu aprendo mais assim”.

Essa articulação entre lazer, corpo e cultura foi fundamental para a formação crítica dos estudantes. A capoeira possibilitou a vivência de um lazer que não aliena, mas que emancipa; que não distrai, mas que conscientiza. Em vez de reforçar a lógica do lazer como prêmio (como frequentemente ocorre na escola), o projeto defendeu o lazer como direito e como linguagem pedagógica.

Assim, esta categoria evidencia que o lazer, quando inserido no contexto escolar de forma crítica e culturalmente compreendido, amplia os sentidos da aprendizagem e potencializa a participação dos estudantes como sujeitos ativos, sensíveis e criadores.

#### **5.4 A capoeira como resistência cultural.**

Ao longo do PCEJ, a capoeira foi compreendida pelos estudantes não apenas como uma manifestação corporal, mas como um instrumento de resistência histórica, cultural e identitária. Essa percepção emergiu especialmente durante os encontros que abordaram a origem da capoeira, sua relação com a escravidão e os modos de enfrentamento e sobrevivência dos povos negros no Brasil. Os dados revelam que os alunos passaram a reconhecer a capoeira como prática de luta e liberdade, profundamente ligada à história da resistência afro-brasileira.

As falas a seguir evidenciam essa compreensão:

*“A capoeira possui forte ligação com o passado do povo negro, visto que ela surgiu como forma de resistência em resposta à escravidão.”* (Aluno 16).

*“Ela tem um significado muito grande, pois fala sobre o momento em que teve as embarcações de escravos e que os escravos disfarçavam a capoeira de dança.”* (Aluno 19).

*“A resistência e a persistência que os negros tinham pela liberdade, a vontade que eles tinham em ser livres.”* (Aluno não identificado I).

*“Foi usada no processo de escravidão no Brasil e foi usada como forma de resistência.”* (Aluno não identificado IV).

Tais declarações demonstram que a abordagem adotada no projeto favoreceu uma leitura crítica da história da capoeira, resgatando sua origem enquanto prática de disfarce, sobrevivência e enfrentamento à opressão. Conforme destaca Falcão (1994), a escolarização da capoeira não pode ignorar seus sentidos simbólicos e políticos, sob risco de reproduzir uma lógica de apagamento cultural.

Ao abordar a capoeira como resistência, o projeto contribuiu para que os estudantes compreendessem a luta contra o racismo não apenas como um tema do passado, mas como uma urgência ainda presente na sociedade e na escola. As rodas de conversa, o filme “Besouro” e as vivências corporais mediadas por narrativas históricas possibilitaram que os alunos refletissem sobre o lugar da capoeira como memória viva da cultura afro-brasileira.

Segundo Mello (2002), a capoeira representa uma forma de reinvenção da existência e uma linguagem de enfrentamento simbólico que resistiu ao tempo, às proibições e às tentativas de embranquecimento. Ensinar capoeira na escola, portanto, é revalorizar uma tradição que foi silenciada e criminalizada, e que agora retorna como conteúdo de reconhecimento e afirmação.

Essa valorização também está em sintonia com os princípios da Educação Física Cultural, que, segundo Neira (2018), deve dar visibilidade a práticas corporais contra hegemônicas e historicamente marginalizadas. Ao trabalhar com a capoeira como resistência, o projeto reafirma o papel da escola como espaço de construção de identidades, de memória e de justiça social.

Assim, esta categoria evidencia que os estudantes compreenderam a capoeira como manifestação da cultura corporal que transcende o movimento físico e se torna expressão de liberdade, de cultura e de ancestralidade — elementos que fortalecem a construção de uma Educação Física crítica, plural e enraizada na realidade dos sujeitos.

Desse modo, em diálogo com Falcão (1994) e Mello (2002), o PCEJ evitou esportivizações descontextualizadas e valorizou a vadiagem, a musicalidade e a ancestralidade. Por isso, o recurso educacional proveniente dessa pesquisa, incorpora essa diretriz em sequências didáticas e critérios de avaliação que respeitam a perspectiva cultural.

### **5.5 Valorização das práticas lúdicas.**

Ao longo do desenvolvimento do projeto, a dimensão lúdica da capoeira se mostrou central na forma como os estudantes se envolveram com as práticas corporais. A ludicidade apareceu como eixo integrador do engajamento, da criatividade e do prazer em aprender — rompendo com a lógica tradicional das aulas prescritivas e repetitivas de Educação Física.

Desde as primeiras vivências com a roda, os alunos demonstraram entusiasmo com os jogos, desafios e movimentos realizados de forma espontânea e coletiva. As brincadeiras adaptadas como “Capitão do Mato”, “Berimbau Manda” e “Passa o Movimento” foram momentos ricos de participação e criação, em que os estudantes acessaram conhecimentos históricos ao mesmo tempo em que brincavam.

A compreensão dos alunos sobre o lúdico reforça essa dimensão:

*“Para mim a palavra lúdico é algo que fazemos sem pressão, como brincar, jogar, se expressar...”* (Aluno 01).

*“Certamente, para mim, lúdico é aquilo que gostamos ou amamos de fazer... aquilo que faz a gente se sentir bem e confortável.”* (Aluno 14).

*“O lúdico é aquilo que afeta de forma positiva a vida das pessoas, feito sem compromisso... feito com satisfação.”* (Aluno 16).

*“Lúdico para mim é jogar com amigos, isso é uma coisa lúdica para mim, por estar ali por livre espontânea vontade.”* (Aluno 43).

Essas falas revelam que os estudantes compreendem o lúdico como aquilo que é feito com liberdade, desejo e sentido. Tal perspectiva converge com os estudos de Camargo (1999) e Marcellino (1983), que defendem o lúdico como dimensão fundamental do desenvolvimento humano e como direito a ser garantido também nos espaços escolares.

Durante os episódios de ensino, o lúdico funcionou como um eixo integrador entre o corpo, o conhecimento e a afetividade. O projeto demonstrou que aprender brincando não significa perder profundidade, mas sim abrir novas possibilidades de significação. Conforme Daolio (1995), o corpo que brinca é também o corpo que aprende, que cria e que resiste. A roda de capoeira, nesse sentido, foi vivenciada como espaço de riso, improviso, expressão e escuta.

Ao valorizar as práticas lúdicas, o PCEJ mostrou que a Educação Física pode ser um campo de reinvenção pedagógica. Os alunos, ao se divertirem, construíram saberes corporais, culturais e históricos de maneira crítica e sensível. A ludicidade não foi tratada como recompensa, mas como linguagem legítima de aprendizagem.

Portanto, esta categoria evidencia que as práticas lúdicas, quando intencionalmente planejadas e culturalmente contextualizadas, potencializam o engajamento dos estudantes e promovem experiências pedagógicas significativas e humanizadoras.

## **5.6 Aprendizagem por multimeios.**

A utilização de multimeios — como filmes, músicas, instrumentos musicais, recursos gráficos, roda de conversa, dramatizações e produções visuais — foi uma estratégia pedagógica central no desenvolvimento do projeto PCEJ. Essa abordagem

ampliou as formas de expressão e compreensão dos estudantes, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, acessível e culturalmente relevante.

Durante as aulas, os alunos demonstraram forte envolvimento com os diversos materiais utilizados. O uso do filme *Besouro*, por exemplo, gerou intensa mobilização afetiva e crítica. Muitos estudantes comentaram que o filme os ajudou a entender melhor o contexto histórico da capoeira e a valorizar a resistência dos povos negros. Um deles afirmou:

*“Gostei dos golpes, da luta, das histórias que o professor contava pra gente, do filme do Zumbi.”* (Aluno 44).

A musicalidade também teve papel essencial no projeto. O aprendizado dos toques do berimbau, a escuta das músicas tradicionais e a produção de sons com os instrumentos favoreceram o desenvolvimento sensorial, expressivo e afetivo. Como relatou um aluno:

*“O que mais gostei foi o som que produzimos com os instrumentos, e a luta em si, que envolve dança. Eu amei.”* (Aluno 29).

Além disso, a proposta de criação de cartazes, linhas do tempo, desenhos e registros visuais ajudou os alunos a sintetizarem conteúdos históricos e culturais de forma criativa. Essa multiplicidade de linguagens possibilitou que diferentes perfis de estudantes se envolvessem com o projeto, cada um a partir de suas preferências e competências.

Neira (2018) defende que o currículo da Educação Física deve dialogar com as diversas formas de representação cultural, ampliando os meios pelos quais o aluno se expressa e constrói sentido. Já Freire (2011) afirma que a aprendizagem significativa ocorre quando os sujeitos são estimulados a interpretar o mundo a partir de diferentes leituras — do texto, da imagem, do som e da experiência.

A presença dos multimeios também contribuiu para a inclusão, especialmente de alunos que se sentem menos à vontade com a exposição oral ou corporal. Eles

puderam expressar suas compreensões por meio de músicas, interações e registros simbólicos que revelaram aspectos subjetivos, afetivos e culturais da aprendizagem. Essa multiplicidade de linguagens valorizou os diferentes estilos de aprendizagem presentes no grupo e reafirmou a importância de uma educação sensível, inclusiva e plural.

Conforme propõem Freire (2011) e Neira (2018), ensinar exige considerar as diversas formas de linguagem dos educandos, permitindo que o conhecimento se construa também com o corpo, com a emoção e com a sensibilidade. A aprendizagem por multimeios, nesse sentido, não foi apenas estratégia didática, mas caminho de emancipação. Nesse sentido, o PCEJ e o recurso educacional materializado a partir dele, no uso da multiplicidade de linguagens e respeitando os diferentes estilos de aprendizagens, ampliou acessos e inclusão no processo de ensino-aprendizagem.

### **5.7 Categorias emergentes: protagonismo estudantil e crítica à escolarização tradicional.**

Além das categorias inicialmente previstas, a análise dos dados revelou a emergência de duas temáticas transversais que se manifestaram ao longo de todo o projeto: o protagonismo dos estudantes e a crítica à forma tradicional de escolarização.

Durante os encontros, os alunos demonstraram crescente autonomia, sugerindo atividades, participando ativamente das rodas de conversa e engajando-se na construção coletiva do conhecimento. Muitos relataram que se sentiram valorizados ao perceberem que suas opiniões eram ouvidas e incorporadas ao desenvolvimento do projeto. Essa postura evidencia a presença do protagonismo estudantil como eixo estruturante da experiência vivida.

*“Gostei dos debates entre os colegas, com todos participando a aula e o assunto ficaram mais interessantes.”* (Aluno 16).

*“Achei muito bom, pois teve oportunidade para todos participarem...”* (Aluno 29).

*“O professor teve paciência de ensinar cada um dos alunos... isso me chamou muita atenção.”* (Aluno 14).

Essas falas expressam a ruptura com práticas pedagógicas autoritárias e conteudistas. Os estudantes foram reconhecidos como sujeitos do processo, o que favoreceu uma relação horizontal com o saber, com o professor e com o grupo.

Outro aspecto emergente foi a crítica à escolarização tradicional, marcada pelo excesso de leitura descontextualizada, pela centralidade do professor e pela ausência de sentido nas atividades. Alguns estudantes revelaram desconforto com momentos de atividades centradas apenas na leitura descontextualizada, ao passo que valorizaram as experiências integradas, nas quais o conhecimento se construía por meio do diálogo, do movimento, da arte e da emoção.

*“Desinteressante: aulas focadas em leitura, onde os alunos demonstram tédio. Interessante: debates com todos participando.”* (Aluno 16).

*“Gostei das aulas com vídeos, com filmes, e tudo isso ajuda o entendimento do assunto.”* (Aluno 06).

*“Foi uma forma diferente de aprender, não só com escrita, mas com o corpo e com o som.”* (Aluno s/ident.).

Tais manifestações dialogam com as críticas de Freire (2011) ao modelo “bancário” de ensino, que reduz os estudantes a receptáculos de conteúdos e esvazia o sentido do aprender. Também se aproximam da proposta de Daolio (1995), que afirma que o conhecimento só se torna significativo quando reconhece o outro em sua alteridade e historicidade. Como desdobramento, o Caderno Pedagógico registra rotinas de co-planejamento com a turma e instrumentos de auto/heteroavaliação que fortalecem o protagonismo.

Neira (2018) propõe uma Educação Física que valorize os saberes dos alunos, dando espaço à autoria e à criação. Ao propor práticas que rompam com a lógica da reprodução e da repetição, o projeto PCEJ ampliou o repertório didático dos



O desenvolvimento das categorias mostrou que os alunos não apenas se engajaram nas atividades, mas reconfiguraram sua relação com o conhecimento e com o espaço escolar. A valorização do corpo como expressão, do brincar como linguagem e da ancestralidade como pertencimento revelou o potencial transformador da proposta.

As categorias emergentes evidenciaram que o projeto também funcionou como provocação aos modelos escolares tradicionais. Ao romper com a lógica da aula verticalizada, centrada na repetição e no rendimento físico, o PCEJ apontou para possibilidades de ensino mais dialógicas, afetivas e emancipatórias. Como destaca Freire (2011), educar é um ato de coragem e compromisso com a liberdade. Tais categorias foram traduzidas em dispositivos pedagógicos no Caderno Pedagógico (planos, estratégias de mediação e avaliação formativa), materializando a resposta ao problema de pesquisa em um produto profissional replicável.

Assim, reafirma-se que a capoeira pode e deve ocupar lugar legítimo no currículo da Educação Física, desde que desenvolvida com criticidade, responsabilidade e abertura aos repertórios culturais dos estudantes — movimento sustentado tanto na discussão teórica quanto no recurso educacional que acompanha esta dissertação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

O Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ) foi concebido com o objetivo de promover uma experiência pedagógica inovadora, dialógica e culturalmente significativa para os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II. No âmbito desta pesquisa, a capoeira foi mobilizada como elemento cultural capaz de articular corpo, ludicidade, lazer e ancestralidade, constituindo um espaço educacional que reconhece e valoriza a pluralidade de saberes e expressões corporais presentes no cotidiano escolar.

Ao longo de 13 encontros, foi possível observar um processo de transformação qualitativa na postura dos estudantes em relação às aulas de Educação Física, bem

como em suas atitudes, discursos e percepções sobre si mesmos e sobre o outro. A proposta metodológica, baseada na interação, no protagonismo estudantil e na valorização do conhecimento popular, rompeu com práticas tradicionais centradas na repetição mecânica e no conteudismo abstrato. Em seu lugar, consolidou-se uma abordagem vivencial e crítica, profundamente conectada às experiências culturais e sociais dos estudantes, e sistematizada no recurso educacional produzido: o Caderno Pedagógico.

A capoeira revelou-se como experiência corporal educativa capaz de articular dimensões cognitivas, afetivas, históricas e simbólicas do processo formativo. Também se apresentou como ferramenta para o fortalecimento das identidades, para a construção de consciência crítica e para o enfrentamento das diversas formas de preconceito e exclusão ainda presentes no ambiente escolar. Essa compreensão foi traduzida em planos de aula, estratégias e reflexões reunidas no Caderno Pedagógico, que materializa a resposta ao problema de pesquisa e oferece suporte didático a outros docentes interessados em incluir a capoeira na escola.

O presente estudo reafirma que a Educação Física escolar, ao assumir uma abordagem cultural, plural e comprometida com os princípios da inclusão e da justiça social, pode contribuir significativamente para a formação de sujeitos autônomos, solidários e conscientes de seu papel na sociedade. A capoeira, nesse contexto, revelou-se como expressão da cultura corporal que transcende o mero movimento físico, constituindo-se em expressão de resistência, território de memória e experiência de emancipação.

Conclui-se que projetos como o PCEJ devem ser incentivados, replicados e aprimorados nas escolas públicas brasileiras, contribuindo para a efetiva implementação de um currículo que dialogue com a realidade dos estudantes, valorize suas culturas e promova o direito à diferença como condição para a igualdade. O recurso educacional elaborado nesta pesquisa reforça esse compromisso, ao sistematizar aprendizagens construídas e oferecer subsídios concretos para a implementação de propostas semelhantes em outros contextos escolares.

Espera-se que os resultados aqui apresentados inspirem outros profissionais da Educação a repensar suas práticas, a experimentar novas formas de ensinar e a reconhecer na cultura corporal — e especialmente na capoeira — uma possibilidade concreta de construção de uma educação humanizadora, libertadora e socialmente referenciada. Nesse sentido, o Caderno Pedagógico não deve ser compreendido como simples apêndice, mas como materialização do percurso investigativo, articulando pesquisa, docência e intervenção pedagógica, em consonância com o caráter profissional deste mestrado.

## REFERÊNCIAS.

BAKKE, Rachel Rua Baptista. Tem orixá no samba: Clara Nunes e a presença do candomblé e da umbanda na música popular brasileira. **Religião & Sociedade**, v. 27, p. 85-113, 2007.

ALVES, Flávio Soares. O encontro com a capoeira no tempo da vadiagem. **Movimento**, v. 19, n. 2, p. 277-300, 2013. Acesso em abril de 2025. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115326317006>.

ALVES, Maria Kelly Farias. **Resistência negra no círculo de cultura sociopoético: Pretagogia e produção didática para a implementação da lei 10.639/03 no Projoven Urbano**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.

BARALDI, Filippo Bonini. Inveja e corpo fechado no Maracatu de baque solto pernambucano. **Sociologia & Antropologia**, v. 11, p. 995-1023, 2022.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. *Psicologia & sociedade*, v. 23, p. 24-34, 2011.

BARBOSA, Matos; COSTA. **O Corpo na História ou a História do Corpo**. 2011.

BARJUD, Renan Almeida, SILVA, Fidel Machado de Castro, ROBLE, Odilon José. **Aproximações Entre A Roda De Capoeira E O Coro Ditirâmico Nos Rituais Dionisiacos Da Grécia Antiga**. Universidade de Campinas, Campinas, 2018.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: [data].

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Brasília: MEC, 1997.

CAMARGO, Luiz O. L. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CAVALCANTI, Diego. **O surgimento do conceito "corpo": implicações da modernidade e do individualismo**. 2005.

DA SILVA, Edna Lúcia; MENEZES Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação** – 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1995. – (Coleção Corpo e Motricidade).

DAOLIO, Jocimar. PONTO DE VISTA: **Por uma Educação Física plural**. Motriz. Journal of Physical Education. UNESP, p. 134-136, 1995.

DESCARTES, R. **Meditações sobre Filosofia Primeira**. Trad. João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultural, 1937.

Descartes, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DIAS, João Carlos Neves de Souza et al. **Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira**. Motriz: Revista de Educação Física, v. 16, p. 620-628, 2010.

DO AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira; DOS SANTOS, Valdenor Silva. **Capoeira, herdeira da diáspora negra do Atlântico: de arte criminalizada a instrumento de educação e cidadania**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 62, p. 54-73, 2015.

Escola Estadual Professora Cínthia Régia Gomes do Livramento - CDE 05. **Projeto Político-Pedagógico**. 2022. Manaus-AM.

FALCÃO, José Luiz Cerqueira. **A escolarização da vadiação: a Capoeira na Função Educacional do Distrito Federal**. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Educação Física UFRJ, 1994.

FALKEMBACH, E. **Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais**. Porto Alegre: Globo, 1987.

FARINA, Sinval. Pedagogia da mandinga\*: a capoeira como expressão de liberdade no currículo escolar e no mundo da rua. **Revista Didática Sistemática**, v. 13, n. 2, p. 94-106, 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2011.

GALLEP Cristiano de Mello. **A Capoeira Angola Diversificando a Universidade: semeando ecologia de saberes nas Artes da Cena**. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 12, n. 3, e113063, 2022. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/presenca> acesso em 26 fev. 2023.

GALLEP, L. **Capoeira e Educação Física Escolar: Reflexões pedagógicas**. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende; PEREIRA, Vinícius Oliveira. **Educação e patrimônio: notas sobre o diálogo entre a escola e a capoeira**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, p. 74-90, 2015.

IÓRIO, L. S.; DARIDO, S. C. **Educação Física, capoeira e Educação Física escolar: possíveis relações**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, [S. l.], v. 4, n. 4, 2009. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1314>. Acesso em: 5 jun. 2023.

JUSBRASIL, **Art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96**, disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691973/artigo-26-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>> acesso em: 04 de junho de 2023.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007

LUCENA, Ricardo de Figueiredo; TRIGUEIRO, Nilene Matos. **Educação, jogo de corpo e “mandinga” na capoeira de Bimba**. Cadernos CEDES, v. 38, p. 89-102, 2018.

LÜDORF, C.; ORTEGA, J. **Corpo e Movimento: Reflexões sobre a Educação Física**. São Paulo: FTD, 2013.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti; ORTEGA, Francisco Javier Guerrero. **Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de educação física**. Interface, Botucatu, v. 17, n. 46, p. 661-675, 2013.

LUSSAC, Ricardo M. Porto e TUBINO, Manoel J. Gomes. e. **A História e Trajetória de um Patrimônio do Brasil**. IN: Revista da Educação Física. Vol.20 nº 01, p.07-16. Maringá 2009.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1998.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves. Algumas considerações sobre Umbanda e Candomblé no Brasil. **Revista Contemplação**, n. 15, 2017.

MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio et. al. **Protagonismo infantil na educação física: uma experiência pedagógica com a capoeira**. Revista Portuguesa de Educação, v. 29, n. 2, p. 59-79, 2016.

MELLO, André da Silva. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. In: **Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**. 2002.

MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social. **Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2009.

MOURE, O. C. **Capoeira: Cultura e resistência afro-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2015.

MOURE, Óscar Curros. **Escolarização da capoeira como indutora da educação em e para os direitos humanos**. 2015.

NASCIMENTO, A. **Educação Física e Cultura Corporal na Escola**. Porto Alegre: Mediação, 2018.

NASCIMENTO, Carolina Picchetti. **Os significados das atividades da cultura corporal e os objetos de ensino da educação física**. Movimento, v. 24, n. 2, p. 677-690, 2018.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural: Inspiração e Prática Pedagógica**. São Paulo: Phorte, 2018.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Escolar e Cultura Corporal: Uma Proposta para o Ensino**. São Paulo: Phorte, 2019.

NEIRA, Marcos Garcia. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 215-223, 2018.

OLIVEIRA, Ronaldo Alves de; SOBRINHO Marlúcia Ribeiro; GOMES Antenor Rita. **Interfaces entre academias de capoeira e as atividades pedagógicas**: REVASF, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 9, n.19, p. 26-46, maio/junho/julho/agosto, 2019.

PEREIRA, Cynara Cristina Domingues Alves et al. Lutas na escola: desafios didático-pedagógicos. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 10, p. e9999-e9999, 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PUKE, C. **Memórias Afro-Brasileiras: Corpo, dança e resistência cultural**. São Paulo: Cortez, 2018.

PUKE, Natalia. **O corpo como escrita: (re)existências africanas na capoeira** / Natalia Puke. -- Rio Claro, 2018. 188 p.

REALLE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia: Do Renascimento à Idade Moderna**. São Paulo: Paulus, 2004.

REIS, André Luiz Teixeira. **Educação física & capoeira: saúde e qualidade de vida**. Thesaurus Editora, 2001.

RUFINO, C.; DARIDO, S. C. **Capoeira e Educação Física Escolar: Patrimônio cultural e educacional**. São Paulo: Cortez, 2015.

SANTANA, Wesley Brito. AS FOTOGRAFIAS NO FILME VADIAÇÃO DE ALEXANDRE ROBATTO: JOGO DE CORPO. **Anais dos Seminários de Iniciação Científica**, n. 24, 2020.

SANTIN, S. **Educação Física: Educar e Profissionalizar**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: outros caminhos**. Porto Alegre: EST, 1990.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e como Representação**. Tradução, Apresentação, Notas e Índices: Jair Barbosa. Editora UNESP. 2005.

SILVA, J.; GONZALEZ, M. **Capoeira: Jogo, luta e cultura**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SILVA, José Milton Ferreira da. **A Linguagem do Corpo na Capoeira**. Rio de Janeiro, RJ. Sprint, 2003.

SILVA, Lucas Contador Dourado da; FERREIRA, Alexandre Donizete. **Capoeira dialogia: o corpo e o jogo de significados**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 34, p. 665-681, 2012.

SILVA, Luciana Maria Fernandes. **Propostas para o ensino da capoeira nas aulas de educação física: possibilidades e intervenções para a prática pedagógica**. In:

- RUFINO, L. G. B. DARIDO, Suraya Darido. O ensino das lutas na escola: POSSIBILIDADES PARA A RDUCAÇÃO FÍSICA. Porto Alegre: Penso, 2015. 74-90.
- SILVA, M.; MENEZES, E. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.
- SIMAS, L. A; RUFINO, L. **Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Márula, 2018.
- SIMAS, L.; RUFINO, C. **Jogo de Corpo: Capoeira e ancestralidade**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- SLENES, R. **Identidades africanas e resistência cultural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SLENES, R. W. **“Malungu, ngoma vem!” África coberta e descoberta do Brasil**. In: Revista Usp, n. 12, 1992. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25575> Acesso em: 26 jun. 2023.
- SOARES, Daniel Quaresma Figueira. **A função do corpo na filosofia de Schopenhauer: conhecimento, metafísica e o problema da coisa em si**. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.
- TUBINO, M.; LUSSAC, J. **Capoeira: Arte e esporte**. São Paulo: Ed. Interativa, 2009.

## APÊNDICES E ANEXOS.

### APÊNDICE A - SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA CARTA DE ANUÊNCIA

Prezado(a) Senhor(a) Gestor(a) da Escola Estadual de Tempo Integral Profª Cíntia Régia Gomes do Livramento,

Solicitamos autorização para realização de uma pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade dissertação de mestrado, do(a) acadêmico: **Heres Wandame Albuquerque dos Santos**, discente do curso de **Mestrado Profissional em Educação Física** em Rede Nacional na área de Educação Física, sob a **matrícula nº. 2230472**. orientado pelo Professor Doutor João Luiz da Costa Barros, tendo como título preliminar “**Por que e como ensinar a Capoeira na Escola? Uma proposta cultural integrando corpo, lúdico e lazer no Ensino Fundamental II.**”.

**O Objetivo Geral** da pesquisa é: analisar os significados atribuídos pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental II às experiências formativas vivenciadas nas aulas do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ), articulando esses sentidos a uma proposta pedagógica fundamentada no referencial cultural da Educação Física. Como **objetivos específicos**: 1 - Analisar as relações entre as aulas de capoeira e os significados atribuídos ao corpo, à ludicidade e ao lazer, no contexto de suas dimensões culturais e plurais, bem como da interação dialógica entre os alunos; 2 – Compreender como as práticas corporais lúdicas na capoeira e as mediações pedagógicas realizadas contribuíram para a formação humana e cidadã dos alunos, promovendo valores como consciência crítica, responsabilidade, solidariedade e respeito à diversidade cultural; 3 – Elaborar uma proposta pedagógica fundamentada na capoeira como fenômeno sociocultural, estruturada a partir das vivências dos alunos e do ensino dialógico, para aplicação no contexto escolar.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL



Para a coleta dos dados o estudo pretende utilizar três instrumentos extensivos a serem aplicados com os alunos, respectivamente: a observação participante, a entrevista semiestruturada e o diário de campo.

Salientamos que todos os dados e informações necessárias para a pesquisa serão previamente submetidos à aprovação do responsável pela escola concedente.

A presente atividade é requisito para a conclusão do Curso de **Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional** – Câmpus UFAM.

Asseguramos que o nome da escola não será revelado na publicação das informações, caso a escola faça a opção pelo anonimato.

Agradecemos a atenção e nos colocamos ao inteiro dispor para melhores esclarecimentos.

Manaus, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
Mestrando(a)

\_\_\_\_\_  
Orientador(a)

Assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nessa instituição, que poderá ocorrer entre o período de 25/05/2024 a 25/05/2025, após a devida aprovação no Sistema CEP/CONEP.

Deferido ( )      ( ) Com anonimato      ( ) Sem anonimato

Indeferido ( )

\_\_\_\_\_  
Representante da escola concedente da pesquisa  
Assinatura e carimbo

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>1</sup>

O(a) seu(sua) filho(a)/tutelado(a), está sendo convidado(a) a participar do projeto da pesquisa **“Por que e como ensinar a Capoeira na Escola? Uma proposta cultural integrando corpo, lúdico e lazer no Ensino Fundamental II.”**, cujo pesquisador responsável é Heres Wandame Albuquerque dos Santos, com qual você pode entrar em contato pelo telefone (92) 98413-4746, e-mail: heres\_@live.com; e com o colaborador e orientador Prof.º Dr. João Luiz da Costa Barros, pelo telefone (92) 98554-9595, e-mail: jlbarros@ufam.edu.br, ou no endereço Av. Rodrigo Otávio, 3000, Coroadó, UFAM-Setor Sul- Mini Campus, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Manaus-AM.

O **objetivo geral** do projeto é: analisar os significados atribuídos pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental II às experiências formativas vivenciadas nas aulas do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ), articulando esses sentidos a uma proposta pedagógica fundamentada no referencial cultural da Educação Física. Seus **objetivos específicos** são: 1 - Analisar as relações entre as aulas de capoeira e os significados atribuídos ao corpo, à ludicidade e ao lazer, no contexto de suas dimensões culturais e plurais, bem como da interação dialógica entre os alunos; 2 – Compreender como as práticas corporais lúdicas na capoeira e as mediações pedagógicas realizadas contribuíram para a formação humana e cidadã dos alunos, promovendo valores como consciência crítica, responsabilidade, solidariedade e respeito à diversidade cultural; 3 – Elaborar uma proposta pedagógica fundamentada na capoeira como fenômeno sociocultural, estruturada a partir das vivências dos alunos e do ensino dialógico, para aplicação no contexto escolar.

O(a) seu(sua) filho(a)/tutelado(a) está sendo convidado(a), porque faz parte do quadro de estudantes matriculados no ano letivo de 2024, nas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II, na EETI Profª Cíntia Régia Gomes do Livramento.

O(A) Sr(a). tem plena liberdade de recusar a participação do seu(sua) filho(a)/tutelado(a) ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que ele(a) recebe nesta Instituição Escolar (de acordo com o Item IV.3.d, da Res. CNS nº. 466 de 2012).

---

<sup>1</sup> Rubricas \_\_\_\_\_ (Responsável Legal)

\_\_\_\_\_ (Pesquisador)

Caso aceite a participação do(a) estudante, ele(a) participará de um experimento de ensino envolvendo experiências formativas em aulas de movimentos da capoeira, destacando sua relação com o corpo, lúdico e o lazer a partir de uma proposta didático-pedagógica fundamentada nos pressupostos socioculturais na perspectiva do humanismo. No decorrer do estudo, o aluno contribuirá de forma significativa para os resultados da pesquisa, uma vez que ele será observado e entrevistado a fim de compreender as perspectivas e significados atribuídas por ele(a) à capoeira no contexto educacional. Ressalto que a entrevista não incluirá o nome do aluno e será de confidencialidade e privacidade total aos pesquisadores, com plena proteção dos dados coletados.<sup>2</sup>

De acordo com a resolução CNS 466/12, item V: “Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradações variadas”, e o item II. 22 da mesma resolução define como “Risco da pesquisa – possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente”. No caso deste projeto, há o risco da dimensão física, psíquica e social, no sentido de que a capoeira é uma atividade física que envolve movimentos dinâmicos e acrobáticos, o que pode aumentar o risco de lesões. Na dimensão psíquica, participar de atividades físicas em grupo pode expor os alunos a situações constrangedoras, como falhas na execução de movimentos ou interações sociais negativas com colegas. Além disso, alguns alunos podem sentir-se pressionados a executar os movimentos da capoeira ou a participar das atividades em grupo, o que pode gerar estresse emocional e ansiedade. Por fim, as dimensões sociais e culturais, o discente com habilidades motoras limitadas ou dificuldades de aprendizagem pode se sentir excluído ou desencorajado durante as atividades e se isso acontecer, pode levá-lo à desmotivação e à falta de participação nas aulas de Educação Física, afetando negativamente seu bem-estar físico e emocional.

Para mitigar esses riscos, o pesquisador responsável adotará medidas de segurança adequadas fornecendo orientações claras sobre a execução segura dos movimentos da capoeira e fará a supervisão constante durante as atividades ficando atento às necessidades individuais dos participantes. Além disso, adotaremos didáticas que criem um ambiente inclusivo e acolhedor, onde todos os alunos possam se sentir valorizados e respeitados, independentemente de seu nível de habilidade ou desempenho durante a pesquisa.

Estão assegurados o direito a indenizações e cobertura material para reparação de quaisquer danos provenientes desta pesquisa ao participante (conforme resolução CNS nº. 466 de 2012, itens III. 2. o, IV. 3.h, IV.4.c e V.6 e .7).

---

<sup>2</sup> Rubricas \_\_\_\_\_ (Responsável Legal)

\_\_\_\_\_ (Pesquisador)

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Contribuição para o desenvolvimento integral dos alunos, abrangendo corpo, mente e espírito. Uma vez que a capoeira envolve aspectos físicos, cognitivos e culturais. A capoeira é uma forma de resistência e inclusão social. Ao participar, os alunos podem se sentir empoderados, superando estereótipos e preconceitos.

A capoeira também é um produto e processo cultural brasileiro. Por isso, participar dessa manifestação ajudará o aluno a compreender melhor sua própria identidade cultural e a valorizar a diversidade.

Ela combina elementos de artes marciais, dança, música e história. Os alunos podem aprender de forma interdisciplinar, conectando diferentes áreas do conhecimento.

Além disso, a capoeira oferece uma experiência lúdica e ativa, promovendo o movimento corporal, a musicalidade e o lazer de forma saudável. Ao explorar a relação entre capoeira, corpo e lazer, os alunos poderão desenvolver habilidades de reflexão crítica sobre questões culturais e sociais. Esses benefícios podem enriquecer a experiência educacional dos alunos e contribuir para uma formação mais completa e consciente.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. Garantimos ao(à) Sr.(a), o ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente. Caso necessário, será ressarcido em pecúnia. Também estão assegurados ao(à) Sr.(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao(à) Sr.(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário. Garantimos ao(à) Sr.(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O(A) Sr.(a) pode entrar em contato com o pesquisador responsável Heres Wandame Albuquerque dos Santos a qualquer tempo para informação adicional nos telefones, e-mails e endereço disponibilizados no início do Termo. O(A) Sr.(a) também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multidisciplinar e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a páginas que contém o espaço de assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr.(a) e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

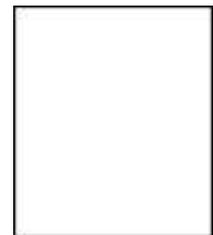
### CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

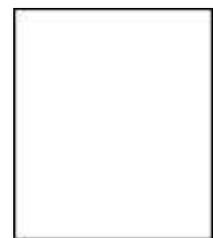
Manaus, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável Legal

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA



IMPRESSÃO DACTILOSCÓPICA

## APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“Por que e como ensinar a Capoeira na Escola? Uma proposta cultural integrando corpo, lúdico e lazer no Ensino Fundamental II.”**, coordenada pelo pesquisador Heres Wandame Albuquerque dos Santos, telefone (92) 984134746. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos compreender os significados das experiências vividas pelos alunos nas séries finais do ensino fundamental II nas aulas de movimento da capoeira, destacando sua relação com o corpo, lúdico e o lazer, tendo como foco apresentar uma proposta didático-pedagógica fundamentada nos pressupostos socioculturais na perspectiva do humanismo.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Os alunos que irão participar desta pesquisa têm que estarem regularmente matriculados no 9º ano do ensino fundamental.

A pesquisa será feita na escola onde você estuda, onde você e sua turma irão participar de um experimento de ensino envolvendo experiências formativas em aulas de movimentos da capoeira, destacando sua relação com o corpo, lúdico e o lazer, a partir de uma proposta didático-pedagógica fundamentada nos pressupostos socioculturais na perspectiva do humanismo. Sua participação poderá contribuir de forma significativa para os resultados da pesquisa, uma vez que será observado e entrevistado a fim de compreendermos as perspectivas e significados atribuídos por você e seus colegas a respeito da capoeira no contexto educacional.

De acordo com a resolução CNS 466/12, item V: “Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradações variadas”, no caso deste projeto, há o risco na dimensão física, psíquica e social, pois a capoeira é uma atividade física que envolve movimentos dinâmicos e acrobáticos, o que pode aumentar o risco de lesões. Na dimensão psíquica, participar de atividades físicas em grupo pode expor os alunos a situações constrangedoras, como falhas na execução de movimentos ou interações sociais negativas com colegas. Além disso, alguns alunos podem sentir-se pressionados a executar os movimentos da capoeira ou a participar das atividades em grupo, o que pode gerar estresse emocional e ansiedade. Por fim, as dimensões sociais e culturais, o discente com habilidades motoras limitadas ou dificuldades de aprendizagem pode se sentir excluído ou desencorajado durante as atividades e se isso acontecer, pode levá-lo à desmotivação e à falta de participação nas aulas de Educação Física, afetando negativamente seu bem-estar físico e emocional.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados e divulgados de forma que não seja possível



a identificação de sua participação nesta pesquisa, assim, ela será anônima e sua identificação será por meio de códigos alfanuméricos.

### **CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO**

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa  
“Por que e como ensinar a Capoeira na Escola? Uma proposta cultural integrando corpo, lúdico e lazer no Ensino Fundamental II.”.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

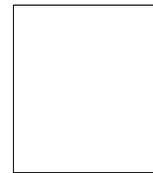
Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma via deste termo de assentimento. A outra via ficará com o pesquisador responsável Heres Wandame Albuquerque dos Santos. Li o documento e concordo em participar da pesquisa.

Manaus, \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do menor



Impressão  
datiloscópica do  
participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

## APÊNDICE D - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO E PRODUÇÃO DO DIÁRIO DE CAMPO

(com gravações e registros fotográficos)

### Objetivo

Criar uma memória do trabalho desenvolvido e registrar as aulas de capoeira do Projeto Capoeira na Escola para Jovens - PCEJ.

Montar, por meio de fotografias, representações dos acontecimentos observáveis durante o experimento didático formativo.

### Diário de campo

No diário de campo será registrado a observação das interações verbais e não verbais entre alunos e entre alunos e professor, que ocorrerão nos 11 encontros/aulas do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens – PCEJ.

### Rituais da observação

- Local escolhido;
- Público-alvo: Alunos, seus comportamentos e interações;
- Horário;
- Descrição do ambiente;
- O processo de ensino-aprendizagem;

### Registro no diário de campo

- Descrição da observação de gestos, expressões faciais/corporais, falas, ações, ideias e reflexões;
- Motivação, relações interpessoais;
- Tomada de decisões, facilidades e dificuldades encontradas;
- Sentimentos e percepções durante o experimento formativo;

### Registro fotográfico

Ação dos jovens em atividade durante as aulas de capoeira do Projeto Capoeira na Escola para os Jovens – PCEJ.

## APÊNDICE E - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### Parte inicial:

A turma foi entrevistada de forma coletiva e responderam perguntas disparadoras sobre as aulas de capoeira do projeto “Capoeira na Escola Para os Jovens - PCEJ”. As perguntas foram pensadas para instigar os discentes a expor suas percepções de aprendizado a partir das vivências no projeto de capoeira e como essa prática pode ser importante para a formação humana.

### Perguntas aplicadas:

1. Fale livremente sobre o lazer.
2. Fale livremente sobre o corpo.
3. Fale livremente sobre o lúdico/ludicidade.
4. Fale livremente sobre o Projeto Capoeira na Escola para os Jovens (PCEJ).
5. O que você mais gostou do projeto?
6. A capoeira pode ensinar algo importante?
7. Como a capoeira se relaciona com a Educação Física?
8. Como a capoeira se relaciona com a história do Brasil?
9. O que você acha que poderia melhorar nas aulas de capoeira?
10. Apontem pontos positivos e negativos sobre as aulas.

## APÊNDICE F - POSSIBILIDADE DE PLANO ANUAL/BIMESTRAL

BIMESTRE	EIXOS TEMÁTICOS	TEMAS PRINCIPAIS	HABILIDADES DESENVOLVIDAS	ESTRATÉGIAS	AVALIAÇÃO
1º	Identidade e Cultura Corporal	Corpo e Capoeira; História e Resistência Afro-brasileira	Reconhecer o corpo como construção histórica e cultural. Identificar a capoeira como expressão de resistência.	Rodas de conversa, vídeos, vivências corporais	Participação, escuta ativa, produção escrita, autoavaliação
2º	Capoeira e Dimensões Culturais e Lúdicas	Capoeira como lazer, dança, brincadeira	Valorizar o lúdico na vivência cultural corporal; compreender a diversidade cultural.	Jogos, coreografias, sequências de movimento	Registros visuais e textuais, roda de avaliação, autoavaliação
3º	Capoeira e Ginástica / Artes Marciais	Força, equilíbrio, acrobacia; Comparações com outras lutas	Explorar capacidades físicas e simbólicas da capoeira; refletir sobre ética e respeito.	Estações práticas, circuitos, debates	Autoavaliação, observação, produção reflexiva
4º	Capoeira e Esporte / Avaliação do Projeto	Esportivização; Avaliação geral e socialização	Refletir criticamente sobre a esportivização; sistematizar conhecimentos vivenciados.	Simulações, entrevistas coletivas, produções artísticas	Sínteses orais, escritas, criativas e autoavaliação dos aprendizados

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).